

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

CAMILA CANDEIAS FOEGER

**A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS
FALADO EM SANTA LEOPOLDINA/ES**

VITÓRIA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

**A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS
FALADO EM SANTA LEOPOLDINA/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Coutinho Yacovenco.

VITÓRIA

2014

Aos meus pais, Luciano e Julia, meus maiores exemplos de vida. Com todo meu amor e gratidão, dedico este trabalho a vocês, que sempre me apoiaram e não mediram esforços para investir na minha formação.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, meu amparo e refúgio, por sempre estar presente em minha vida, conduzindo meus passos.

À Aparecida Krohling, grande amiga, conselheira, que me incentivou a fazer o mestrado e sempre me apoiou muito durante toda a minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais, meus heróis, por tudo que me ensinaram e pelos exemplos de fé, coragem, amor e determinação. Em particular, neste processo da pesquisa do mestrado, agradeço muito por terem sido, como leopoldinenses, meus maiores guias durante grande parte das entrevistas. Sem vocês, a realização deste trabalho não seria possível. As histórias de cada saída em busca de informantes serão sempre guardadas por mim com muito carinho. Sem dúvida, foi uma das experiências mais ricas da minha vida.

À professora Lilian Yacovenco, pela paciência, compreensão, dedicação e carinho com que me orientou nesta pesquisa. Obrigada por tudo! Certamente você foi muito mais do que uma orientadora.

À professora Marta Scherre, pela amizade e pelas valiosíssimas contribuições durante todo o processo deste trabalho. Admiro muito sua paixão pela Sociolinguística. Serei sempre grata por seus ensinamentos.

À professora Raquel Freitag, pela disponibilidade, atenção e contribuições no exame de qualificação.

À amicíssima e companheira de jornada Lays Lopes, pela parceria na constituição da amostra e pelos telefonemas e inúmeras mensagens trocadas compartilhando nossas dúvidas, angústias e alegrias.

Ao meu irmão, Adriano Foeger, pelos conselhos, pela amizade e por ter sido sempre tão compreensivo e paciente comigo. Obrigada também por ter sido meu motorista

em muitas das viagens a campo. A minha prima-irmã, Andreia Foeger, que sempre esteve ao meu lado e me encorajou durante minha primeira entrevista.

A todos os nossos guias, especialmente Anderson Foeger, taxista, que disponibilizou generosamente um dia inteiro de seu trabalho e nos apresentou a muitos informantes. A Ângelo Maciel, amigo de infância, que dedicou um domingo a nós como guia na comunidade em que cresceu. Agradeço também à sua família, que nos recebeu maravilhosamente em sua casa. A Patrícia Gonoring, que também se disponibilizou a nos acompanhar e intermediou alguns importantes encontros. Não poderia deixar de mencionar, ainda, nesse sentido, a contribuição de Armando Barth, que também teve um papel importante para a constituição da nossa amostra. Nunca me esquecerei das aventuras vividas, sobretudo dos apertos que passamos nos atoleiros das estradas (risos).

Aos que nos ajudaram nas transcrições, em especial a Aline Berbert e Samine Benfica.

A todos os leopoldinenses que desinteressadamente nos acolheram em suas casas e compartilharam conosco suas histórias de vida. Nós aprendemos muito com cada de vocês. E não podemos deixar de agradecer também pelos cafezinhos depois das entrevistas.

Às amigas e colegas de mestrado, em especial a Cristiana Reimman e a Melina Leite, pela cumplicidade nesta caminhada e Elizana Bremenkamp, pelo ombro amigo e pelas “pitangas choradas” nos corredores da Ufes.

À Amanda Rodrigues e Bárbara Scalzer, pela amizade e apoio desde a época da faculdade.

Aos familiares e amigos, pelo incentivo e pela compreensão das ausências.

À Capes, pelo apoio financeiro, que foi indispensável para a realização deste estudo.

“Então, de uma pequena elevação que ia galgando, Milkau, o olhar espraiado na paisagem, dominava a povoação apertada entre a montanha e o Santa Maria. Cheia de luz, com a sua casaria toda branca, em plena glória de cor, da claridade e da música feita dos sons da cachoeira, represa do férvido rio que se liberta em franjas de prata, a cidadezinha era naquele delicioso e rápido instante a filha do sol e das águas.”

Canaã - Graça Aranha

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar os fenômenos da alternância dos pronomes *nós/a gente* e da aplicação da concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala dos moradores da área rural de Santa Leopoldina. Também tem por objetivo estabelecer uma comparação entre o comportamento linguístico dos leopoldinenses e dos capixabas moradores de Vitória/ES (MENDONÇA, 2010; BENFICA, 2013). Para tanto, adota-se como perspectiva teórica a Sociolinguística Variacionista, que se baseia no uso real da língua, pressupondo que a variação e a mudança, inerentes ao sistema, são influenciadas por fatores linguísticos e sociais. O *corpus* é constituído por trinta e duas entrevistas tipicamente labovianas (LABOV, 2008) e, para a quantificação dos dados, utilizou-se o programa GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os fatores sociais observados foram o gênero/sexo, a faixa etária e a escolaridade dos falantes. Quanto aos linguísticos, analisaram-se a explicitude do sujeito, o paralelismo, a referencialidade, a função sintática, o tempo verbal e a saliência fônica. Considerou-se também, neste estudo, a variável estilística interação com a entrevistadora. Os resultados mostram que a substituição de *nós* por *a gente* em Santa Leopoldina parece ocorrer em ritmo mais lento que o constatado em Vitória, visto que a frequência de uso da forma inovadora é de apenas 53,9%, enquanto em Vitória o índice chega a 70,8%. Destaca-se, entre as variáveis sociais observadas, a atuação da faixa etária, que apresenta resultados bem diversos não só de Vitória, mas também de outras regiões brasileiras, tais como Rio de Janeiro/RJ (OMENA, 1986), Curitiba/PR (TAMANINE, 2010), Iboruna/SP (RUBIO, 2012) e Goiás/GO (MATTOS, 2013): nestas localidades, os jovens são os que mais fazem uso de *a gente*, ao passo que, entre os leopoldinenses, a única faixa etária que favorece essa forma inovadora é a de 26 a 49 anos. Quanto à ausência de concordância, que parece ser uma marca da variedade rural, também são os mais jovens os que mais a favorecem. No que concerne às variáveis linguísticas, ressalta-se a atuação do tempo verbal: há a especialização do morfema *-mos* como marca de pretérito perfeito e o presente é o único tempo em que há variação de concordância. A variável estilística também apresenta resultados significativos, sendo o uso do *nós* e o apagamento da concordância favorecidos quando a interação ocorre com quem está mais próxima da comunidade, isto é, com a entrevistadora que é natural do município.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; alternância *nós/a gente*; concordância com o pronome *nós*; variedade capixaba rural.

ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze the phenomena of alternation of the pronouns *nós/a gente* and the application of the verbal agreement of the first person plural in the speech of residents of the countryside of Santa Leopoldina. Also aims to establish a comparison between the linguistic behavior of leopoldinenses and capixaba residents of Vitória/ES (MENDONÇA, 2010; BENFICA, 2013). Therefore, we adopt as theoretical perspective Variational Sociolinguistics, which is based on real usage of the language, assuming that the variation and change, inherent to the system, are influenced by linguistic and social factors. The *corpus* consists of thirty-two typically labovian interviews (LABOV, 2008) and, for the quantification of the data, we used the program GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The observed social factors were the gender/sex, age and educational level of the speakers. Regarding to linguistic factors, were analyzed the explicitness of the subject, the parallelism, the referentiality, the syntactic function, the verbal tense and phonic salience. It was also considered, in this study, the variable stylistic interaction with the interviewer. The results show that the substitution of *nós* by *a gente* in Santa Leopoldina seems to occur at a slower pace than seen in Vitória, since the frequency of use of the innovative form is only 53,9%, while in Vitória the rate reaches 70,8%. , It is noteworthy, among social variables observed, the role of age, which shows diverse results not only in Vitória, but also from other brazilian regions, such as Rio de Janeiro/RJ (OMENA, 1986), Curitiba/PR (TAMANINE, 2010), Iboruna/SP (RUBIO, 2012) and Goiás/GO (MATTOS, 2013): in these places, young people are the ones who make the most usage of *a gente*, whereas, between the leopoldinenses, the only age group favoring this innovative form is the one from 26 to 49 years old. In relation to the absence of concordance, which seems to be a trademark of rural variety, also are the youngest those who favor more. In what concerns the linguistic variable, the study highlights the role of the verbal tense: there is the specialization of *-mos* morpheme as a mark of past past perfect and this is the only time when there is variation of concordance. The stylistic variable also presents significant results, with the use of *nós* and the erasure of concordance favored when they interact with those who are closest to the community, that is, with the interviewer that is native of the city.

Keywords: Variational Sociolinguistics; interchange *nós/a gente*; concordance with the pronoun *nós*; rural capixaba variety.

LISTA DE ABREVIATURAS

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PortVix – Projeto “O Português Falado na Cidade de Vitória”

1PP – Primeira Pessoa do Plural

3PS – Terceira Pessoa do Singular

LISTA DE MAPAS E FOTOGRAFIAS

Mapa 1 – Divisão regional do Espírito Santo.....	53
Fotografia 1 – Vista panorâmica do centro de Santa Leopoldina (início do séc. XX)	56
Fotografia 2 – Rua principal de Santa Leopoldina (início do séc. XX).....	56
Fotografia 3 – Vista panorâmica do centro de Santa Leopoldina (início do séc. XXI)	57
Fotografia 4 – Rua principal de Santa Leopoldina (início do século XXI)	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Fluxo escolar por faixa etária – Vitória/ES – 2010	61
Gráfico 02: Fluxo escolar por faixa etária – Santa Leopoldina/ES – 2010.....	61
Gráfico 03: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> no português falado na zona rural de Santa Leopoldina.....	96
Gráfico 04: Comparação da distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas amostras de Santa Leopoldina e Vitória.....	97
Gráfico 05: Efeito da variável faixa etária no uso de <i>a gente</i> em Vitória e Santa Leopoldina.....	107
Gráfico 06: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina	118
Gráfico 07: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso da concordância verbal junto ao sujeito <i>nós</i> em Santa Leopoldina.....	120

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01: Resumo dos resultados dos trabalhos consultados na revisão da literatura.	51
Quadro 02: Resumo dos grupos de fatores analisados na pesquisa da 1PP na zona rural de Santa Leopoldina/ES	94
Tabela 01: Frequência do uso de <i>a gente x nós</i> em todas as funções (sintáticas) - Adaptação da Tabela 1 de Omena (1986, p. 288)	30
Tabela 02: Porcentagens e probabilidades de <i>a gente</i> na função de sujeito, para saliência fônica - Adaptação da tabela 3 de Omena (1986, p. 297)	31
Tabela 03: Década: dados do PB. Valor de aplicação: <i>a gente</i> (LOPES, 2003, p. 124)	34
Tabela 04: Atuação da tipologia semântica sobre <i>a gente em tempo real de curta duração</i> . Adaptação da tabela 5.8 de Lopes (2003, p. 131).....	35
Tabela 05: Atuação da variável social faixa etária no uso de <i>a gente</i> pelos moradores de Vitória. (MENDONÇA, 2010, p. 73)	37
Tabela 06: Efeito da variável paralelismo no uso da forma <i>a gente</i> . (MENDONÇA, 2010, p. 77)	38
Tabela 07: Referencialidade da forma <i>a gente após amalgamação de grupos de fatores</i> . (MENDONÇA, 2010, p. 82)	39
Tabela 08: Atuação das variáveis sujeito e complementos verbais no uso de <i>a gente</i> . (MENDONÇA, 2010, p. 83)	39
Tabela 09: Atuação da variável <i>tempo verbal</i> sobre a variante <i>a gente</i> nos dados de Curitiba (TAMANINE, 2010) - Adaptação da tabela 4 de Tamanine (2010, p. 156) ..	42
Tabela 10: Estrutura fundiária – Santa Leopoldina	58
Tabela 11: População residente e taxa de crescimento populacional nos municípios de Santa Leopoldina e Vitória	59
Tabela 12: Escolaridade da população adulta de Santa Leopoldina, Vitória e Brasil, 2010	62
Tabela 13: Composição da amostra de acordo com as variáveis sociais	68

Tabela 14: Atuação da variável social escolaridade no uso de <i>a gente</i> em Vitória/ES (MENDONÇA, 2010, p. 108)	98
Tabela 15 – Efeito da variável paralelismo no uso da forma <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	99
Tabela 16: Atuação da variável tempo verbal + saliência fônica no uso da forma <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	102
Tabela 17: Atuação da variável social faixa etária no uso de <i>a gente</i> pelos moradores de Vitória (MENDONÇA, 2010, p. 84)	104
Tabela 18: Atuação da variável social <i>faixa etária</i> no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	106
Tabela 19: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES.....	111
Tabela 20 - Cruzamento do efeito da variáveis interação com a entrevistadora e faixa etária no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES.....	111
Tabela 21: Atuação da variável referencialidade no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	112
Tabela 22: Atuação da variável explicitude do sujeito no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	114
Tabela 23 – Cruzamento das variáveis explicitude do sujeito e paralelismo linguístico no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	115
Tabela 24 – Atuação da variável gênero/sexo no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	116
Tabela 25: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES.....	117
Tabela 26: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso da concordância verbal junto ao sujeito <i>nós</i> em Santa Leopoldina/ES	119
Tabela 27 – Atuação da variável escolaridade no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	121
Tabela 28 – Atuação da variável posição sintática no uso de <i>a gente</i> em Santa Leopoldina/ES	123
Tabela 29: Efeito da variável saliência fônica na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> em Santa Leopoldina/ES.....	125

Tabela 30: Cruzamento das variáveis tempo verbal e faixa etária na concordância junto ao pronome <i>nós</i> em Santa Leopoldina/ES	127
Tabela 31: Efeito da variável tempo verbal na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> em Santa Leopoldina/ES.....	127
Tabela 32: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> em Santa Leopoldina/ES.....	128
Tabela 33: Atuação da variável referencialidade na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> em Santa Leopoldina/ES.....	128
Tabela 34: Efeito da variável neutralização na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> no tempo presente em Santa Leopoldina/ES	130
Tabela 35: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> no tempo presente em Santa Leopoldina/ES	130
Tabela 36: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso da concordância junto ao pronome <i>nós</i> no tempo presente em Santa Leopoldina/ES	131
Tabela 37: Cruzamento do efeito das variáveis interação com a entrevistadora e faixa etária na realização da concordância verbal de 1PP em Sta Leopoldina/ES .	131
Tabela 38: Efeito da variável faixa etária na concordância verbal com o pronome <i>nós</i> em Vitória/ES	131
Tabela 39: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> no tempo presente (com a variável neutralização) em Santa Leopoldina/ES.....	132
Tabela 40: Atuação da variável saliência fônica na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> no tempo presente em Santa Leopoldina/ES	132
Tabela 41: Cruzamento do efeito das variáveis faixa etária e saliência fônica no da não concordância com o sujeito <i>nós</i>	136
Tabela 42: Cruzamento do efeito das variáveis faixa etária e tempo presente + Grau 2 de saliência fônica no uso de <i>a gente</i>	137
Tabela 43: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> no pretérito perfeito em Santa Leopoldina/ES.....	138
Tabela 44: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome <i>nós</i> no tempo presente com os verbos <i>ser, ir e estar</i> em Santa Leopoldina/ES.....	141
Tabela 45: Atuação da variável gênero/sexo no uso concordância junto ao pronome <i>nós</i> no tempo presente com os verbos <i>ser, ir e estar</i> em Santa Leopoldina/ES	142

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NÓS / A GENTE	20
2.1. A INSERÇÃO DE A GENTE NO SISTEMA PRONOMIAL – BREVE PERCURSO HISTÓRICO	20
2.2 O TRATAMENTO DE A GENTE PELA TRADIÇÃO GRAMATICAL.....	22
2.3 ANTECEDENTES NO ESTUDO DA VARIAÇÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	29
2.3.1 OMENA (1986)	29
2.3.2 LOPES (2003)	33
2.3.3 MENDONÇA (2010)	36
2.3.4 TAMANINE (2010)	40
2.3.5 RUBIO (2012)	43
2.3.6 MATTOS (2013)	46
2.3.7 <i>Quadro sinóptico dos resultados dos trabalhos consultados</i>	50
3. A COMUNIDADE DE FALA	53
3.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO	53
3.2 UM CONTRAPONTO: SANTA LEOPOLDINA VERSUS VITÓRIA	59
3.3 O PORTUGUÊS RURAL: ALGUMAS PONDERAÇÕES.....	63
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	66
4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	66
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	68
4.3 VARIÁVEIS DEPENDENTES.....	72
4.3.1 <i>Noção de primeira pessoa do plural</i>	72
4.3.2 <i>Aplicação da concordância verbal junto a primeira pessoa do plural</i>	73
4.4. VARIÁVEIS INDEPENDENTES	74
4.4.1 <i>Variáveis linguísticas</i>	76
4.4.1.1 Explicitude do sujeito	76
4.4.1.2 Paralelismo linguístico	78
4.4.1.3 Referencialidade	80

4.4.1.4 Função sintática	86
4.4.1.5 Tempo verbal	88
4.4.1.6 Saliência fônica	90
4.4.2 Variáveis sociais	92
4.4.2.1 Gênero/sexo	92
4.4.2.2 Faixa etária	92
4.4.2.3 Escolaridade	93
4.3.3 Variável estilística.....	93
4.3.3.1 Interação com a entrevistadora	94
4.3.4 Quadro sinóptico dos grupos de fatores analisados	94
5. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	96
5.1 O FENÔMENO DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL	96
5.1.1 Paralelismo linguístico	99
5.1.2 Tempo verbal + Saliência fônica	100
5.1.3 Faixa etária	106
5.1.4 Interação com a entrevistadora	110
5.1.5 Referencialidade	112
5.1.6 Explicitude do sujeito.....	114
5.1.7 Gênero/Sexo	116
5.1.8 Variável não selecionada: escolaridade	121
5.1.9 Posição sintática.....	121
5.2 O FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA VERBAL	124
5.2.1 Rodada com os fatores agrupados em concordância e não concordância	124
5.2.2 Rodada considerando apenas o tempo presente.....	129
5.2.3 Concordância não padrão 1: mudança de vogal temática - marca da variedade rural da Língua Portuguesa?.....	138
5.2.4 Concordância não padrão 2: nós + 3PP – algumas ponderações.....	141
6. CONCLUSÕES	143
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
ANEXO A – Roteiro base para a realização das entrevistas	153

ANEXO B – Modelo do termo de consentimento	160
ANEXO C – Mapa da divisão territorial do município de Santa Leopoldina/ES	161
ANEXO D - Detalhamento das características sociais dos informantes.....	162
ANEXO E – Mapa panorâmico do centro da cidade de Santa Leopoldina/ES.....	164
ANEXO F – Mapa da malha rodoviária do município de Santa Leopoldina/ES	165

1. INTRODUÇÃO

No português brasileiro, doravante PB, há duas formas para designar a expressão de primeira pessoa do plural: *nós* - forma mais antiga, conservadora ou canônica – e *a gente* - forma mais recente, nova ou inovadora. Sob o prisma da Sociolinguística Variacionista, a qual postula que a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas ordenada, passível de sistematização (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006), propomo-nos a investigar como se configuram os fenômenos da alternância pronominal *nós/a gente* e da concordância verbal de primeira pessoa do plural no português falado na área rural de Santa Leopoldina, buscando identificar quais são os fatores que atuam na escolha do falante.

Sendo assim, para o desenvolvimento do nosso trabalho, fomos ao campo de estudo para coletar os dados. A amostra é constituída por trinta e duas entrevistas tipicamente labovianas (LABOV, 2008), gravadas entre os meses de novembro/2011 e janeiro/2013. Para a seleção do informante, adotamos os seguintes critérios: (i) ter nascido no município; (ii) residir na zona rural; (iii) não ter morado mais que 1/4 de sua vida em outra cidade; (iv) não trabalhar ou ter trabalhado em centros urbanos. Depois de gravar e transcrever as entrevistas, procedemos ao levantamento e codificação dos dados para então submetê-los ao tratamento estatístico, utilizando o programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

A partir do projeto “O Português Falado na cidade de Vitória” (YACOVENCO *et al.*, 2012), doravante PortVix, iniciado em 2000, desenvolveram-se várias pesquisas de cunho variacionista objetivando a descrição da fala capixaba. No entanto, ainda não há no Espírito Santo estudos referentes ao português rural. Por isso o interesse em estudar o vernáculo de Santa Leopoldina, município com a maior proporção de população rural (78,6%) do estado, de acordo com resultados do censo demográfico de 2010¹.

¹ DISTRIBUIÇÃO populacional no Espírito Santo: resultados do censo demográfico de 2010. Resenha de conjuntura. IJSN, Vitória, ano IV, n. 27, maio 2011.

Ao expandirmos as investigações para outra comunidade de fala, esperamos cooperar com o mapeamento do fenômeno no estado, trazendo, sobretudo, a observação da distribuição geográfica (zona rural vs zona urbana) como fator social que acreditamos ser de significativa importância. Para tanto, a fim de traçarmos esse comparativo, baseamo-nos no trabalho de Mendonça (2010), referente ao português falado em Vitória, capital do Espírito Santo. Os estudos sociolinguísticos, como já sabido, concentram-se em áreas urbanas e há grande número de trabalhos sobre a temática ora em tela, porém poucas são as pesquisas na área rural, por isso a relevância do estudo em pauta. Como argumenta Rubio (2012, p. 20), “o estudo de uma comunidade de fala pode revelar características que lhe são peculiares, o que a faz única e o que impulsiona a investigação de um tema recorrente em outras variedades do português brasileiro”.

Temos por hipótese que, na área rural de Santa Leopoldina, assim como verificado em várias outras regiões brasileiras, também encontraremos um predomínio da forma inovadora sobre o pronome *nós*. Entretanto, julgamos que a implementação de *a gente* esteja em um estágio menos avançado, pois, como observa Maia (2003, p. 48), “comunidades rurais e urbanas apresentam ritmos de mudanças distintos”.

O uso variável de *nós* e *a gente* para expressão de primeira pessoa do plural não é marcado por estigmatização ou prestígio social, daí essas formas serem usadas por falantes de todos os níveis sociais e de escolarização. Entretanto, a ausência de concordância entre o pronome sujeito e o verbo, seja *nós fala* ou *a gente falamos* – este último pouco frequente no PB e não encontrado na comunidade de fala de Santa Leopoldina -, é bastante estigmatizada, como a ausência de concordância nominal ou de concordância verbal de 3ª pessoa. Por isso, também se constitui objetivo desta pesquisa analisar a concordância verbal junto ao pronome *nós*, pois, ao contrário de Vitória, em que a frequência de *nós* + \emptyset é muito baixa - cerca de 10%, segundo Benfica e Scherre (2013) - em Santa Leopoldina há um percentual de uso expressivo desse tipo de construção (52,5%).

Feita a apresentação do tema, neste primeiro capítulo introdutório, expomos a seguir a distribuição e conteúdo dos demais capítulos que constituem este trabalho. No

segundo capítulo, tentamos oferecer um cenário da alternância pronominal *nós/a gente*. Desse modo, no primeiro momento, abordamos sumariamente o percurso histórico da inserção da forma inovadora no paradigma dos pronomes pessoais. Em seguida, trazemos um pequeno levantamento para verificar como a forma *a gente* tem sido tratada nas gramáticas. Por fim, é feita uma revisão da literatura, apresentando alguns resultados de estudos anteriores que possam servir de base para a discussão do fenômeno na zona rural de Santa Leopoldina.

No capítulo três, expomos algumas informações referentes à comunidade de fala, tarefa esta que se faz fundamental para a posterior interpretação dos resultados, principalmente no que concerne à atuação dos fatores sociais. Sendo assim, contextualizamos histórica e geograficamente o município de Santa Leopoldina no cenário brasileiro e depois esboçamos um contraponto entre esse município e a capital do Espírito Santo, Vitória. No que se segue, tecemos ainda algumas considerações acerca do português rural.

A fundamentação teórica que sustenta nossos estudos e os procedimentos metodológicos adotados são abordados no quarto capítulo, que se subdivide em uma breve explanação da Teoria Variacionista, na descrição do *corpus* e na apresentação das variáveis dependentes - alternância de primeira pessoa do plural e concordância verbal com a 1PP; e independentes: explicitude do sujeito, paralelismo linguístico, referencialidade, função sintática, tempo verbal, saliência fônica, gênero/sexo, escolaridade, faixa etária e interação com a entrevistadora.

Os resultados da análise dos dados são apresentados no quinto capítulo, seguido das conclusões, das referências bibliográficas e dos anexos.

2. A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL *NÓS* / *A GENTE*

Neste capítulo, dividido em três seções, temos: 1) contextualização da inserção e da consolidação de *a gente* no sistema pronominal; 2) abordagem da forma *a gente* pela tradição gramatical e 3) revisão da literatura, com ênfase a alguns importantes trabalhos variacionistas acerca do tema.

2.1 A INSERÇÃO DE *A GENTE* NO SISTEMA PRONOMIAL – BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Para empreender uma análise sobre a alternância de *nós* e *a gente*, é importante entender como se processou a inserção da forma inovadora no quadro dos pronomes do português. Para tanto, valemo-nos do minucioso trabalho de Lopes (2003), que, por meio de um *corpus* representativo do século XIII ao XX, delinea o percurso histórico da mudança de categoria do substantivo *gente* para o pronome *a gente*.

O substantivo *gente*, como aponta Lopes (2003), oriundo do substantivo latino *gēns*, *gēntis*, designando “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade”, passa por um processo de gramaticalização²², lento e gradual, até atingir o estágio de pronome. Nesse percurso, nem todas as características do nome *gente* foram perdidas, do mesmo modo como não foram assumidas todas as propriedades dos pronomes pessoais.

É interessante mencionar que a autora investiga também a correlação entre o desaparecimento do substantivo *homem*, usado no português arcaico (do século XIII ao XVI) como pronome indefinido, e o surgimento da forma *a gente*. Lopes (2003) verifica que a variação *nominal versus pronominal* da forma *homem* foi interrompida - a partir do século XVI deixa de ser usada como pronome - e não se consolida

²² “(...) gramaticalização é definida como um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (MARTELOTTA, 2011, p. 92).

como uma mudança linguística. E é justamente nesse período que se tornam significativas as ocorrências de *a gente* com interpretação ambígua, isto é, que podem ser consideradas tanto como sinônimo de *pessoas* como variante de *nós*.

A autora observa ainda que no século XVI há uma perda do traço de número, característico da classe dos substantivos. Do século XIII ao XV, o nome *gente* é usado tanto no plural quanto no singular, conforme os exemplos que seguem, extraídos de Lopes (2003, p. 67):

- a) Quen viu o mundo qual o eu já vi,
e viu *as gentes* que eran enton
(Séc. XIII, CA, Vasconcelos 1990:v. 6692).

- b) e aque *a gente* vem ao doo de Rachel
(Séc. XIII, CSM, Mettmann 1972).

A partir do século XVI, gradativamente, a forma singular ganha terreno, firmando-se como uso categórico no século XX. Por outro lado, com o substantivo *homem* ocorre o inverso: à medida que, a partir do século XVI, o uso de *homem* como pronome torna-se mais escasso, a presença do traço de plural é categórica. Lopes (2003) supõe, então, que “a lacuna deixada no sistema por *homem* pronominal possibilitou e facilitou a emergência do uso de (*a*) *gente* como pronome” (p. 68).

Além dessa mudança do traço de número, a autora constata que houve, com a gramaticalização do substantivo *gente*, uma modificação nos traços formais e semânticos de gênero. Lopes (2003, p. 70) aponta que, com a pronominalização do substantivo *gente*, o traço formal de gênero se torna neutro, ao passo que a interpretação semântica, que não esclarecia necessariamente o sexo do referente (neutra), passa a ser subespecificada.

A partir dessa mudança de propriedade, a combinação formal no predicativo com formas no masculino e no feminino teria relação direta com o sexo do referente. Entretanto, o fato de *a gente* pressupor “o falante e mais alguém”, ou seja, a noção de pluralidade intrínseca a essa forma, “variante de nós”, permite várias possibilidades interpretativas ao se estabelecer a concordância com adjetivo em estruturas predicativas. A combinação com formas no feminino singular e/ou plural são restritivas. No primeiro caso –

feminino-singular – o emissor é necessariamente um indivíduo do sexo feminino; no segundo – feminino-plural – há mais de um emissor, ambos também do sexo feminino. Com o masculino, a interpretação é mais neutra. No singular, o referente pode ser um indivíduo do sexo masculino, um grupo misto ou uma referência genérica e abrangente. No masculino-plural a referência também pode ser a grupos mistos e a duas ou mais pessoas do sexo masculino (LOPES, 2003, p. 70).

Nesse percurso, também é importante destacar a configuração do traço de pessoa. Lopes (2003) nota que a forma pronominalizada *a gente* mantém o traço formal neutro do substantivo, pois continua se combinando com formas verbais de 3ª pessoa do singular. Porém, no que se refere à pessoa semântica, ocorre uma mudança: deixa de ser um traço neutro e passa a abarcar o “eu-ampliado” (Benveniste, 1988), isto é, admite várias possibilidades de compreensão: *eu*, *eu + tu/você*, *eu + ele/ela*, *eu + vós/vocês*, *eu + eles*, *eu + todos*.

Com base nos resultados obtidos, Lopes (2003) verifica que a atuação da variável *tempo* é altamente significativa nesse processo de mudança de *gente* > *a gente*. A autora ressalta, então, três fases:

- 1) A fase embrionária – séculos XVII e XVIII – quando quase todos os dados de *a gente*, que não foram muitos, apresentam ambiguidade interpretativa;
- 2) A fase de transição – século XIX –, que apresenta características tanto da etapa bem inicial do processo de gramaticalização, quanto aspectos do período em que a pronominalização se efetivou;
- 3) A consolidação do processo de gramaticalização – século XX.

2.2. O TRATAMENTO DE A GENTE PELA TRADIÇÃO GRAMATICAL

De modo geral, as gramáticas tradicionais tendem a tratar somente das variantes de prestígio e não costumam abarcar a língua em seu uso real, o que pode contribuir, indiretamente, com o chamado preconceito linguístico, por categorizarem determinadas formas como erradas ou como desvios da norma culta.

No caso do pronome de primeira pessoa do plural, não se chega a uma polarização explícita entre variante de prestígio e variante não prestigiada. Porém, como observaremos, não há um tratamento adequado para a forma *a gente*. Como aponta Vianna (2006, p. 166), “as gramáticas tradicionais incluem apenas o *nós* no quadro dos pronomes retos, reservando à forma *a gente* um *status* indefinido: ora classificam-na como pronome pessoal, ora como forma de tratamento”.

Apresentamos, a seguir, em ordem cronológica, algumas definições registradas nesses compêndios. Nosso intuito aqui é realizar apenas um breve levantamento de como se tem configurado a inserção da forma inovadora nessas obras.

Primeiramente se faz importante pontuar o que entendemos por *gramática tradicional*. Para tanto, valemo-nos das concepções de gramática estudadas por Travaglia (2006). Segundo o linguista, na abordagem tradicional a

[...] *gramática* é concebida como manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente. Como diz Franchi (1991, p. 48), para essa concepção, que normalmente é rotulada de *gramática normativa*, “*gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores*” e “dizer que alguém ‘sabe gramática’ significa dizer que esse alguém ‘conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente’” (grifos do autor). Dessa forma, *gramatical* aqui será aquilo que obedece, que segue as normas de bom uso da língua, configurando o falar e o escrever bem (TRAVAGLIA, 2006, p. 24, grifos do autor).

Sendo assim, consideramos neste rol as obras de Bechara (2005), Cegalla (2008) e Cunha e Cintra (2008).

Bechara (2005) nota que os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso (*eu* e *tu*) e a não-pessoa, considerada pela tradição como terceira pessoa. Desse modo, assinala como forma de primeira pessoa *eu* (singular) e *nós* (plural), ressaltando que a forma no plural indica *eu* mais outras(s) pessoa(s), e não *eu + eu*. A menção à forma *a gente* só é feita em forma de observação:

O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular (BECHARA, 2005, p. 166).

Cegalla (2008), na seção em que aborda os pronomes, não cita a forma *a gente*. Por sua vez, Cunha e Cintra (2008), ao comentarem os pronomes pessoais, destacam apenas o pronome *nós* como forma de primeira pessoa do plural; ao versarem, por outro turno, sobre os pronomes de tratamento, trazem um subtítulo denominado *fórmulas de representação da 1ª pessoa*, no qual destacam que “no colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu* (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 310)” e exemplificam:

Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou.
(F. Pessoa, *QGP*, nº. 270.)

- Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro.
(F. Namora, *TJ*, 165.)

- Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.
(C. dos Anjos, *DR*, 41.)

Os autores acrescentam ainda que, a partir dos exemplos supracitados, o verbo deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular.

Notamos, nas gramáticas consultadas, que a forma inovadora, quando citada, aparece como uma observação ou num tópico à parte, ou seja, não é tratada junto aos pronomes pessoais canônicos. Além disso, normalmente, acrescentam-se comentários, evidenciando que não faz parte da modalidade mais culta da língua: “*usada fora da linguagem cerimoniosa*” ou “*no colóquio normal*”. É interessante mencionar também que, nessas obras, não aparecem as formas *da gente* e *com a gente*, como correspondentes ao possessivo *nosso* (*a*) e ao pronome oblíquo tônico *conosco*.

Diante do exposto, procuramos, então, além das abordagens tradicionais, verificar o tratamento dado à forma *a gente* em algumas obras de orientação descritiva. Seguindo os estudos de Travaglia (2006), podemos conceituar como gramática descritiva aquela que descreve a estrutura e funcionamento da língua, sua forma e

função. Bechara (2005) destaca a importância de não confundirmos gramática normativa com descritiva e assim define esta última:

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfosintático e léxico).[...] Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural, funcional, estrutural e funcional, contrastiva, distribucional, gerativa, transformacional, estratificacional, de dependências, de valências, de usos, etc* (BECHARA, 2005, p. 52, grifos do autor).

Sob essa perspectiva, elencamos aqui as abordagens encontradas: na Gramática de Usos, de Neves (2000), na Gramática Houaiss da língua portuguesa, de Azeredo (2008), na Gramática Descritiva do Português e Estudos de Gramática Descritiva, de Perini (1998; 2008) e, por último, na Nova Gramática do Português Brasileiro, de Castilho (2010).

Neves (2000, p. 469), em sua gramática, reserva um tópico para se reportar à forma *a gente*, que é definida como um *sintagma nominal empregado como pronome pessoal na linguagem coloquial*:

a) para referência à **primeira pessoa** do **plural** (=NÓS)
É. Vamos... Mais adiante, A GENTE toma um táxi e manda rumar para o Marrocos. (A)
Depois A GENTE conversa. (AGO)
 [...]

Chega a fazer-se concordância plural com **a gente**:
Vou montar uma casa pra você e A GENTE vai ficar sempre juntos. (ETR)

b) para referência genérica, incluindo todas as **pessoas** do discurso:
Dizem que A GENTE se habitua a tudo, que é só questão de vontade, ou melhor: de força de vontade. (A)
Nessas horas A GENTE não pensa em nada, perde a cabeça. (AFA)
 [...]
Não se pode falar desse assunto com Carlinhos. A GENTE quer fazer um bem, vira pecado mortal. (AF) [p. 469]

Observe-se, neste último exemplo, que as duas construções:
não se pode falar desse assunto com Carlinhos
 e
A GENTE quer fazer um bem, vira pecado mortal

têm praticamente as mesmas características, quanto à **indeterminação** do **sujeito**, embora a forma **A GENTE** sempre deixe indicado o envolvimento da **primeira pessoa** no conjunto (NEVES, 2000, p. 469-470).

A autora ressalta também que

Outros **sintagmas nominais** fazem referência genérica, especialmente na linguagem coloquial ou popular, mas seu estatuto não tem identificação com a classe dos **pronomes pessoais** como o sintagma A GENTE tem. Trata-se de sintagmas cujo núcleo é um substantivo de aplicação muito generalizada (NEVES, 2000, p. 470).

Apesar de Neves (2000) oferecer uma abordagem mais ampla do que a verificada nas gramáticas tradicionais, vemos que a autora ainda trata *a gente* como uma forma à parte, *um sintagma nominal que é usado como pronome pessoal* ou *que tem identificação com a classe dos pronomes pessoais*, ou seja, não é tratada explicitamente como um pronome pessoal que coocorre com o *nós*.

Já Azeredo (2008), em sua gramática de “enfoque essencialmente descritivo, sem prejuízo, contudo, de considerações de ordem normativa (p. 26)”, ao discorrer sobre os pronomes, argumenta que, de acordo com a nomenclatura oficial, a expressão *pronomes pessoais* só pode ser usada para se referir às formas com que se assinalam:

- a) O indivíduo que fala – primeira pessoa do singular (*eu*),
- b) O conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui – primeira pessoa do plural (*nós / a gente*),
- c) O indivíduo ou indivíduos a que o *eu* se dirige – segunda pessoa, do singular ou do plural (*tu / vós, você / vocês*), e
- d) O indivíduo ou coisa a que o *eu* se refere – terceira pessoa do singular ou do plural (*ele / eles*) (AZEREDO, 2008, p. 175).

Em observação, o autor destaca que

Os brasileiros empregam em geral a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente de *nós*, seja com valor genérico/indeterminado (como o do pronome *se*: *não se sabe / a gente não sabe*), seja para referência dêitica situacionalmente identificada. (AZEREDO, 2008, p. 176).

Azeredo (2008) inclui, então, a forma inovadora *a gente* junto à lista dos pronomes canônicos, ressaltando inclusive, em observação, o seu uso em referência tanto genérica quanto mais específica. Entretanto, ao discorrer sobre os três grupos de funções dos pronomes pessoais, não inclui a forma *a gente* no grupo de pronomes retos e nem as formas *da gente*, *com a gente* junto aos pronomes oblíquos:

A classe dos pronomes pessoais é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções: (a) os **retos**, para as funções de sujeito e predicativo: *eu / tu / você / ele / ela / nós / vós / vocês / eles / elas*, (b) os **oblíquos átonos**, para as funções adverbiais de objeto e adjunto (*me / nos / te / vos, o / os, a / as, lhe / lhes, se*), e (c) os **oblíquos tônicos**, para as funções de complemento e adjunto necessariamente precedidos de preposição (*mim / comigo, nós / conosco, ti / contigo, ele / ela / eles / elas, vós / convosco, si/ consigo*) (AZEREDO, 2008, p. 175).

Perini, em suas duas obras consultadas, faz poucas observações quanto aos pronomes pessoais. Na Gramática Descritiva do Português, o autor questiona a terminologia “pronome” dada a essa classe gramatical, propõe uma nova classificação, mas não menciona a existência de *a gente* em variação com o *nós*. Já na obra intitulada Estudos de Gramática Descritiva, Perini (2008, p. 130), ao tratar da função sintática de sujeito, diz ser a ocorrência de sujeitos *nós* e *a gente* um fenômeno difícil de analisar em termos semânticos, pois ainda que sejam equivalentes em termos de referência, já que ambos incluem o falante e mais pelo menos uma pessoa, um exige sufixo de primeira pessoa do plural e o outro de terceira pessoa do singular, por isso o autor defende ser “necessário marcar o item *a gente* como uma exceção – embora seja semanticamente ‘primeira pessoa’, é formalmente ‘terceira’” (PERINI, 2008, p. 130). Notamos, portanto, que, apesar de Perini trazer sempre uma abordagem bem distinta das gramáticas tradicionais, quanto ao fenômeno em estudo neste trabalho, o autor não traz muitas discussões, além de relegar ao sujeito *a gente* um *status* de exceção.

Castilho (2010), por sua vez, ao versar sobre a variação sociocultural, apresenta um quadro comparando algumas características do PB popular e do PB culto. Nesse sentido, quanto a primeira pessoa do plural, traz algumas notas importantes de serem discutidas. Primeiro, ao abordar a morfologia, atribui como característica do PB popular “alterações no quadro dos pronomes pessoais: (...), substituição de *nós* por *a gente*” (CASTILHO, 2010, p. 207), ao passo que para o PB culto, diz haver

uma “substituição progressiva de *nós* por *a gente*” (p. 207)”. Questionamos essa colocação de Castilho (2010) na medida em que acreditamos haver justamente na variedade popular, pelo menos no que concerne ao português rural, uma tendência a se conservar o pronome mais canônico, estando a substituição de *nós* por *a gente* em estágio mais avançado no meio urbano culto. Pesquisas como a de Coelho (2006) também apontam para uma inserção menor de *a gente* nas comunidades urbanas periféricas, de camadas econômicas mais populares.

Em seguida, no que diz respeito mais especificamente à morfologia verbal, Castilho (2010) ressalta que no PB popular ocorre a “elevação da vogal temática no pretérito perfeito do indicativo: *fiqueму, faleму, bebimu*, distinguindo-se do presente *ficamu, falamu, bebemu*” (CASTILHO, 2010, p. 208). Já no que concerne ao PB culto, o autor diz haver a “manutenção da vogal temática, continuando indistintos o presente e o pretérito: *ficamos, falamos, bebemos*” (CASTILHO, 2010, p. 208). Na seção 5.2.3 deste trabalho, temos a corroboração da afirmação de Castilho: no português rural de Santa Leopoldina, acontece a elevação da vogal temática, fenômeno este não encontrado na área urbana do Espírito Santo, representada pela capital Vitória.

Finalmente, ainda sobre a morfologia verbal, Castilho (2010) observa que no PB popular há “uma simplificação na morfologia de pessoa, dadas as alterações no quadro dos pronomes pessoais, reduzindo-se a conjugação a apenas duas formas diferentes: *eu falo, você/ele/a gente/eles fala*. Por hipercorreção, pode-se ouvir *a gente falamos*” (CASTILHO, 2010, p. 208). Quando discorre sobre o PB culto, afirma que “a morfologia de pessoa reduz-se a três formas (às vezes, a quatro formas diferentes): *eu falo, você/ele/a gente fala/ eles falam*. Quando ocorre *nós*, ocorrerá a quarta forma: *nós falamos*” (CASTILHO, 2010, p. 208). É interessante o modo como o autor destaca a simplificação na morfologia de pessoa, incluindo *a gente* nesse paradigma. Porém, acreditamos que a forma *nós* não deveria ser suprimida desse quadro, pois, como veremos, na variedade rural ou *rurbana* do PB, parece ser significativo o uso de *nós* com o verbo na terceira pessoa do singular. Assim sendo, seria pertinente incluir o pronome canônico *nós* entre as formas *você/ele/a gente/eles fala* no quadro da variedade popular do PB.

Com esse pequeno levantamento das abordagens gramaticais, reforçamos a necessidade de ampliar os estudos da variação *nós/a gente*, pois ainda há muito o que entender sobre esse fenômeno tão presente no PB. Nos compêndios gramaticais, mesmo nos de caráter mais descritivo, ainda não há um tratamento muito adequado para essa nova organização do sistema pronominal.

2.3 ANTECEDENTES NO ESTUDO DA VARIAÇÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

São vários os trabalhos de cunho variacionista que abordam a alternância *nós* e *a gente* e a variação no uso da concordância com esses pronomes no português brasileiro. Nesta seção, resenhamos alguns dos que consideramos mais pertinentes para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Vale ressaltar que o intuito, com essa revisão de diferentes estudos, é apenas oferecer um breve cenário de como esse fenômeno tem sido tratado e possibilitar o enriquecimento das discussões dos resultados referentes ao português falado em Santa Leopoldina.

2.3.1 OMENA (1986)

O trabalho de Omena (1986), intitulado *A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural*, merece destaque por ter sido o pioneiro. Trata-se de uma pesquisa que investiga a fala de informantes cariocas não cultos, em um *corpus* composto por 64 entrevistas da amostra do banco de dados do projeto CENSO (Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro), coletadas no início da década de 1980. Foram observadas três faixas etárias - 15 a 25, 26 a 49 e 50 ou + anos – e o grau de escolarização, dividido em: primário (1ª a 4ª série), ginásio (5ª a 8ª série) e segundo grau.

A autora salienta que, para se referir à primeira pessoa do plural, o falante pode utilizar, na função de sujeito, as formas *nós* e *a gente* explícitas ou pode deixá-las implícitas, identificadas pela desinência verbal. Nas outras funções sintáticas, tem-se explícita a forma *a gente*, precedida ou não de preposição, ou *nós* e seus derivados.

Ao empreender a análise do *corpus*, Omena (1986) verificou que as formas *nós* e *a gente* aparecem mais na função de sujeito do que de objeto, traço característico dos pronomes pessoais. Quando compara o uso dessas variantes, nota que a preferência é para *a gente*, com um percentual médio de 69%. Na tabela abaixo, podemos observar a frequência de *a gente* nas diversas funções sintáticas:

Tabela 01: Frequência do uso de *a gente* x *nós* em todas as funções (sintáticas)

Posição sintática	Aplicação/ocorrências	Frequência
Adjunto adverbial	57/68	84%
Sujeito	1979/2701	73%
Complemento	199/277	72%
Adjunto adnominal	35/253	14%
Total	2270/3299	69%

Adaptação da Tabela 1 de Omena (1986, p. 288)

A função de adjunto adverbial é a que mais favorece o uso de *a gente*, seguindo-se a de sujeito e complemento. Na posição de adjunto adnominal, entretanto, ainda há o predomínio de uso do possessivo *nosso* (*a*), mas a forma inovadora começa a ganhar espaço.

Omena (1986) analisa também a atuação da sequência do discurso na escolha do falante. Segundo a autora, a partir do momento em que é selecionada uma das formas para nomear pela primeira vez um referente, essa escolha atua sobre o uso das formas seguintes. Omena (1986) constata que “a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando a antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior. Ela diminui, quando se muda de referência” (p. 294). E o mesmo ocorre com a forma *nós*: maior é a probabilidade de uso dessa forma quando o antecedente for *nós*, com a mesma referência.

Outro grupo de fatores testado pela autora é a saliência fônica. A hipótese de Omena (1986, p. 296) é a de que o falante use mais a forma *nós* como sujeito com formas verbais em que exista maior diferença fônica entre a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. Sendo assim, distingue:

- a) 1º grupo – conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência -mos (*falava/falávamos*);
- b) 2º grupo – deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência -mos. Incluem-se aqui verbos em que há o fechamento maior ou menor da vogal pretônica (*fala/falamos*);
- c) 3º grupo – monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos, aumento ou não de mais uma vogal, fechamento maior ou menor da vogal pretônica, acréscimo da desinência -mos (*faz/fazemos; está/estamos*);
- d) 4º grupo – redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência -mos (*cantou/cantamos*);
- e) 5º grupo – diferenças fonológicas acentuadas (*veio/viemos; é/somos*);
- f) 6º grupo – infinitivo com acréscimo da desinência -mos ou formas semelhantes (*cantar/cantarmos*);
- g) 7º grupo - a mesma forma para ambas as pessoas (*cantando*).

Os resultados obtidos foram:

Tabela 02: Porcentagens e probabilidades de *a gente* na função de sujeito, para saliência fônica.

Formas verbais	Adultos		Crianças	
	Freq.	Prob.	Freq.	Prob.
Falava/falávamos	62%	.68	96%	.87
Fala/falamos	84%	.58	86%	.61
Faz/fazemos	68%	.38	80%	.29
Falou/falamos	55%	.46	54%	.16
É/somos	38%	.26	50%	.18
Falar/falamos	91%	.65	95%	.82
Falando/falando				

Adaptação da tabela 3 de Omena (1986, p. 297)

Tem-se, então, a confirmação do previsto: *a gente* é favorecida pelos verbos que apresentam menor saliência fônica. É interessante notar, nesses resultados, a atuação das formas do imperfeito do indicativo e as do infinitivo. Omena (1986, p.

298) defende que, nesses casos, as probabilidades altas e muito próximas para a ocorrência de *a gente* não podem ter sua influência explicada simplesmente pelo menor grau de saliência fônica, pois é evidente que a diferença entre as duas formas é saliente. Assim sendo, a autora argumenta que, nessas formas verbais, o acréscimo da desinência -mos cria uma forma paroxítona e uma forma que, embora paroxítona, apresenta uma sílaba travada, sendo por isso evitada na língua falada.

Outro ponto que merece destaque no trabalho de Omena (1986) é que, nos dados do *corpus* analisado, há um condicionamento categórico ligado à influência do infinitivo sobre o uso de *a gente*. Quando essa forma aparece como sujeito de uma oração completiva, ou exercendo a função de objeto da oração principal e sujeito da oração subordinada, como em: “Que é mais gostoso da gente se lidar com ela, porque...” (OMENA, 1986, p. 298), a coocorrência entre *nós* e *a gente* já não existe.

Quanto ao tempo verbal, notou-se que nos tempos não marcados (infinitivo e gerúndio) e no presente a forma inovadora é favorecida, ao passo que no passado e no futuro a preferência é pelo pronome canônico.

Importante mencionar também que Omena (1986) investiga a determinação de referentes, a qual demonstra que *a gente* continua a ser preferida para a referência mais geral, indeterminadora, o que está ligado ao fato de essa forma se originar de um substantivo usado para nomear, de modo coletivo, um agrupamento de seres humanos.

No que concerne à concordância verbal, na pesquisa de Omena (1986), são poucos os casos em que ela não é feita conforme prescreve a tradição gramatical. A probabilidade de realização de concordância com o *nós* é de 97% e com *a gente* é de 96%.

Por fim, vale destacar o efeito das variáveis sociais. No que diz respeito à faixa etária, verificou-se que os mais jovens favorecem a forma inovadora, enquanto os mais velhos favorecem o pronome *nós*. Já a variável sexo, como afirma Omena (1986, p. 113), “atua fracamente: as mulheres apresentam um percentual de uso

maior da forma *nós* durante a época em que homens e mulheres trabalham, não havendo diferença quanto ao sexo nem entre crianças nem entre os mais velhos”. Estudou-se, ainda, o papel da classe social, e os resultados apontaram que os falantes financeiramente mais favorecidos e mais expostos à mídia preferem o uso do pronome *nós*. A escolaridade também se configurou como favorecedora da forma canônica, considerada padrão (Omena, 1986, p. 113).

Diante dos resultados obtidos, analisando a conjugação das variáveis linguísticas e sociais, Omena (1986) afirma que “parece aqui tratar-se de um fenômeno em mudança” (p. 113).

2.3.2 LOPES (2003)

A consulta ao trabalho de Lopes (2003) se faz imprescindível na medida em que a autora oferece uma ampla abordagem do fenômeno da variação de *nós* e *a gente*, sobretudo no que tange à investigação da inserção da forma inovadora no quadro pronominal do português.

Adotando uma proposta teórico-metodológica eclética, a qual abarca pressupostos da Teoria Gerativa, da Teoria Funcionalista e da Teoria da Variação, Lopes (2003) empreende uma análise, valendo-se de *corpora* de escrita (século XIII ao XX) e de fala (século XX), do percurso do substantivo *gente*, que, por um processo de gramaticalização, é cristalizado na forma *a gente* como um pronome. Em seguida, a partir de entrevistas do Arquivo Sonoro da Fala Culta do Rio de Janeiro do *Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta* (NURC), fazendo uma análise *em tempo real de curta duração* e *em tempo aparente*, discute se há uma mudança em progresso na substituição do pronome *nós* por *a gente*. Nesta seção, tratamos de modo mais específico desta última parte do trabalho de Lopes (2003), visto que o estudo da autora acerca do percurso histórico de *gente* → *a gente em tempo real de longa duração* já foi brevemente abordado na seção 2.1 deste trabalho.

Três *corpora* do Projeto NURC-RJ foram utilizados por Lopes (2003). O primeiro consiste em 10 inquéritos, feitos na década de 70, com 5 informantes do sexo

feminino e 5 informantes do sexo masculino, estratificados nas seguintes faixas etárias: 2 entrevistas por sexo para a faixa etária 1, de 25 a 35 anos; 2 para a faixa etária 2, de 36 a 55 anos e 1 para a faixa etária 3, de 56 anos em diante. O segundo, chamado de *Amostra Recontato* ou *Década de 90 – recontato*, engloba novas entrevistas realizadas na década de 90 com os mesmos informantes da década anterior para o *estudo de painel*. Por fim, o terceiro conjunto de dados, usado para o *estudo de tendências*, é composto por 8 entrevistas gravadas entre os anos de 1992 e 1996.

No cômputo geral das amostras, foram localizados 668 dados, 376 de *a gente* (56%) e 292 de *nós* (44%). Quando observa separadamente cada conjunto de dados, a autora verifica que a substituição de *nós* por *a gente* aparenta estar se efetivando de modo progressivo.

Tabela 03: Década: dados do PB. Valor de aplicação: *a gente* (LOPES, 2003, p. 124).

Década	Nº/Total	Freq.	Peso Relativo
Década de 70	105/252	42%	.15
Recontato (década de 90)	106/197	54%	.61
Nova amostra (década de 90)	165/219	75%	.83

Quanto aos fatores linguísticos controlados, chamamos a atenção para a *tipologia semântica do sujeito*. Lopes (2003, p. 129) defende que não há novidade em afirmar que a forma *a gente* assume um caráter mais genérico e indeterminado quando comparada ao pronome *nós*. Sendo assim, busca investigar se esse caráter genérico se torna tão abrangente que tal expressão já pode ser considerada indeterminada, *impessoal*. Estabelece, então, a variável *tipologia semântica*, dividida em:

(i) *Referente específico*: quando o referente é explícito ou determinado pelo falante ou quando o falante faz alusão a uma situação vivida por ele e por outras pessoas que não foram especificadas no discurso, mas há indícios no contexto (tempo verbal, circunstanciadores temporais e espaciais, etc.) que especificam a referência.

(ii) *referente genérico*: quando o referente abrange o emissor, o receptor (*não-eu*), e outras pessoas (*não-pessoa*), correspondendo a *eu+ você(s)+ele(s)/ela(s)*. O referente torna-se genérico no momento em que a entidade física deixa de ser individualmente especificada, referindo-se a toda uma classe.

(iii) *leitura impessoal*: quando a referência genérica atinge *um grau maior de indeterminação* e a forma *a gente* pode ser facilmente substituída por construções com o clítico “-se-”. Ressalte-se que nem sempre é fácil determinar com precisão a diferença entre *genérico* e *impessoal*. A distinção, que se tentou determinar, diz respeito ao fato de, nos casos ditos genéricos, existir ainda um caráter referencial por haver, mesmo que implicitamente, uma categoria ou grupo de pessoas (LOPES, 2003, p. 129-130).

Tabela 04: Atuação da tipologia semântica sobre *a gente* em tempo real de curta duração.

Grupo	Década 70		Recontato 90		Década 90 (AC)	
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
Impessoal	76%	.84	96%	.95	100%	*
Genérico	55%	.89	71%	.75	93%	.96
Específico	24%	.22	35%	.23	59%	.23

Adaptação da tabela 5.8 de Lopes (2003, p. 131)

Diante dos resultados obtidos, Lopes (2003, p. 130) nota que “esses índices podem sugerir que o uso de *a gente* impessoal está se firmando como o mais geral, enquanto à forma *nós* caberia um uso referencial mais específico”, já que da década de 70 para a década de 90, com os mesmos informantes, houve um progressivo acréscimo das frequências de uso de *a gente* com valor genérico e impessoal, o que se acrescenta na nova amostra da década de 90 (com informantes diferentes), com um uso categórico de *a gente* impessoal/indeterminado. Lopes (2003, p. 131) afirma, então, que “aparentemente, configura-se de forma acelerada, neste fim de século, pelo menos no PB, um emprego funcional específico para as formas *nós* e *a gente*, como ocorre nos processos de gramaticalização”.

No que tange à atuação das variáveis sociais, Lopes (2003) analisou os grupos sexo e faixa etária conjuntamente. No estudo *em tempo aparente*, a autora verifica que o padrão curvilíneo delineado pela atuação da faixa etária deixa uma ambiguidade interpretativa, já evidenciada em Lopes (1993), aparentando tratar-se de uma variação estável, mas tendo indícios também de uma mudança em progresso. Ao proceder com o estudo em tempo real, Lopes (2003, p. 144) conclui:

Em síntese, percebe-se que a substituição de *nós* por *a gente*, embora esteja sendo implementada de forma acelerada nos últimos vinte anos no português do Brasil, caracteriza-se, dentro dos modelos interpretativos de Labov (1994), como um padrão de gradação etária, pois se configura, no

estudo de tendências, um comportamento estável da comunidade, e, no *estudo de painel*, um comportamento instável dos mesmos indivíduos.

Ressalva, porém, que há uma diversidade de comportamento entre homens e mulheres nas diferentes faixas etárias, o que merece um estudo mais aprofundado.

2.3.3 MENDONÇA (2010)

Como explicitado, um dos nossos objetivos é comparar o modo como se configura a variação das formas de primeira pessoa do plural nas variedades rural e urbana do português falado no Espírito Santo. Destarte, é imprescindível a consulta ao trabalho de Mendonça (2010) – *Nós e a gente* em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba – com o qual confrontamos especialmente os nossos resultados³.

O *corpus* analisado pelo autor é composto por 40 entrevistas, pertencentes ao projeto PortVix, realizadas no período de 2001 a 2003. Os informantes foram estratificados por meio do controle das variáveis sociais gênero/sexo, faixa etária e escolaridade. As faixas etárias são divididas em: 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e 50 ou mais anos. A escolaridade compreende o ensino fundamental, o médio e o universitário.

Foram consideradas como ocorrências das variantes: 1) *nós* explícito; 2) *nós* implícito, revelado pela desinência *-mos*; 3) *a gente* explícito; *a gente* implícito, revelado pelo uso da desinência *-o*.

Utilizou-se, para a análise estatística dos dados, o programa GoldVarb X. Na primeira rodada, Mendonça (2010) analisou 1.900 casos de *nós* e *a gente*, mas optou, para a análise de pesos relativos, por excluir os dados na função sintática de complemento nominal e adjunto adnominal. O autor explicita que essa exclusão se deve ao fato de terem sido analisados apenas levantados referentes à variável *a gente*, sendo poucas as ocorrências com *nós*, e também por este realizar-se em forma de pronome possessivo, o qual não constitui objeto de estudo para o autor.

³ No que se refere ao tratamento do fenômeno da concordância verbal na cidade de Vitória, recorreremos aos trabalhos de Benfica (2013) e Benfica e Scherre (2013).

Isso posto, procedeu-se a análise final com 1.745 dados, dos quais 70,8% se referem a *a gente* e 29,2%, ao pronome *nós*.

No que concerne à atuação da variável faixa etária, Mendonça (2010, p. 73) nota que Vitória se alia a outros estudos, indicando uma mudança linguística, visto que os mais jovens favorecem a forma inovadora e os mais velhos tendem a utilizar mais o pronome canônico.

Tabela 05: Atuação da variável social faixa etária no uso de *a gente* pelos moradores de Vitória (MENDONÇA, 2010, p. 73)

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	P. R.
07 a 14 anos	269/315	85,4%	0,76
15 a 25 anos	454/541	83,9%	0,70
26 a 49 anos	244/416	58,7%	0,36
50 ou + anos	269/473	56,9%	0,23
TOTAL	1.236/1.745	70,8%	

Quanto ao gênero/sexo, os resultados mostram as mulheres como propagadoras de *a gente*, com peso relativo de 0.60, enquanto os homens apresentam um índice de 0.35. O fator escolaridade, por sua vez, não foi selecionado pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante, contrariando a hipótese do autor segundo a qual as pessoas com menor grau de instrução favoreceriam a forma *a gente*. Essa atuação da variável escolaridade ratifica que o uso da forma inovadora não é estigmatizado.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, foram controlados: explicitude do sujeito, paralelismo linguístico, referencialidade, posição sintática, tempo verbal e modo verbal. Os resultados indicam que os moradores de Vitória usam mais a forma *a gente* de modo explícito, com 0.62 de peso relativo. O paralelismo linguístico, primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa, mostra que o falante tende a repetir a forma anterior: *a gente* é favorecido quando não é o primeiro da série e precedido de *a gente* explícito ou implícito. Quando a referência é isolada ou primeira da série, a preferência é pelo pronome *nós*, conforme nos mostra a tabela abaixo:

Tabela 06: Efeito da variável paralelismo no uso da forma *a gente*. (MENDONÇA, 2010, p. 77)

PARALELISMO	TOTAL/ OCORRÊNCIA	%	P.R.
Isolado	230 /325	70,8%	0,38
1º da série	255/366	69,7%	0,34
Não 1º da série precedido de nós explícito	48/153	31,4%	0,18
Não 1º da série precedido de nós implícito	37/139	26,6%	0,21
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> explícito	576/654	88,1%	0,71
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> implícito	72/76	94,7%	0,96
Não 1º da série precedido de nós zero	8/17	47,1%	0,23
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> + -mos	10/15	66,7%	0,55
TOTAL	1.236/1.745	70,8%	

Ao tratar da variável referencialidade, Mendonça (2010) recorre à noção de pessoas do discurso segundo a perspectiva da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste (1988). Considera-se como pessoas do discurso o *eu*, aquele que fala, e o *tu*, a quem o *eu* se dirige. Já a terceira pessoa, de quem se fala, por manter-se fora da linha discursiva, é entendida por Benveniste (1988) como não-pessoa. As formas *nós* e *a gente* podem ser empregadas para fazer referência tanto genérica quanto mais específica. Sendo assim, Mendonça (2010) considera como tipos de referência:

- 1) Referência ao eu, isto é, ao próprio falante;
- 2) Referência ao eu + você (tu);
- 3) Referência ao eu + você + ele (não-pessoa);
- 4) Referência ao eu + ele;
- 5) Referência genérica ou indeterminada;
- 6) Referência a ele(a).

Como foram pouquíssimos os casos de referência ao eu + você, ao eu + você + ele e a ele(a), Mendonça (2010) amalgamou os fatores, a fim de proceder com a rodada de pesos relativos:

Tabela 07: Referencialidade da forma *a gente* após amalgamação de grupos de fatores. (MENDONÇA, 2010, p. 82)

TIPO DE REFERÊNCIA	TOTAL/OCORRÊNCIA	PERCENTUAL	P.R.
Eu	239/295	81%	0,70
Eu + não pessoa	726/1.068	68%	0,43
Genérica	271/382	71%	0,53
TOTAL	1.236/1.745	71%	-

Mendonça (2010, p. 82) argumenta que os resultados mostram a forma *a gente* se firmando também como referência mais específica, o que lhe confere ainda mais *status* de pronome pessoal, sem deixar, contudo, de perder seu traço indeterminador, originário da sua formação substantiva.

Os resultados concernentes à posição sintática também parecem apontar uma mudança em processo, à medida que a forma inovadora vem ocupando outras funções, além da de sujeito:

Tabela 08: Atuação das variáveis sujeito e complementos verbais no uso de *a gente*. (MENDONÇA, 2010, p. 83)

POSIÇÃO	APLICAÇÃO/	%	P.R.
Sujeito	1.143/1.642	69,6	0,47
Objeto direto	44/46	95,7	0,88
Objeto indireto	49/77	86,0	0,76
TOTAL	1.236/1.745	70,8	

Quanto à atuação da variável tempo verbal, Mendonça (2010), observou que o presente favorece a forma *a gente*, com probabilidade de 0,54, enquanto o pretérito perfeito a desfavorece em 0,26, o que pode ser explicado pela ambiguidade das formas quando relacionadas ao *nós*, que apresenta a mesma flexão nesses dois tempos verbais (cantamos). Verificou-se também a preferência de *a gente* no pretérito imperfeito e no futuro, o que Mendonça (2010) explica pelo fato de os falantes tenderem a evitar as formas proparoxítonas (*a gente cantava / nós cantávamos*). Por fim, cabe citar que o modo verbal foi excluído pelo GoldVarb X na rodada geral.

O trabalho de Mendonça (2010) revela que, em Vitória, assim como em outras regiões - Rio de Janeiro (Omena 1996, 2003), João Pessoa (Fernandes, 1996), Florianópolis (Seara, 2000), Jaguarão e Pelotas (Borges, 2004) e Porto Alegre (Zilles, 2007) – parece haver um processo de mudança em curso no sistema pronominal.

2.3.4 TAMANINE (2010)

Em sua tese, Tamanine (2010) estuda a variação *nós/a gente* e a gramaticalização de *a gente* na cidade de Curitiba – PR. Para isso, a autora se vale de 32 entrevistas pertencentes ao banco de dados do projeto VARSUL - Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil – divididas entre os seguintes fatores sociais: escolaridade (primário, ginásio, secundário e ensino superior), faixa etária (25 a 49 anos e 50 anos ou mais) e sexo (feminino e masculino).

Nesse trabalho, considera somente os casos em que as variantes aparecem na função de sujeito, mas não deixa de fazer um levantamento das outras posições sintáticas. A análise empreendida por Tamanine (2010) é bem detalhada e traz importantes contribuições para novos caminhos de investigação. Entretanto, retomamos, nesta seção, apenas os aspectos que servirão para endossar a discussão dos nossos dados referentes ao português falado em Santa Leopoldina, dentro dos limites das nossas opções metodológicas.

Sendo assim, destacamos, dos resultados obtidos por Tamanine, os que se referem aos fatores sociais e aos seguintes fatores linguísticos: explicitude do sujeito, concordância verbal e tempo verbal.

Dos 2.084 dados encontrados na função de sujeito, 1.130 (54%) são da forma *a gente* e 954 (46%) do pronome *nós*. No que diz respeito à variável explicitude do sujeito, a autora parte da observação de Duarte (1996) *apud* Tamanine (2010), que defende que o português, considerado língua de sujeito nulo, estaria em fase de mudança, especialmente na referência à primeira e segunda pessoas, para uma língua de sujeitos plenos ou preenchidos. Nos dados de Curitiba, foi constatada a

preferência pelas formas expressas (explícitas): 96% das ocorrências de *a gente* e 77% de *nós*, resultados que corroboram a afirmação de Duarte (1996) *apud* Tamanine (2010). O baixo percentual de *a gente* nulo (4%) é explicado pelo fato de verbos flexionados na 3ª pessoa poderem exigir a realização do sujeito para estabelecer clareza semântica. Quanto à baixa frequência do pronome *nós* não preenchido (23%), Tamanine (2010) aponta que a presença da marca de concordância (-*mos*) não é suficiente para impedir a realização do pronome, já que, mesmo o verbo estando flexionado na primeira pessoa do plural, o pronome é realizado. Cabe ressaltar, porém, que somente foram considerados casos de formas nulas/não preenchidas de *a gente* as formas verbais de terceira pessoa do singular que em orações não-coordenadas apresentavam *a gente* como sujeito explícito na oração antecedente e que se mantinham no mesmo segmento tópico. Os pronomes *nós* e *a gente* não expressos em orações coordenadas foram desconsideradas da análise, pois

Segundo Lira (1998), as orações coordenadas são contextos inibidores da presença de sujeitos pronominais. No *corpus* analisado por Lira, o apagamento do pronome em sequência de orações coordenadas foi quase categórico a partir da segunda coordenada. Dessa forma, as orações coordenadas nesse ambiente não teriam ocorrência de sujeito explícito, não havendo variação entre as formas pronominais (TAMANINE, 2010, p. 145).

A variável concordância verbal, por sua vez, não foi selecionada pelo programa como estatisticamente relevante. Com a forma *a gente*, foi categórica a concordância com o verbo na 3ª pessoa do singular, assim como também foi categórica a concordância de *nós* com -*mos*. “Ressalta-se a ocorrência de um (1) caso de *nós imos*, uma forma pouco usada, até estigmatizada, mas com a presença de marca de plural, portanto com concordância” (TAMANINE, 2010, p. 163). Porém, vale destacar a seguinte opção metodológica adotada pela autora: os casos em que o pronome *nós*, no pretérito imperfeito do subjuntivo e do indicativo, tempos em que ocorrem as proparoxítonas com -*mos*, está flexionado com verbos de 3ª pessoa do singular (*nós ia / nós ficava*), não foram considerados como ausência de concordância, mas como *redução de proparoxítona*. Tamanine (2010) argumenta que, nesses tempos verbais, o que ocorre é um “mecanismo da própria língua para adaptar as exceções às regras, entendendo-se que a regra seria o padrão métrico

das paroxítonas, que são maioria no PB (MASSINI – CAGLIARI *apud* TAMANINE, 2010, p. 135)”.

Para justificar seu posicionamento, a autora cita a seguinte observação feita por Menon:

[...] a partir da constatação de que todos os casos da chamada “não-concordância” verbal com o pronome *nós* se encaixam nessa situação [redução de proparoxítonas], podemos postular que, na produção, ou seja, no processamento da fala pelo usuário nativo da língua, este emita a forma verbal sem o morfema característico de primeira pessoa do plural, porque a regra de redução das proparoxítonas estaria agindo em primeiro lugar. Bom, e se a regra fonológica se aplica antes da sintática – a da concordância verbal – como é que podemos falar em não-aplicação da regra de concordância? Acredito que deveríamos abordar essa questão do ponto de vista de que a regra fonológica bloqueia a aplicação da regra sintática e, assim, o falante não pode variar, uma vez que está na base da produção uma regra categórica. Assim, um caso que é tratado como sendo de variação entre os falantes, não o seria, pois independe da ação dos indivíduos sobre a língua; trata-se de um fenômeno estrutural, previsto no sistema ou na norma (no sentido que lhes atribui Coseriu (1952)), não passível de variação pelos indivíduos (MENON *apud* TAMANINE, 2010, p.135).

Em Curitiba, Tamanine (2010) constata que, das 954 ocorrências de concordância entre o sujeito e o verbo do pronome *nós* como sujeito, 192 são de redução de proparoxítona, o que perfaz um índice de 20%.

Quanto à atuação do fator tempo verbal, os resultados obtidos foram:

Tabela 09: Atuação da variável *tempo verbal* sobre a variante *a gente* nos dados de Curitiba (TAMANINE, 2010).

Tempo verbal	Aplic./ ocorrências	%	P.R.
Gerúndio	11/12	92	.94
Pret. imp. Subjuntivo	5/7	71	.82
Pret. imp. Indicativo	430/801	54	.75
Fut. do pretérito	5/11	45	.58
Presente do indicativo	517/927	56	.40
Pretérito perf. Indicativo	112/259	43	.18
Infinitivo	45/57	79	.05
Pret. mais-que-perfeito	2/3	67	.00

Adaptação da tabela 4 de Tamanine (2010, p. 156)

Entre os índices apresentados na tabela, chamamos a atenção para os tempos presente e pretérito imperfeito do indicativo. Tamanine (2010) sustentava como hipótese que o tempo presente favoreceria forma inovadora, pois o falante, ao optar por *a gente*, evitaria a ambiguidade na referência ao *presente/pretérito perfeito* quando do uso de *nós*. Os resultados de Curitiba, entretanto, não confirmam essa hipótese, o que leva a autora a argumentar que outras circunstâncias, que não a desambiguidade, atuam na escolha do falante, como a prosódia. Quanto ao pretérito imperfeito do indicativo, o resultado segue o previsto pela autora: maior ocorrência de uso de *a gente*. Para explicar tal fato, Tamanine (2010, p. 159) aponta que o tempo verbal não representa para o falante “contexto de extremo controle para evitar o ‘erro’ no que se refere à concordância com *-mos*, mas como Menon (inédito) alertou, a prosódia pode atuar antes da concordância nesse tipo de caso e outros fatores – que não a concordância – estariam em jogo”.

Por fim, no que se refere aos fatores sociais, os resultados de Curitiba atestam a liderança das mulheres no uso da forma inovadora, assim como também são os mais jovens os que mais favorecem *a gente*, com .70. É interessante notar que os falantes de menor escolaridade apresentam uma frequência de uso de *a gente* menor do que a constatada entre os mais escolarizados⁴.

2.3.5 RUBIO (2012)

A consulta ao trabalho de Rubio (2012) se faz relevante por trazer uma análise conjunta da variação na concordância de primeira pessoa do plural e da alternância entre *nós* e *a gente*. Destaca-se, também, nesse estudo, a comparação que o autor

⁴ Esses resultados de Tamanine (2010) contrariam o observado por Castilho (2010, p. 207) sobre o PB culto e popular. O autor, como ressaltamos, atribui como característica do PB popular “a substituição de *nós* por *a gente*”, ao passo que para o PB culto, diz haver uma “substituição progressiva de *nós* por *a gente*”. Os resultados de Curitiba mostram justamente o contrário, já que entre os falantes de menor nível de escolaridade, a implementação do pronome inovador acontece com menos frequência do que entre os mais escolarizados.

faz entre as variedades do português brasileiro (PB), representado por uma amostra do interior paulista (Iboruna), e do português europeu (PE).

O *corpus* referente ao PB é composto por 64 entrevistas, com duração média de 30 minutos, distribuídas entre os seguintes fatores sociais: sexo (masculino e feminino), faixa etária (16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e mais de 55 anos) e escolaridade (1º ciclo do Ensino Fundamental, 2º ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior). Já o *corpus* que representa o PE é constituído por 133 entrevistas, com média de 10 minutos de duração, contemplando as mesmas variáveis sociais⁵.

Rubio (2012) analisou as ocorrências das formas *nós* e *a gente* tanto explícitas quanto evidenciadas pelas desinências *-mos* e *-Ø*, sendo que estas últimas (implícitas) só foram consideradas quando apresentavam os pronomes *nós* e *a gente* realizados em oração anterior.

Concernente à alternância pronominal, os resultados encontrados indicaram que no PB há uma preferência por *a gente* (73,8%), ao passo que no PE há um maior uso do pronome *nós* (58%). Quanto à concordância verbal, verificou-se, no PB, a predominância, junto à forma *nós*, da desinência de primeira pessoa do plural (85,5%), e junto à forma *a gente*, da terceira pessoa do singular (94%). No PE, por outro lado, com o pronome *nós*, foi categórica a concordância com a forma verbal de primeira pessoa do plural (100%), ao passo que, com *a gente*, houve variação: concordância com a primeira pessoa do plural (24,5%) e com a terceira pessoa do singular (75,5%).

Os fatores linguísticos observados para os dois fenômenos foram: explicitude do sujeito, paralelismo discursivo, grau de determinação do sujeito, saliência fônica e tempo e modo verbal. Rubio (2012) constatou que a atuação desses fatores se configura de modo diferente nas duas variedades do português. Damos ênfase, no que se segue, aos resultados atinentes ao PB.

⁵ Com algumas diferenças quanto à escolarização, que, apesar de também ser distribuída em quatro faixas, apresenta algumas peculiaridades próprias do sistema de ensino português.

No que diz respeito à variação de *nós* e *a gente*, o paralelismo discursivo, primeiro fator selecionado pelo programa Goldvarb X, confirma a influência da forma anterior sobre a subsequente. Os resultados sobre a atuação da saliência fônica demonstram que as saliências esdrúxula (proparoxítonas) e mínima⁶ favorecem o uso de *a gente*. O grau de determinação do referente mostra a referência genérica e indefinida como favorecedora da forma mais nova. Por fim, o tempo e modo verbal apresentam uma maior tendência de uso de *a gente* com verbos no presente e no pretérito imperfeito e de *nós* com verbos no pretérito perfeito.

Já para o fenômeno da concordância de primeira pessoa do plural variável com o pronome *nós*, o primeiro fator selecionado é a saliência fônica, revelando os fatores saliência esdrúxula e saliência mínima como inibidores da desinência *-mos*. Os resultados do paralelismo discursivo, por sua vez, expressam que marcas presentes em verbos anteriores influenciam o uso das mesmas marcas nos verbos seguintes. A explicitude do sujeito, por fim, demonstra maior tendência de uso de formas de primeira pessoa do plural (*-mos*) com sujeito implícito. As variáveis *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal* não foram selecionadas. Quanto a esta última, Rubio (2012), ressalta que

A variável linguística fortemente atuante na variação é a *saliência fônica*, e não *tempo e modo verbal*, o que pode também ser confirmado pela observação das ocorrências do presente do indicativo, as quais exibem diferentes frequências de uso de 1PP a depender da saliência verbal (mínima, 80%, média, 89% e máxima, 100%) (p. 282).

Por fim, não podemos deixar de notar também a atuação das variáveis sociais no estudo de Rubio (2012). Para a variação *nós/a gente*, o autor verificou que a implementação de *a gente* no interior paulista se encontra em estágio avançado e

⁶ Rubio (2012, p. 171-172), com base nos estudos de Naro *et. al.* (1999) e de Rodrigues (1987), propõe a seguinte divisão para a *saliência fônica*:

i) *saliência esdrúxula* - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição *vogal/vogal-mos* não é tônica nas duas formas. Ex. *cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos*;

ii) *saliência máxima* - ocorre mudança no radical e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou duas formas. Ex.: *é/somos, fez/fizemos, veio/viemos*;

iii) *saliência média* - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica nas duas formas. Ex.: *comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos*;

iv) *saliência mínima* - a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: *assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos, está/estamos, fazer/fazemos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos*.

que as faixas etárias mais jovens são as que fazem maior uso da forma inovadora. Os resultados concernentes aos fatores *escolaridade* e *gênero* demonstram que a forma mais nova não é estigmatizada socialmente: as faixas de escolarização intermediárias (2º ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio) são as que favorecem *a gente*⁷; a variável *gênero* não foi selecionada pelo programa, pois há percentuais muito próximos de uso dessa forma por homens e mulheres, 72,6% e 74,7%, respectivamente.

No que diz respeito à variação da concordância verbal junto ao pronome *nós*, ressalta-se que a variável *gênero* também não foi selecionada. Os resultados da *faixa etária* não apontam indícios de avanço na implementação de uma ou outra variável. Porém, o fator *escolaridade* se mostrou altamente relevante, demonstrando, como era o esperado, que o aumento gradativo do nível de escolaridade contribui para o aumento do uso da desinência *-mos* junto a esse pronome.

2.3.6 MATTOS (2013)

Finalmente, não poderíamos deixar de incluir nesta revisão da literatura a tese de doutorado de Mattos (2013), que traz uma riquíssima investigação da primeira pessoa do plural na fala goiana, principalmente no que tange à concordância verbal junto ao pronome *nós*.

Nesse trabalho foi analisado um total de 55 entrevistas realizadas na área urbana de Goiás, sendo 28 falantes do sexo/gênero feminino e 27 do masculino, subdivididos em três faixas etárias – 16 a 24, 25 a 40 e 41 a 86 anos – e em dois níveis de escolarização – de 10 a 11 anos de ensino regular (ensino médio completo ou incompleto) e mais de 11 anos (ensino superior e pós graduação). As gravações

⁷ As faixas das extremidades, de menor escolarização (1º ciclo do Ensino Fundamental) e de maior escolarização (Ensino Universitário), aproximam-se bastante, com pesos relativos que giram em torno de 0.42 e 0.40, respectivamente. Porém, esses resultados, como aponta Rubio (2012), devem ser olhados juntamente com os dados da concordância verbal. Essas faixas favorecem o pronome canônico *nós*, mas há um distanciamento com relação à concordância: “para a faixa menos escolarizada, há maior apagamento das marcas redundantes de plural nos verbos. Já os mais escolarizados tendem a aproximar sua fala da norma padrão, que prescreve o uso da desinência de 1PP” (RUBIO, 2012, p. 278).

foram coletadas a partir de 2008, mas nesse conjunto de entrevistas também há algumas coletadas antes desse período e cedidas por outros pesquisadores.

Mattos (2013) avaliou três fenômenos linguísticos atinentes à 1PP: a alternância de uso *nós/ a gente*, a concordância verbal com *nós* e a concordância verbal com *a gente*. Versaremos aqui mais especificamente sobre os dois primeiros. Sobre este último vale notar apenas que a não concordância com *a gente* é baixa, com uma frequência 3% (45/1631), sendo que somente 0,4% (5/1327) são de *a gente* expresso ou explícito e 13% (40/304) de *a gente* não expresso ou implícito. Mattos (2013) lembra que, em outra pesquisa baseada na área rural goiana, Muniz (2007, p. 10) afirma não haver variação de concordância verbal com *a gente*.

Como variáveis independentes, além das sociais já citadas – gênero/sexo, faixa etária e escolaridade –, foram observadas as linguísticas: tipos de sujeito (explícito/implícito), tempo verbal, roteiro rítmico na forma verbal (ritmo), tipo de estrutura sintática e tipo de fala.

Nos resultados para a alternância pronominal, a fala goiana segue a tendência dos estudos de diversas regiões urbanas brasileiras, com o predomínio da forma inovadora em uma frequência de uso de 77%. As variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb X foram: faixa etária, tempo verbal, nível de escolarização, ritmo, expressão do sujeito e gênero/sexo do falante.

A configuração do efeito da faixa etária evidencia os jovens como favorecedores da forma mais nova, com 0.70 de peso relativo, enquanto os mais velhos da amostra desfavorecem *a gente* em 0.23. O tempo verbal mostra a forma inovadora com favorecimento no pretérito imperfeito e no presente, 0.64 e 0.58 de peso relativo, ao passo que no pretérito perfeito e futuro de presente perifrástico os pesos relativos ficam em torno de 0.29 e 0.23, respectivamente. Quanto ao grau de escolaridade, *a gente* é preferida entre os menos escolarizados (Ensino Médio), com 0.69. Para o ritmo, entendido como “uma maneira que a linguagem tem para organizar no tempo o que deve ser dito (em termos segmentais)” (MASSINI-CAGLIARI, *apud* MATTOS, 2013, p.75) os resultados indicam um maior uso da forma inovadora nos contextos de manutenção das paroxítonas. No que se refere à expressão do sujeito, *a gente* é

favorecida nos casos de sujeito expreso/explicito, com 0.34 de peso relativo. E concernente ao gênero/sexo, observou-se o predomínio da forma inovadora entre as mulheres.

O mais interessante do trabalho de Mattos (2013) está na análise da concordância verbal com o pronome *nós*. Mesmo em área urbana e entre falantes escolarizados, há um uso significativo de *nós* sem concordância, com uma frequência de 25%. A autora argumenta, aliando a análise quantitativa à qualitativa, que “o entendimento desse uso linguístico se faz a partir da matriz cultural do Estado” (MATTOS, 2013, p. 120), sendo esse um traço da ruralidade fortemente arraigada na cultura goiana.

Na investigação da não concordância com *nós*, todas as variáveis sociais foram selecionadas pelo programa, e, das variáveis linguísticas, somente ritmo foi considerada estaticamente significativa. Para a autora, isso indica que o *nós* com singular verbal é um fenômeno de forte cunho social.

Para a variável faixa etária, a primeira selecionada pelo programa, Mattos (2013) verificou que são os mais jovens (16 a 24 anos) os favorecedores da não concordância verbal, com 0.82 de peso relativo. A faixa intermediária (25 a 40 anos) apresenta um peso relativo de 0.52. Já os mais velhos da amostra (41 a 86 anos) são os que desfavorecem a não concordância, com 0.22.

Quanto ao nível de escolarização, a autora observou que os menos escolarizados favorecem o *nós* com singular verbal (0.80), enquanto os falantes com maior grau de escolarização desfavorecem esse uso (0.37), evidenciando a pressão que a escola exerce no uso da norma padrão, apesar de em Goiás a não concordância verbal com *nós* ocorrer em todos os níveis de escolaridade, atuando mais como uma marca identitária. Para Mattos (2013), não se trata de um vestígio de ruralidade a ser apagado com o aumento da escolarização, “enquanto a prática sem estigma de não concordância verbal com *nós* representar um valor linguístico intrínseco da comunidade, isto é, possuir legitimidade no contexto, sua extinção não se resolverá com um caso de ajuste à norma padrão a ser fomentada pela escola” (MATTOS, 2013, p. 92).

Concernente ao gênero/sexo, os resultados demonstraram as mulheres como favorecedoras da não concordância (0.69) e os homens desfavorecendo-a (0.34). Mattos (2013, p. 121) ressalta que compreende esse comportamento feminino com base no princípio laboviano, reajustado por Scherre e Yacovenco (2011), levando em conta a marcação, de que “as mulheres estão à frente na variação ou na mudança quando se trata de configurações linguísticas menos marcadas, mas não necessariamente mais prestigiadas, como é o caso do uso, da tradição linguística goiana, do singular verbal com *nós*” (MATTOS, 2011, p. 121).

Para a variável linguística ritmo, um dos pontos centrais do trabalho de Mattos (2013), não só para o entendimento da não concordância verbal com *nós*, mas para todos os três fenômenos estudados, destaca-se como fundamental o que a autora denomina controle da paroxitonicidade. Primeiro, vale retomar a opção metodológica feita por Mattos (2013). A autora cogitou a hipótese de trabalhar com a saliência fônica, no entanto, defende que é mais produtivo

“[...] não agregar em uma mesma proposta de análise, como acontece no caso da variável *saliência fônica*, aspectos distintos como graus de diferenciação fônica, tonicidade e alterações fônicas específicas como vogal temática e diferenças no radical do vocábulo. A variável *ritmo* apresenta menor nível de complexidade, mas maior poder explanatório, pois fundamentalmente relacionada à flexão verbal com {-mos} está a possibilidade de integração de um novo ritmo de elocução da (nova) forma (p. ex. *servisse/servíssemos*, de paroxítona a proparoxítona) (MATTOS, 2013, p. 75).

Desse modo, estabelece três grupos de ritmo: Grupo 1: paroxítona – proparoxítona (falava/falávamos); Grupo 2: paroxítona – paroxítona (fala/falamos) e Grupo 3: oxítona – paroxítona (falou/falamos).

A autora argumenta que a importância do *ritmo* pode ser comprovada pelo fato de a variável *tempo verbal* não ter sido selecionada pelo programa, apesar de os dados do imperfeito terem a frequência de 47% de não concordância. “Em momento de contraprova, numa rodada sem os 108 dados de imperfeito, ao desconsiderar *tempo* e deixar *ritmo*, *ritmo* foi selecionado; ao desconsiderar *ritmo* e deixar *tempo verbal*, *tempo* não foi selecionado” (MATTOS, 2013, p. 85).

O Grupo 1, que concentra as formas do pretérito imperfeito, favorece acentuadamente a não concordância, com 0.88 de peso relativo e frequência de 47%. Mattos (2013, p. 85) salienta que “uma média de 47% de singular verbal no pretérito imperfeito é bastante expressiva do que se conhece como esquiva do ritmo proparoxítono” e defende que

A amplitude da tendência de singular em contexto de pretérito imperfeito, medida por meio tanto do nível de uso de *a gente* (alternância) quanto do nível de ocorrência de singular verbal com *nós* (concordância verbal), indica o funcionamento sistemático da língua fortemente vinculado a ritmo, tendendo a evitar a proparoxitonicidade. E os resultados dessa sistemática linguística na fala goiana revelam sua conformidade aos efeitos de ritmo na língua geral (MATTOS, 2013, p. 88).

Já no Grupo 2, quando ocorre a manutenção do ritmo de paroxítona, verifica-se que é leve a tendência de uso do singular com *nós* (0.58). Enquanto no Grupo 3, em que ocorre a conversão de oxítona a paroxítona, a não concordância verbal é desfavorecida (0.35), o que, segundo a autora, revela justamente a atuação da tendência de paroxitonicidade.

Para concluir, vale enfatizar quanto ao trabalho de Mattos (2013) que

A grande diferença da fala goiana, relativamente à 1PP é o uso do singular verbal com *nós*, que remete às raízes rurais da cultura e que os goianos praticam sem estigmatização. Essa identidade cultural e linguística de base rural estaria sendo atualizada particularmente na fala dos mais jovens, na contramão do crescente efeito da escolarização para o aumento do nível de concordância verbal, apontado em pesquisa de Naro e Scherre (2003, p. 54), baseada em tempo real, sobre terceira pessoa do plural (MATTOS, 2013, p. 123).

2.3.7. Quadro sinóptico dos resultados dos trabalhos consultados

Para melhor visualização dos resultados dos trabalhos consultados, condensamos no quadro seguinte os percentuais globais de uso das variantes *nós* e *a gente* e também a frequência da aplicação da concordância verbal junto a essas formas. Ressalvadas as diferenças de cada amostra, observamos que os resultados indicam um uso bastante acentuado da forma inovadora em várias regiões brasileiras. A única exceção é Curitiba/PR, mas a menor frequência da forma inovadora nessa comunidade de fala pode ser explicada em razão de a autora ter excluído os casos

de sujeito implícito em orações coordenadas em sequência. Já no que concerne à concordância verbal, destacamos o caso de Goiás/GO, em que, mesmo entre os mais escolarizados, há um índice significativo de ausência de concordância (25%), conforme vimos na subseção anterior. Nas outras comunidades de fala há pouca variação de concordância.

Quadro 01: Resumo dos resultados dos trabalhos consultados na revisão da literatura.

Trabalhos consultados	Características sociais da amostra	Frequência de uso de <i>a gente</i>	Frequência de uso de <i>nós</i>	Concordância com <i>a gente</i>	Concordância com o pronome <i>nós</i>
OMENA (1986) – Rio de Janeiro/RJ	64 entrevistas – déc. 1980 Gênero/sexo: masculino e feminino. Faixa etária: 15 a 25, 26 a 49 e 50 ou + anos. Escolaridade: primário, ginásio e segundo grau.	69%	31%	96%	97%
LOPES (2003) – Rio de Janeiro/RJ	28 entrevistas (3 amostras) Gênero/sexo: masculino e feminino. Faixa etária: 25 a 35, 36 a 55 e 56 em diante. Escolaridade: nível superior completo.	56% (3 amostras) 42% (déc. de 70). 54% (Recontato – déc. 90) 75% (Nova amostra – déc. 90).	44% (3 amostras) 58% (déc. de 70). 46% (Recontato – déc. 90) 25% (Nova amostra – déc. 90).	“Por nosso <i>corpus</i> ser constituído apenas de entrevistas de falantes cultos, não houve, em nosso dados, ocorrências de <i>a gente</i> com verbos na primeira pessoa do plural” (LOPES, 2003, p. 125).	Não há registro.
MENDONÇA (2010) – Vitória/ES	40 entrevistas (2001-2003) Gênero/sexo: masculino e feminino. Faixa etária: 07 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e 50 ou + anos. Escolaridade: Ens. Fundamental, Médio e Universitário.	70,8%	29,2%	“[...] o nosso <i>corpus</i> apresentou 1.745 registros das duas variantes e apenas 15 registros de <i>nós zero</i> e 15 de <i>a gente mos</i> , ou seja, 1,8% do <i>corpus</i> , respectivamente” (MENDONÇA, 2010, p. 27).	“[...] o nosso <i>corpus</i> apresentou 1.745 registros das duas variantes e apenas 17 registros de <i>nós zero</i> [...]” (MENDONÇA, 2010, p. 27).

TAMANINE (2010) – Curitiba/PR	32 entrevistas Gênero/sexo: masculino e feminino. Faixa etária: 25 a 49 e 50 anos ou +. Escolaridade: primário, ginásio, secundário e ensino superior.	54%	46%	Concordância categórica, não há ocorrências de <i>a gente –mos</i> entre os curitibanos da amostra.	A concordância foi considerada categórica, mas das 954 ocorrências de sujeito <i>nós</i> , 192 (20%) são do que a autora denomina <i>redução de proparoxítona</i> .
RUBIO (2012) – Iboruna/SP	64 entrevistas – 2002/2003 Gênero/sexo: masculino e feminino. Faixa etária: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e mais de 55 anos. Escolaridade: 1º ciclo do Ens. Fund., 2º ciclo do Ens. Fund., Ens. Médio e Ens. Superior.	73,8%	26,2%	94,0%	85,5%
MATTOS (2013) – Goiás/GO	55 entrevistas – a partir de 2008 ⁸ Gênero/sexo: masculino e feminino. Faixa etária: 16 a 24, 25 a 40 e 41 a 86 anos. Escolaridade: de 10 a 11 anos de ensino regular (Ens. Médio) e mais de 11 anos (Ens. Superior e Pós-Graduação).	77%	23%	97,0%	75%

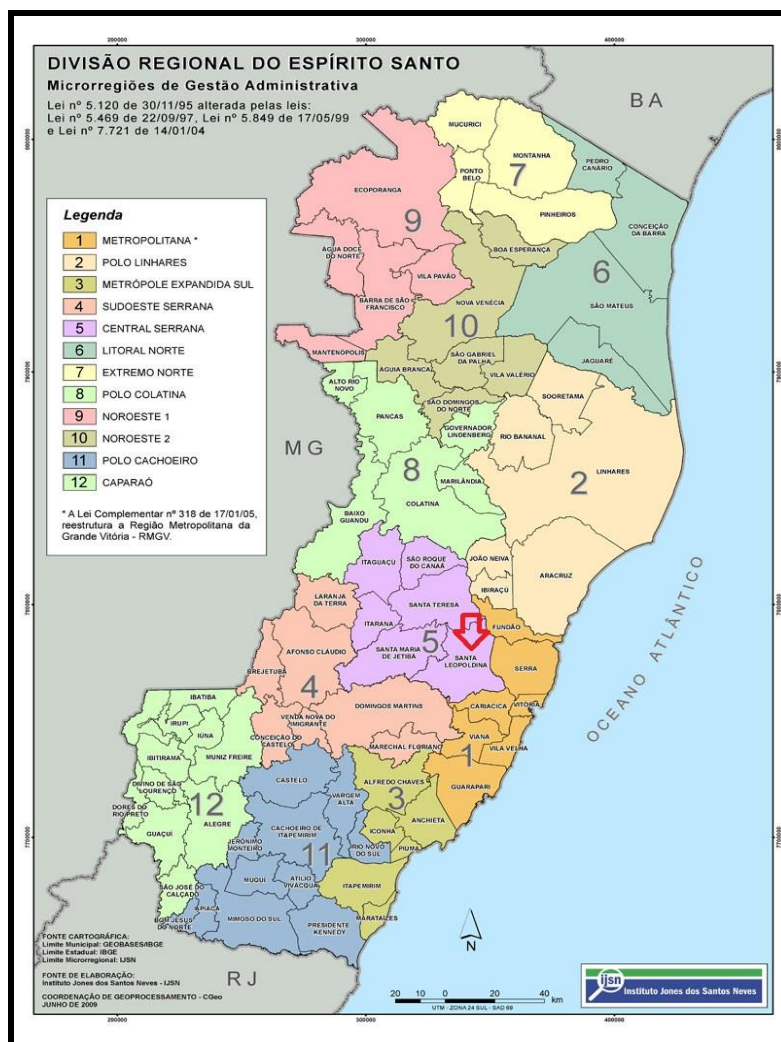
⁸ Há também nesse conjunto algumas entrevistas cedidas por outros pesquisadores que foram coletados antes de 2008.

3. A COMUNIDADE DE FALA

A caracterização da comunidade de fala se faz imprescindível em um estudo sociolinguístico. Os dados histórico-geográficos, econômicos e sociais da região estudada podem fornecer importantes informações que auxiliam na interpretação e análise dos resultados do fenômeno em estudo.

3.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

Santa Leopoldina é um município localizado na região central serrana do estado do Espírito Santo, a aproximadamente 46 km da capital Vitória.



Sua origem data do ano de 1856, quando o Império de Dom Pedro II autorizou, com o intuito de formar uma colônia de imigrantes, a demarcação de terras às margens do Rio Santa Maria. Em 1857, chegam os primeiros colonos, suíços e alemães, e, até o ano de 1882, data de sua emancipação, Santa Leopoldina recebe um grande contingente de imigrantes de várias nacionalidades, entre os quais se destacam: pomeranos, holandeses, luxemburgueses, austríacos e italianos. Há de se ressaltar também que, segundo Schwarz (1992), antes do século XIX, na parte baixa do município, que atualmente fica aquém do centro da cidade, já havia a presença de descendentes portugueses que utilizavam a mão de obra escrava. Como consequência, até hoje se encontra na região uma comunidade de remanescentes quilombolas que preserva algumas de suas características culturais, como o congo. Também não podemos deixar de mencionar que, antes dos portugueses, havia, é óbvio, a presença de indígenas. Segundo informações contidas no site do município⁹,

Conta-se que por volta do ano de 1535, aproximadamente, foi aberto um sítio no lugar denominado Una de Santa Maria, habitado por índios até 1759 quando, em consequência do decreto do Marquês de Pombal que obrigava os padres jesuítas a deixarem as aldeias, os que não morreram abandonaram o sítio e refugiaram-se em matas virgens.

Nota-se, portanto, uma grande diversidade étnica na constituição desse território.

De acordo com Grosselli (2008, p. 473), Santa Leopoldina foi uma das maiores colônias imperiais com uma população apenas inferior à da Colônia Blumenau. Por muito tempo, a cidade chegou a ser o centro comercial e social mais importante do estado do Espírito Santo, pois era muito rica e avançava com progresso, sobretudo devido à navegação pelo Rio Santa Maria. Para se ter uma noção de seu desenvolvimento, como assinala Schwarz (1992), apenas onze anos depois de Alexandre Graham Bell ter lançado o telefone nos Estados Unidos, ele já funcionava em Santa Leopoldina. Quanto ao aspecto social, destacamos a observação de Ross e Eshius (2008, p. 74):

⁹ HISTÓRIA do município. Disponível em: <http://www.santaleopoldina.es.gov.br/>. Acesso em 25/02/2013.

O carnaval de Santa Leopoldina é famoso na província e também fora dela. Até mesmo do Rio de Janeiro aparecem todo ano muitas pessoas para dançar ao ritmo de grupos de carnaval como o 'Brasil Acorda' e o 'Rosa do Sertão'. Em vestimentas luxuosas, típicas da região, eles disputam o prêmio em originalidade, cor e ritmo.

Santa Leopoldina foi, inclusive, cenário de um dos grandes cânones da literatura brasileira, o romance *Canaã*, de Graça Aranha, publicado em 1902. Àquela época, a cidade recebia o nome de Porto de Cachoeiro. No trecho seguinte, Graça Aranha também evidencia a prosperidade econômica da região:

Felicíssimo ia pressuroso, contando os milagres da fortuna comercial daquela gente. – Este sobrado aqui – dizia ele, apontando para uma casa esguia e igual às outras da rua – é de Frederico Bacher, chefe do partido da oposição; é o rival e o inimigo de Roberto. Chegou aqui sem nada; hoje, veja como está rico! E aqui são todos assim, todos têm muito dinheiro. Pode-se dizer que o comércio do Cachoeiro é mais forte do que o da Vitória... Ainda não se deu um caso de quebra... Estes alemães têm olho... Se fossem brasileiros, estava tudo arrebitado (ARANHA, 2005, p. 26).

Porém, a partir da década de 1920, com o avanço das malhas rodoviárias, principalmente da estrada que liga o município à capital do estado, Santa Leopoldina viu o fim de seu progresso, uma vez que “tal providência deu um golpe de morte no transporte fluvial [...], abalando desta forma os alicerces do comércio local” (SCHWARZ, 1992, p. 26).

A seguir expomos algumas fotografias que retratam o tempo áureo da cidade, no início de 1900.



Fotografia 1 – Vista panorâmica do centro de Santa Leopoldina (início do séc. XX)

Fonte: <https://www.facebook.com/SantaLeopoldinaEs>. Acesso em: 25/02/2013.



Fotografia 2 – Rua principal de Santa Leopoldina (início do séc. XX)

Fonte: <https://www.facebook.com/SantaLeopoldinaEs>. Acesso em: 25/02/2013.

Em contrapartida, apresentamos também fotos mais atuais, dos anos 2000:



Fotografia 3 – Vista panorâmica do centro de Santa Leopoldina (início do séc. XXI)
Fonte: <https://www.facebook.com/SantaLeopoldinaEs>. Acesso em: 25/02/2013.



Fotografia 4 – Rua principal de Santa Leopoldina (início do século XXI)
Fonte: Fonte: <https://www.facebook.com/SantaLeopoldinaEs>. Acesso em: 25/02/2013.

Percebe-se, pelas fotos expostas, que não houve muitas mudanças nos últimos cem anos, pois Santa Leopoldina perdeu sua importância comercial e a cidade não se expandiu muito (ANEXO E). Para efeitos comparativos, citamos o caso do município vizinho, Santa Teresa, que fez parte da Colônia de Santa Leopoldina, sendo desmembrado em 1890. A população de Santa Teresa, 21.823 habitantes, é quase o dobro da de Santa Leopoldina e, como sinal de seu maior desenvolvimento, por exemplo, notamos a presença, nesta cidade, de instituições de ensino técnico e superior, o que não existe em Santa Leopoldina.

Hoje, o pacato município leopoldinense conta com uma população de pouco mais de 12.240 habitantes. Com uma extensão de 718 Km², é formado por três distritos: Sede, Djalma Coutinho e Mangaraí¹⁰. Segundo dados constantes em um documento do Proater (Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural), a malha rodoviária local é estimada em 900 Km de estradas não pavimentadas encravadas em um relevo predominantemente montanhoso, de declividade acentuada e de altitudes que variam de 20 a 1.055 metros.

A principal atividade econômica do município é a agropecuária, seguida do comércio e serviços. A estrutura fundiária retrata o predomínio de pequenas propriedades de base familiar, nas quais os trabalhos são realizados pela própria família ou no regime de parcerias agrícolas. A estrutura fundiária encontra-se distribuída da seguinte maneira:

Tabela 10: Estrutura fundiária – Santa Leopoldina

MUNICÍPIO	MINIFÚNDIO	PEQUENA	MÉDIA	GRANDE	TOTAL
Sta. Leopoldina	1.383	1.067	143	12	2.605
	53%	41%	5,5%	0,5%	

Fonte: Incra (janeiro/2011)¹¹

¹⁰ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450#>. Acesso em: 25/02/2013.

¹¹ Tabela extraída do Planejamento e Programação de ações do Proater 2011-2013 e adaptada pela autora deste trabalho.

Essa classificação das propriedades rurais é feita com base na medida de módulos fiscais¹². De acordo com o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o minifúndio se caracteriza como imóvel rural de área inferior a 1 módulo fiscal; a pequena propriedade diz respeito ao imóvel rural de área compreendida entre 1 e 4 módulos fiscais; a média propriedade corresponde ao imóvel rural de área compreendida entre 4 e 15 módulos fiscais; por último, a grande propriedade compreende o imóvel rural de área superior a 15 módulos fiscais (em Santa Leopoldina, o módulo fiscal equivale a 18 hectares). Ressalta-se que, para ser considerada familiar, entre outros aspectos, a propriedade não pode ter mais do que 4 módulos fiscais¹³.

Por fim, vale tecer algumas considerações acerca do sistema educacional. Em Santa Leopoldina não há oferta de ensino privado e existem somente duas escolas estaduais de ensino fundamental e ensino médio, uma localizada no centro da cidade (que recebe a maior parte dos alunos) e outra na comunidade rural de Holanda. Na esfera municipal, são apenas duas escolas urbanas (ambas de educação infantil). As outras 25 escolas municipais localizam-se na área rural, sendo: um centro de educação infantil, duas escolas que ofertam até o segundo ciclo do ensino fundamental e vinte e duas escolas que oferecem apenas o primeiro ciclo, das quais dez são unidocentes (Disponível em: <http://www.educacao.es.gov.br/>. Acesso em 25/02/2013). Relativo, de certa forma, à questão educacional, destacamos também o parco acesso à internet que as comunidades rurais possuem.

3.2 UM CONTRAPONTO: SANTA LEOPOLDINA *VERSUS* VITÓRIA

¹² O módulo fiscal é uma unidade de medida fixada diferentemente para cada município de acordo com a Lei nº 6.746/79, que leva em conta o tipo de exploração predominante no município; a renda obtida com a exploração predominante; outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada; conceito de propriedade familiar. (Disponível em: <http://www.ipam.org.br/saiba-mais/glossariotermo/Modulo-Fiscal/89>. Acesso em: 25/02/2013).

¹³ Lei 8.629, de 25 de fevereiro de 1993 e Instrução Normativa Nº 11, de 04 de abril de 2003.

Como mencionado no início do presente trabalho, Santa Leopoldina é o município com a maior proporção de população rural do Espírito Santo (78,6%). Por outro lado, Vitória é o único com 100% de urbanização, de acordo com resultados do censo demográfico de 2010. Também é interessante notar a disparidade em relação ao crescimento demográfico nas duas localidades:

Tabela 11: População residente e taxa de crescimento populacional nos municípios de Santa Leopoldina e Vitória

Cidade	2000	2010	Taxa de crescimento 2000/2010 (%)
Santa Leopoldina	12.454	12.240	- 1,72
Vitória	291.941	327.801	12,28

Fonte: DISTRIBUIÇÃO populacional no Espírito Santo: resultados do censo demográfico de 2010. Resenha de conjuntura. IJSN, Vitória, ano IV, n. 27, maio 2011.

Esta taxa de crescimento negativa em Santa Leopoldina talvez possa ser entendida como uma consequência da sua estagnação econômica, sendo crescente, sobretudo entre os mais jovens, a saída em busca de novas oportunidades em outras regiões, já que muitos deles não querem mais trabalhar na roça e, na sede do município, a oferta de emprego é pequena.

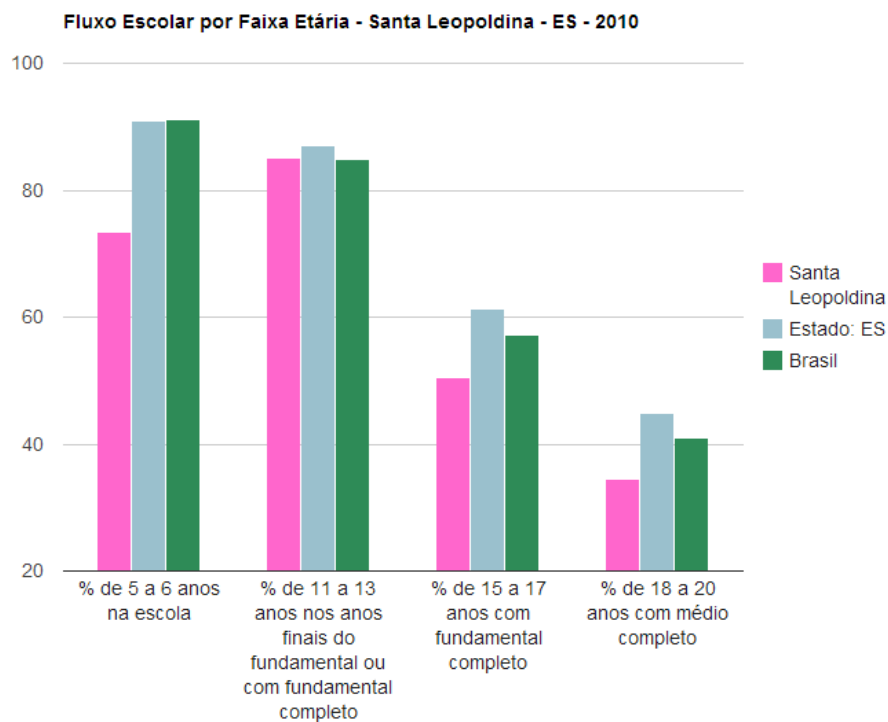
Santa Leopoldina ocupa, no estado do Espírito Santo, que tem 78 municípios, a 77ª (0,626) posição no ranking do IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (PNUD/2010), enquanto Vitória ocupa o 1º lugar, com um índice de 0,845¹⁴. Os índices avaliados levam em conta a expectativa de vida ao nascer (longevidade), a educação e a renda per capita. É interessante notar também a diferença entre os dois municípios no que tange ao IDHM-Educação especificamente: Santa Leopoldina apresenta um índice de 0,477, à medida que Vitória tem o índice de 0,805. Vale lembrar que, quanto mais próximo de 1,0, melhor é o índice. Nos gráficos abaixo, podemos visualizar comparativamente o fluxo escolar por faixa etária nas duas localidades:

¹⁴ Dados do *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013*. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em: 10/02/2014.



Fonte: Pnud, Ipea e FJP

Gráfico 01: Fluxo escolar por faixa etária – Vitória/ES – 2010



Fonte: Pnud, Ipea e FJP

Gráfico 02: Fluxo escolar por faixa etária – Santa Leopoldina - ES - 2010

Em Santa Leopoldina, com exceção da faixa etária de 11 a 13 anos, o percentual do fluxo escolar fica abaixo das médias estadual e brasileira, ao passo que o município de Vitória encontra-se acima das médias em todas as faixas analisadas, o que configura um contraste importante de ser observado.

Outros dados importantes são os referentes à idade adulta, população de 25 anos ou mais de idade. Como destacado no site do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, esse indicador carrega uma grande inércia, em função do peso das gerações mais antigas, de menor escolaridade.

Tabela 12: Escolaridade da população adulta de Sta Leopoldina, Vitória e Brasil, 2010.

Escolaridade	Sta Leopoldina	Vitória	Brasil
Analfabetos	16,45%	3,59%	11,82%
Ens. Fund. Completo	23,27%	76,83%	50,75%
Ens. Médio Completo	14,82%	64,08%	35,83%
Ensino Superior Completo	4,05%	31,86%	11,27%

Fonte: Dados do *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013*. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em: 10/02/2014.

Verificamos, mais uma vez, um distanciamento muito grande entre Santa Leopoldina e Vitória. Até mesmo se comparada à média brasileira, Santa Leopoldina apresenta índices insatisfatórios. Ressalta-se que os dados são concernentes à população urbana e rural. A comunidade que estamos estudando, que é a rural, se fosse analisada separadamente, deve apresentar percentuais um pouco distintos, já que o acesso à escola, como dissemos, é mais difícil para as pessoas que residem no interior.

É válido destacar também a questão da acessibilidade ao município de Santa Leopoldina: há rodovia estadual, asfaltada, que liga Santa Leopoldina às cidades de Cariacica e Santa Maria de Jetibá (ANEXO F – Mapa rodoviário do município). Porém, relativamente à comunidade pesquisada, que é a rural, o acesso é, em sua grande maioria, por estradas de terra com revelo acidentado (região serrana). Quadro este bem diverso, é claro, de Vitória, onde a mobilidade é mais fácil.

Por fim, há que se observar a densidade demográfica desses municípios. Enquanto Vitória tem 3.338,30 habitantes por km², Santa Leopoldina tem apenas 17,05, segundo o censo demográfico de 2010 do IBGE. A distância entre uma propriedade rural e outra, muitas vezes, é grande. E esse foi um fator que, de certo modo, influenciou na coleta dos nossos dados, já que, algumas vezes, precisamos percorrer estradas em más condições, sobretudo nos períodos chuvosos.

3.3 O PORTUGUÊS RURAL: ALGUMAS PONDERAÇÕES

Bortoni-Ricardo (2005) destaca que, para a análise da situação da língua portuguesa no Brasil, país que até meados do século XX tinha uma economia essencialmente rural, é preciso considerar a dualidade linguística: modalidade urbana *versus* modalidade rural, que a autora trata não como uma dicotomia, mas como um *continuum* que se estende desde as variedades rurais isoladas (geográfica e/ou socialmente) em um extremo até a variedade urbana padrão das classes de mais prestígio no outro. Nesse *continuum*, Bortoni-Ricardo (2011, p. 21) ressalta as variedades denominadas *rurbanas*, que são as “usadas por falantes de classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas, que vivem na cidade, mas que, na maioria dos casos, têm antecedentes rurais, e pela população que vive em áreas rurais, onde já se vê a introdução da tecnologia”.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 51) salienta que a propriedade mais funcional no *continuum* é o grau de isolamento da comunidade, que pode ser de natureza geográfica (física) ou social. Além disso, a autora argumenta que a localização do falante ao longo do *continuum* depende mais de sua rede de relações sociais que de sua própria história social.

Os estudos dialetológicos preconizam que “formas ou fases mais antigas se conservam frequentemente em zonas isoladas, longe das grandes vias de comunicação” (COSERIU, 1955, p. 48, *tradução nossa*). Coseriu (1955) observa que a rapidez e a amplitude da difusão das formas linguísticas dependem do prestígio dos indivíduos, dos centros inovadores e da intensidade e vastidão das relações sociais e culturais.

Com base nessas ponderações, procuramos, neste trabalho, refletir até que ponto a nossa comunidade de fala, Santa Leopoldina, é isolada. Geograficamente, sabemos que, devido ao relevo montanhoso, o acesso a algumas localidades é difícil. Muitas vezes, para irem à área urbana, seus moradores, se não têm meio de condução próprio, precisam percorrer longos trechos a pé até a rodovia onde os ônibus passam. É comum, em comunidades mais afastadas do centro, ter uma venda com os produtos de suprimentos básicos. Desse modo, seus membros não precisam se deslocar para fora da comunidade com muita frequência, o que contribui para que tenham uma rede de relações sociais mais fechada.

Normalmente, o dialeto rural apresenta um caráter mais conservador (AGUILERA, 2007). Desse modo, esperamos uma frequência de uso, na zona rural de Santa Leopoldina, da forma canônica *nós* maior do que a verificada em Vitória/ES. Como aponta Zilles (2007, p. 37) “o encaixamento sociolinguístico revela maior difusão da mudança nos grandes centros, enquanto nas localidades menores, mais rurais, em que há contato linguístico e/ou bilinguismo, o ritmo parece ser mais lento”. Se há um fenômeno de mudança em progresso no uso da forma *a gente* no lugar do pronome *nós*, a expectativa é de que, na nossa comunidade de fala, por ser rural e ter o bilinguismo na base da sua formação, a mudança apresente um ritmo mais lento do que na capital do estado.

Por fim, ressaltamos a fala de Mendes (2007), para justificar a importância de mais este estudo sobre a primeira pessoa do plural.

Mesmo sabendo que o português rural está sujeito a forte estigmatização, busca-se combater os preconceitos, à proporção que se desenvolvem as pesquisas e se publicam os resultados, atrelando-os a dados sócio-históricos que não só explicam, mas também justificam as variedades do português popular no Brasil, vistas também à luz do contexto espacial rural e urbano (MENDES, 2007, p. 32).

Cada comunidade de fala tem suas peculiaridades, e isso se reflete na língua. Como dissemos, a área rural do Espírito Santo foi pouco explorada pelos sociolinguistas, e pesquisas como a nossa podem contribuir para combater os preconceitos que se tem a respeito dessa variedade do português. No caso do nosso estudo,

destacamos o uso de *nós* sem concordância, que é bastante estigmatizado e visto como algo típico da fala de “quem é da roça”. Como discutiremos, existem motivações linguísticas e sociais para esse uso, que não ocorre aleatoriamente e nem em qualquer contexto.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Este capítulo apresenta alguns pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, fundamental para nossa pesquisa, bem como os procedimentos adotados para constituição da Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina. Expõe, ainda, o que será considerado ocorrência das variantes e quais serão as variáveis analisadas, assim como as hipóteses sobre a atuação de cada uma delas sobre as variantes.

4.1. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista, que se firmou na década de 1960, com a liderança de William Labov, baseia-se no uso real da língua e considera seu caráter inerentemente dinâmico e heterogêneo. Sendo assim, contraria a noção de falante ideal e de sistema linguístico homogêneo da teoria chomskyana, difundida a partir de meados da década de 1950. Para Labov, “a existência de *variação e de estruturas heterogêneas* está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida” (LABOV, 2008, p. 238).

Ressalta-se que, para essa teoria, a variação não ocorre de modo caótico, isto é, a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas ordenada, passível de sistematização (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Há fatores estruturais (linguísticos) e sociais que condicionam o uso das variantes. Entende-se por variantes as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2007, p. 8). No caso do estudo aqui proposto, para a noção de primeira pessoa do plural, temos como variantes as formas *nós* e *a gente* e, para a variável aplicação da concordância verbal, a presença ou ausência da desinência *–mos* junto a esses pronomes.

O pesquisador sociolinguista visa a “entender quais são os principais fatores que *motivam* a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta *variável*” (CEZÁRIO; VOTRE, 2010, p.

141). Como argumentam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 107), “não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística”. Dessa forma, o problema central que se coloca na Sociolinguística Variacionista, também denominada Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou Sociolinguística Quantitativa, “é a avaliação do *quantum* como que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição” (NARO, 2010, p.16). Para isso, essa corrente utiliza métodos estatísticos e programas computacionais que expressam a probabilidade de uma forma linguística ocorrer em determinados contextos. Conforme observam Guy e Zilles (2007, p. 73):

Antes do advento da metodologia de quantificação, a variação linguística era considerada secundária, aleatória ou mesmo impossível de ser cientificamente apreendida. O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido mostrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras.

Todavia, é importante destacar que, “o progresso da ciência não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas” (NARO, 2010, p. 25).

Uma das grandes contribuições da Sociolinguística é que a sua metodologia bem delimitada permite que se verifiquem a origem, a extensão e a propagação das formas variantes. “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 126). Cabe ao pesquisador investigar, através da análise dos diversos fatores linguísticos e sociais, se o fenômeno em estudo se trata de variação estável ou de mudança em progresso (também denominada mudança em curso).

Por meio da análise em *tempo aparente*, pressupondo que a fala de pessoas mais velhas reflete a fala de alguns anos atrás, enquanto a fala dos indivíduos mais jovens reflete a fala atual, é possível obter indícios sobre a natureza do fenômeno: reflete uma variação ou uma mudança em curso.

O sociolinguista pode fazer também um estudo em *tempo real*, coletando dados de outras sincronias. Nesse sentido, Labov (1994, p. 76) indica duas possibilidades metodológicas: coletar e analisar os dados referentes aos mesmos informantes de uma comunidade de fala em períodos distintos de suas vidas, o que configura *estudo de painel*, ou coletar e analisar dados de duas amostras compostas por indivíduos diferentes em duas épocas distintas, indivíduos esses que possuem o mesmo perfil social da amostra anterior, o que se caracteriza como *estudo de tendências*.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

A Amostra do Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina, desenvolvida pelas alunas-pesquisadoras Camila Candeias Foeger e Lays Joel de Oliveira Lopes, sob a coordenação das professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre, é constituída por 48 entrevistas orais, com duração entre 50 e 60 minutos. Ressalta-se, porém, que para a atual pesquisa, o *corpus* utilizado é de 32 entrevistas, coletadas no período de novembro de 2011 a janeiro de 2013, assim distribuídas¹⁵:

Tabela 13: Composição da amostra de acordo com as variáveis sociais

	(idade [→])		07-14		15-25		26-49		50-...		
	(gênero/sexo [→])		F	M	F	M	F	M	F	M	
<i>Ensino Fundamental I</i>	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	=16
<i>Ensino Fundamental II</i>	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	=16

Número total de informantes entrevistados = 32

¹⁵ Nossa proposta inicial era constituir uma amostra com 48 entrevistas, englobando também informantes com o grau de escolarização do Ensino Médio, mas por fatores diversos (dificuldade de encontrar informantes com determinado perfil, falta de tempo, etc.) não conseguimos fechar a amostra com os três níveis de escolaridade (ainda há de se fazer 5 entrevistas e a transcrição de algumas outras). Em momento oportuno, pretendemos voltar a campo para ampliar a amostra.

Estabelecemos, com base na Teoria Sociolinguística, que os entrevistados teriam de ser naturais de Santa Leopoldina, ter pais e/ou cônjuge leopoldinenses¹⁶, residir na zona rural, não trabalhar ou não ter trabalhado em grandes centros urbanos e não ter permanecido mais que ¼ da sua vida fora do município. É importante mencionar também que, Santa Leopoldina, por características da sua formação, abriga uma grande diversidade étnica, e ainda há, principalmente no interior do município, algumas pessoas bilíngues, falantes, em sua maioria, do alemão e do pomerano. Assim sendo, também determinamos, como critério de seleção dos informantes, que fossem todos monolíngues, a fim de obter uma uniformidade dos falantes. Entretanto, mesmo tendo feito esta opção, não ignoramos as influências que outras línguas possam exercer no PB falado nessa região.

A coleta da amostra foi feita com base nos preceitos metodológicos labovianos (LABOV, 2008, p. 242). Elaborou-se, primeiro, um roteiro prévio com questões para guiar a entrevista, seguindo aquele utilizado no PortVix (YACOVENCO *et al.*, 2012), com algumas adaptações à realidade de Santa Leopoldina (ANEXO A). Como aponta Tarallo (2007, p. 22), os roteiros “têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal”. Também foi preparado um termo de consentimento (ANEXO B) para os informantes assinarem permitindo, dessa forma, a utilização do material para uso exclusivo em pesquisa acadêmica, resguardada a identidade de cada um dos entrevistados.

Levando em consideração o que propõe Labov (2008), ao abordarmos os informantes, não deixamos claro, no primeiro momento, o objetivo primeiro de nossa pesquisa, que é observar a língua tal como usada cotidianamente pela comunidade. Desse modo, afirmávamos aos sujeitos da pesquisa que pretendíamos conhecer um pouco mais da realidade local (como vivem as pessoas naquele lugar, seus costumes, crenças, atividades agrícolas, etc.). Optamos também por não nos identificarmos inicialmente como estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo, pois acreditamos que isso poderia causar algum tipo de inibição. Sendo

¹⁶ Em alguns casos consideramos pais e/ou cônjuges que não eram naturais do município, mas já viviam ali há muito tempo.

assim, somente ao final da entrevista, no momento que líamos e explicávamos o termo de consentimento, essas informações ficavam evidentes.

Na pesquisa sociolinguística, recomenda-se que se entre na comunidade por intermédio de terceiros, de pessoas já aceitas dentro dela. Em vista disso, sempre levamos uma espécie de guia ao realizar as entrevistas, apesar de uma das alunas-pesquisadoras ser nascida e criada na região. Achamos importante esse cuidado, pois há algum tempo, aproximadamente 6 anos, a aluna não reside mais no local, podendo, desse modo, ser considerada como não pertencente mais àquele grupo. Ressalta-se também que, devido a algumas dificuldades de locomoção (longas distâncias percorridas em estradas de chão) e ao tempo disponível, as entrevistas foram realizadas em um único contato com os informantes.

A composição da amostra não foi totalmente aleatória, por vezes a conveniência é que determinou a seleção do informante. Santa Leopoldina é um município com grande extensão territorial e certas localidades rurais (ver ANEXO C – divisão territorial do município) não têm um acesso muito fácil, devido às condições das estradas, principalmente em períodos chuvosos. Por conseguinte, não foi possível contemplar todas as comunidades rurais e acabamos nos restringindo a apenas algumas, de acordo com a disponibilidade dos nossos guias (ANEXO D). Basicamente, utilizamos o seguinte método: procuramos pessoas próximas a nós que fossem conhecidas em determinada região, então contamos com a ajuda delas para nos levar até prováveis informantes. Muitas vezes esses informantes nos indicavam outras pessoas com as quais poderíamos realizar nossas entrevistas. Sendo assim, algumas pessoas da amostra se conhecem, outras não; não houve, pois, um controle quanto a esse aspecto.

Entrar numa comunidade sem o guia é extremamente difícil, há uma grande resistência por parte dos falantes. Para ilustrar isso, mencionamos algumas situações enfrentadas por nós. Saímos, eu e meu irmão, que também é natural de Santa Leopoldina, mas não reside mais na comunidade, em busca de informantes. Não conhecíamos ninguém naquela comunidade, apenas pedimos referências em um bar no qual o dono nos conhecia, e ele nos indicou uma possível colaboradora. Chegando à sua casa, apresentamo-nos dizendo quem éramos e quais eram nossos

objetivos. A pessoa só se sentiu mais segura depois de sondar as nossas origens, depois que verificou que tínhamos pessoas em comum “Ah! Você é sobrinha de fulano!” e ainda disse, observando a placa do carro, que era de Santa Leopoldina, que se fosse gente de fora, “de Vitória”, ela não cederia a entrevista, só estava nos ajudando porque “éramos gente dali”. Depois, essa pessoa nos indicou outra com o perfil que estávamos procurando, mas a resistência dessa segunda pessoa foi tão grande que não conseguimos fazer com que a entrevista passasse de 20 minutos de duração e tivemos que descartá-la.

Em outra ocasião, dessa vez com um guia, na hora de assinar o termo de consentimento, a pessoa pareceu bem desconfiada. Precisamos, então, conversar bastante para que ela entendesse a situação e concordasse em ceder a gravação para nossa pesquisa. A intervenção do guia, nesse momento, foi fundamental, alguém em quem ela confiava e sabia que, se fosse algo que pudesse prejudicá-la, aquela pessoa (o guia) não teria nos levado até a casa dela para fazermos a entrevista.

Julgamos pertinente mencionar essas situações para justificar o caráter não muito aleatório da composição da nossa amostra, além de enfatizarmos a importância do guia na realização das entrevistas sociolinguísticas.

Para obter os dados necessários à sua pesquisa, o sociolinguista se depara com o chamado *paradoxo do observador*, tratado por Labov (2008, p. 244) ao destacar que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos observar tais dados por meio da observação sistemática”. Destarte, para a obtenção do vernáculo, “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244), que é o objetivo central do pesquisador, algumas estratégias foram adotadas, tais como a incitação de relato de experiências pessoais. Labov (2008) argumenta que uma das maneiras de superar o paradoxo é envolver o entrevistado com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ele já experienciou, e acrescenta:

Uma das perguntas desse tipo que tem dado mais resultado é a que lida com o “risco de vida”: “você já vivenciou uma situação em que correu sério

risco de morrer?”. As narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo. (LABOV, 2008, p. 245).

Feitas as considerações acerca da coleta da amostra, explicitamos as outras etapas do nosso trabalho. Depois de gravar e transcrever as entrevistas, seguimos com o levantamento e codificação dos dados, para então submetê-los ao programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), a fim de obtermos resultados estatísticos para a análise do fenômeno em estudo.

4.3 VARIÁVEIS DEPENDENTES

“Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2010, p. 11). Como salientado, em nossa pesquisa, propomo-nos a investigar dois fenômenos, sendo assim, temos duas variáveis dependentes: a alternância da primeira pessoa do plural e a aplicação da concordância verbal na 1PP.

Antes de elencarmos os possíveis fatores que podem influenciar o uso das variantes em estudo – *nós/a gente* e *-mos/Ø* --, é necessário definirmos o que é e o que não é uma ocorrência das variáveis dependentes em estudo.

4.3.1 A noção de primeira pessoa do plural

Analisamos, neste trabalho, as ocorrências dos pronomes de primeira pessoa do plural em todas as funções sintáticas. Estando em posição de sujeito, consideramos tanto as formas explícitas, isto é, efetivamente enunciadas, quanto as formas implícitas, identificadas pelas desinências *-mos* ou *-Ø*. É importante destacar que foram desconsideradas da nossa amostra as formas cristalizadas, tais como *vamos dizer* e *digamos*, por se tratarem de marcadores discursivos, não havendo variação,

bem como casos de *nós* explícito acompanhado de numeral, em que também não é possível variar:

- (1) **nós dois** só... ele mais novo do que eu (CEL 37: feminino, 50 anos ou mais, Ens. Fundamental I).

4.3.2. Aplicação da concordância verbal junto à primeira pessoa do plural.

Segundo Bechara (2005, p. 543), “a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”. A concordância verbal é a que se estabelece entre o verbo e o seu sujeito (em número e pessoa). Sendo assim, consideramos que há aplicação da concordância quando o verbo, junto ao sujeito *nós*, apresenta desinência de 1PP (-mos) e, junto ao sujeito *a gente*, desinência de 3PS (-Ø).

A análise dessa variável se faz importante neste estudo tendo em vista que, no interior de Santa Leopoldina, há uma variação significativa entre as formas verbais junto ao sujeito *nós*. Cenário este bem diferente do encontrado na capital do Espírito Santo, onde a variação é relativamente baixa, cerca de 10% de ausência de concordância (BENFICA e SCHERRE, 2013). Com a forma *a gente*, em nossa comunidade de fala, a realização da concordância é praticamente categórica, só há um caso de não concordância (32).

- (2) é... foi bom né... tirando à noite... [inint] barulhos de carro... fora isso foi bom....**a gente passeamo** muito....se diverti bastante... (CEL 05; feminino, 7-14 anos, Ens. Fund. II)

Então, para investigarmos a atuação dessa variável, faremos uma rodada somente com o pronome *nós*. Pretendemos, com isso, testar a hipótese de que o apagamento da marca de plural em formas de 1PP seja fenômeno típico de comunidades rurais. Como ressalta Rubio (2012), reportando-se ao trabalho de Rodrigues (1987):

Ao elaborar uma comparação entre a concordância de 1PP e 3PP, a autora [Rodrigues (1987)] constatou que os índices de não-aplicação de CV para a 3PP superam em muito os índices de não-aplicação para a 1PP, pois a noção de “erro” é mais saliente para a 1PP, sob o ponto de vista social, principalmente nos grandes centros urbanos. **Essas formas são associadas a falantes do interior ou da zona rural.** Segundo a autora, a noção de “erro” associada a formas em 3PP sem a variante explícita de plural não tem o mesmo peso social das formas de 1PP (RUBIO, 2012, p. 127, grifo nosso).

Inicialmente, estabelecemos como fatores a serem controlados nessa variável: concordância e não concordância, levando em consideração a presença ou ausência do morfema *-mos*. Porém, notamos em nossos dados alguns casos em que, apesar de o verbo apresentar a desinência de 1PP, há uma elevação da vogal temática, como no exemplo seguinte (*levemo* em vez de *levamo*):

(3) aí **nós levemo** uma suspensão só (CEL 20: masculino, 15-25 anos, Ens. Fundamental I);

Partindo da hipótese de que essa elevação da vogal pode estar associada ao caráter rural da nossa amostra, já que na capital do Espírito Santo não foram observados dados dessa natureza, optamos por codificar esses casos separadamente, os quais foram classificados como concordância não padrão 1. Outros dados que também preferimos considerar à parte são os que se referem a verbos com desinência de 3PP, que foram considerados como concordância não padrão 2.

(4) acho que **nós vão** fazer umas brincadeira (CEL 03: feminino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental I);

Poderíamos codificar o exemplo acima como concordância realizada, porém, tendo em vista que há concordância de número (plural), mas não há concordância de pessoa, achamos pertinente separá-lo. Dessa forma, para a variável concordância verbal, temos as seguintes variantes: concordância padrão (5 e 6), concordância não padrão 1 (7), concordância não padrão 2 (8) e não concordância (9). Como o programa que utilizamos, GoldVarb X, é apropriado apenas para análises binárias, testamos várias rodadas para nossa análise.

- (5) **nós pedimos** isso... **nós colocamos** esse detalhe que aqui podia ser feito (CEL 43: masculino, 50 anos ou +, Ens. Fundamental I);
- (6) era alto lá em cima do terraço então **nós pegamo** ele e **botamo** lá fora de novo (CEL 01: feminino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental I);
- (7) um ano **nós estudemo** no posto de saúde... porque eles tavam reformando a escola (CEL 14: feminino, 15 a 25 anos, Ens. Fundamental I);
- (8) Ah sim.... às vezes até nós...durante à noite assim **nós tão** todo mundo assim unido... aí conta né...um pouquinho (CEL 15: feminino, 15 a 25 anos, Ens. Fundamental II);
- (9) **nós sai** onze e vinte e **nós fica** brincando enquanto isso (CEL 08: masculino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental I);

As ocorrências em que há somente a supressão do “s” (6) foram codificadas como concordância padrão.

Vale destacar também os casos de não concordância no pretérito imperfeito. Retomamos, para tanto, a discussão empreendida por Tamanine (2010), já citada na seção 2.3.4 deste trabalho. A autora defende que, nesse tipo de ocorrência, não há ausência de concordância. Para ela, trata-se de um mecanismo da própria língua para adaptar as exceções às regras. No pretérito imperfeito ocorrem as proparoxítonas com *-mos*, porém, no PB, a regra seria o padrão métrico das paroxítonas. Dessa forma, para se adequarem a essa regra, os falantes realizariam a chamada *redução de proparoxítona*. Nos dados de Curitiba, Tamanine (2010, p. 164) constatou que a concordância com *-mos* foi categórica: entre as 954 ocorrências de *nós* como sujeito, 758 casos foram de *nós + -mos* e 192 de redução de proparoxítona.

Apesar de reconhecermos a pertinência das considerações de Tamanine (2010), em nosso trabalho preferimos tratar as ocorrências de redução de proparoxítona como ausência de concordância, visto que o uso da desinência de 3PS junto ao *nós*, ainda

que no pretérito imperfeito, é bastante estigmatizada. Outro fator importante diz respeito ao fato de que, em Santa Leopoldina, diferentemente do que ocorre em Curitiba, há uma ocorrência significativa de *nós* + Ø em outros tempos verbais.

Isso posto, apresentamos, no que se segue, os contextos investigados para os fenômenos em variação.

4.4. VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Nossas variáveis independentes, ou seja, os grupos de fatores que podem influenciar a escolha de uma das variantes, estão agrupadas em variáveis linguísticas, variáveis sociais e variável estilística.

4.4.1 Variáveis linguísticas

4.4.1.1 Explicitude do sujeito

Na posição de sujeito, as variantes *nós* e *a gente* podem aparecer tanto explícitas, efetivamente enunciadas, quanto implícitas, subentendidas:

(10) um dia tinha um passarinho que... era um filhotinho que ele não sabia... ele perdeu da mamãe e do papai... aí era alto lá em cima do terraço então (a) **nós pegamo** ele e (b) **botamo** lá fora de novo (...) (CEL 01: feminino, 7-14 anos, Ens. Fundamental I).

No exemplo acima, classificamos a primeira ocorrência (a) de *nós* como explícita e a segunda (b) como implícita, esta última identificada pela desinência *-mos*. Já na fala exposta a seguir, notamos um caso de *a gente* explícito em (c) e *a gente* implícito em (d).

(11) no final de semana (c) **a gente sempre sai...** (d) **vai** nas Andorinhas ou na Vêu de Noiva... nas pousadas né? sair um pouco da rotina [risos] (CEL 13: feminino, 15-25 anos, Ens. Fundamental I).

Adotamos como critério considerar o verbo na terceira pessoa do singular como forma implícita somente quando precedido de uma estrutura equivalente contendo o pronome *nós* ou *a gente* explícito, como nos exemplos mostrados anteriormente. Essa opção metodológica se deve ao fato de a forma verbal na terceira pessoa do singular apresentar ambiguidade, pois pode fazer referência também a outras pessoas do discurso. Além de que, em nosso *corpus*, há um percentual significativo de uso de *nós* + \emptyset . Sendo assim, para a classificação da forma implícita, levou-se em conta não apenas a desinência, mas também as relações internas e externas que envolvem a variante, como no exemplo abaixo:

(12) aí eu durmo... tem vez quando eu dormia junto com Ana... que Maria dormia lá no berço... (e) **nós de noite juntava** a cama e (f) **ficava dormindo** junta... (g) **juntava** a cama dela com a minha... aí (h) **nós ficava** lá brincando (CEL 01: feminino, 07-14 anos, Ens. Fundamental I).

Classificamos (f) e (g) como *nós* implícito, apesar de o verbo estar na terceira pessoa do singular porque a forma imediatamente anterior é composta por *nós* + \emptyset , o que é ratificado quando a informante retoma em (h) o verbo *ficar* na terceira pessoa do singular acompanhado de *nós* explícito. Levamos em conta também, para tal classificação, o fato de esse tipo de estrutura (*nós* + \emptyset) ser recorrente ao longo da entrevista. Vale salientar, porém, que, no caso da marca de plural (*-mos*), consideramos sempre como *nós* implícito, pois praticamente não há em nosso *corpus* ocorrência de *a gente* + *-mos* explícita - em um universo de 1015 dados de sujeito *a gente*, apenas 1 (um) aparece com a desinência de 1PP (*-mos*).

Considerando que a marca de flexão verbal de primeira pessoa do plural pode inibir o preenchimento do pronome, já que o *-mos* pode ser suficiente para identificar o sujeito, a expectativa é que, em nossos dados, o sujeito implícito favoreça *nós*. Em contrapartida, o sujeito explícito deve favorecer *a gente*, pois a desinência \emptyset também se refere a outras pessoas do discurso, então, para que haja clareza

semântica, é preciso explicitar o sujeito. Essa hipótese foi atestada em estudos tais como os de Omena (1986), Lopes (2003) e Mendonça (2010).

4.4.1.2 Paralelismo linguístico

Como paralelismo linguístico, entende-se “a repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso” (SCHERRE, 1998, p. 30). O paralelismo pode indicar se a forma antecedente exerce influência na escolha do falante. Ao observarmos este grupo de fatores, estabelecemos como critério o turno de fala, isto é, a troca entre entrevistador e entrevistado marca o limite de uma sequência.

Omena (1986), Mendonça (2010) e Rubio (2012), entre outros, confirmam a atuação do fator paralelismo linguístico na alternância pronominal *nós/a gente*, pois, a partir do momento em que o falante seleciona um dos pronomes, essa escolha atua sobre o uso das demais formas seguintes. Assim sendo, estabelecemos como hipótese que, em nossa comunidade de fala, este fator também atue fortemente, fazendo com que, em uma sequência discursiva, haja tendência à repetição da forma originária, isto é, se a forma *nós* (ou a forma *a gente*) é empregada no início de uma série, a tendência é que na sequência do discurso se repita a mesma forma pronominal antecedente, como no exemplo abaixo, no qual a falante inicia a sequência com o pronome *a gente* e o repete até o final da sua fala, mantendo o paralelismo:

- (13) Dificuldade é muita coisa né? é estrada ... às vezes chove e a ponte que... essa ponte que a última chuva que deu... levou embora... a água... **a gente** ficou passando dentro da água... a água levou a ponte embora... então **a gente** tinha que passar dentro da água... sempre/ **a gente** sempre teve assim dificuldade aqui né? nunca foi assim tão fácil **pra gente**... mas graças a Deus devagar **a gente** venceu.... e venci sempre com Deus primeiramente né? trabalhando com honestidade:: graças a Deus... que eu trabalhei muito na minha vida já... e continuo trabalhando... com honestidade... tudo que eu tenho com muito amor e honestidade mesmo (CEL 26: feminino, 26-49 anos, Ens. Fund. I).

Destarte, para a investigação desta variável, consideramos:

i. forma isolada;

Quando o falante, em um mesmo turno, enuncia somente uma vez uma das formas:

(14) eu acho que é machismo mesmo... sei lá... diz ele que mulher não precisava estudar mulher sempre era em casa mesmo e na roça ... ho::je se **a gente** tivesse talvez estudado tinha uma vida melhor né? (CEL 25: feminino, 26-49 anos, Ens. Fundamental I).

Em uma sequência em que há mais de uma ocorrência do pronome de primeira pessoa do plural, classificamos a primeira como *primeiro da série* e as subsequentes como *não primeiro da série*, indicando o termo que a antecede:

ii. Primeiro da série;

iii. Não primeiro da série precedido de *nós* explícito;

iv. Não primeiro da série precedido de *nós* implícito;

v. Não primeiro da série precedido de *nós* zero;

vi. Não primeiro da série precedido de *a gente* explícito;

vii. Não primeiro da série precedido de *a gente* implícito;

viii. Não primeiro da série precedido de *a gente* + mos;

Desse modo, no exemplo seguinte, temos em (a) primeiro da série, em (b), não primeiro da série precedido de *nós* zero, em (c) e (d), não primeiro da série precedido de *nós* explícito, em (e) não primeiro da série precedido de *nós* implícito.

(15) ah:: (a) **nós era**... (b) **nós ficuemo** em quinto lugar... aí tinha um time que ia ficar em segundo... como (c) **nós ficuemo** em quinto... (d) **levemo** uma goleada... o time de segundo lugar passou pro terceiro... aí falou que (e) **nós tinha deixado** eles ganhar... aí começou o quebra pau... aí eu falei: “vou jogar isso mais não!” (CEL 20: masculino, 15-25 anos, Ens. Fundamental I).

Já na sequência abaixo, temos: em (f), primeiro da série, em (g) e (i) e (k), não primeiro da série precedido de *a gente* explícito, e em (h) e (j), não primeiro da série precedido de *a gente* implícito.

(16) teve uma época que (f) **a gente:: era** assim... (g) **trabalhava** ainda com o pa::i dele (h) **a gente trabalhava** tudo jun::to ali:: (i) **dividia** o dinhei::ro ali:: sei lá era mu::lto difícil... (j) **a gente não tinha** aquela renda só (k) **pra gente**... a renda tinha que ser dividida em três né? era muito complicado depender deles (CEL 25: feminino, 26-49 anos, Ens. Fundamental I).

Ressalta-se, porém, que nem sempre o paralelismo é mantido, como no exemplo a seguir, no qual o falante inicia com o *nós* e depois muda para *a gente* no mesmo turno de fala.

(17) Muitas vezes... o coordenador quando um professor falta.. fica doente ou alguma coisa.. (l) **nós fica** de aula vaga.. aí o coordenador vai na (m) **nossa** sala... e faz brincadeira com (n) **a gente**... (CEL 10: masculino, 7-14 anos, Ens. Fundamental II).

4.4.1.3 Referencialidade

Para a análise da variável referencialidade de *nós* e *a gente*, recorreremos à Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste (2005) no que diz respeito ao entendimento das pessoas do discurso. Benveniste destaca o *eu*, primeira pessoa – que “designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim (BENVENISTE, 2005, p. 250) – e o *tu*, segunda pessoa – que “é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de ‘tu’” (2005, p. 205). O autor argumenta, entretanto, que a chamada terceira pessoa está de fora da relação “eu-tu”, ela comporta um enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma pessoa específica, sendo assim, denominada *não-pessoa*.

Segundo Benveniste (2005, p. 253), “eu” e “tu” são inversíveis: o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu”, e “eu” se torna um “tu”. Porém, nenhuma relação paralela é possível entre uma das pessoas e “ele”, já que “ele”, por si só, não designa especificamente nada nem ninguém.

Vale observar também o que Benveniste (2005) discorre acerca do plural da primeira pessoa, evidenciando que não se trata de eu + eu:

Se não pode haver vários “eu” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos mas uma *junção* entre “eu” e o “não-eu”, seja qual for o conteúdo desse “não-eu”. Essa junção forma um totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não-eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” (BENVENISTE, 2005, p. 256).

Dessa forma, o *nós* se configura como um *eu ampliado*, “‘nós’ não é um ‘eu’ quantificado ou multiplicado, é um ‘eu’ *dilatado* além da pessoa estrita, ao mesmo tempo acrescido de contornos vagos” (BENVENISTE, 2005, p. 258).

Ante o exposto, e considerando o processo de gramaticalização pelo qual passou o substantivo *gente* até a forma pronominal *a gente*, delineamos como hipótese, com base no trabalho de Lopes (2003), que *a gente* tem uma referência mais genérica/indeterminada e o *nós* se especializa, em termos funcionais, tornando-se a forma de referência mais específica. Como se sabe, nos primórdios, a forma *gente* designava a não-pessoa, por isso sua marca de terceira pessoa verbal, e, integrando-se ao quadro dos pronomes, passou a ser uma pessoa do discurso, concorrendo com o pronome *nós*. Nesse processo, como observa Omena (1986), o significado da forma é modificado semanticamente: ao significador é acrescentada a referência à pessoa que fala.

As variantes *nós* e *a gente* podem ter como referência: eu; eu + você; eu + ele (não-pessoa), eu + você + ele e referência genérica. Entretanto, vale ressaltar que, devido ao caráter das entrevistas, em que normalmente o entrevistado e entrevistador se desconhecem, são escassos os registros das variantes com referência a eu + você ou a eu + você + ele. Destarte, e tendo em conta que, como discutiremos mais

adiante, a recuperação do referente não é uma tarefa fácil, optamos por, ao investigar a atuação dessa variável, classificar as variantes quanto ao seu caráter: genérico e indefinido, genérico e definido e específico e definido, seguindo a proposta de Rubio (2012). Desse modo, mantemos a gradação do mais genérico para mais específico, o que nos permite, de certa forma, a comparação com trabalhos como o de Mendonça (2010), que apresenta uma opção metodológica diferente.

Adotando, então, a classificação de Rubio (2012), temos:

“*Referência específica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores” (RUBIO, 2012, p. 167), como no exemplo seguinte:

(18) E – e você:: você tava com seu irmão... vocês tavam indo aonde?

Inf - nós tava andando de bicicleta (CEL 08: masculino, 7-14 anos, Ens. Fundamental I).

Acrescentam-se também à *referência específica e definida* os casos em que o falante se refere ao próprio *eu*:

(19) Inf – não... pra Ceasa mesmo eu não vou não

E – nunca foi não?

Inf – já fui umas duas vez só

E – mas por que que você não vai?

Inf – não... porque a gente fica por aqui pra poder trabalhar... mexendo nas coisa né? (CEL 20: masculino, 15-25 anos, Ensino Fundamental I).

“*Referência genérica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro”

(RUBIO, 2012, p. 167). Para exemplificar, no excerto que segue, há ocorrências do pronome *nós* fazendo referência à entrevistada + seus colegas da escola que dançam quadrilha:

(20) E – ah! e me fale mais da quadrilha!

Inf - nós dança assim... aí tem um buraco assim para nós passar, aí nós passa por baixo, quem for o último vai passando [...]

E – mas é lá na escola mesmo?

E - aham (CEL 3: feminino, 7-14 anos, Ens. Fundamental I).

“Referência genérica e indefinida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos” (RUBIO, 2011, p. 167). Como exemplo, apresentamos o trecho abaixo em que o informante usa a forma *a gente* para se reportar aos brasileiros de um modo geral:

(21) (...) num país que se fala português e ele conseguiu ficar reprovado em inglês... então eu acho um absurdo isso... lógico... foi falha dele... e ficou reprovado em ciência também... foi falha dele mas eu fiquei revoltado porque num país que a gente vive falando português e:: ficou reprovado no inglês... se no país usa a língua portuguesa (...) (CEL 31: masculino, 26-49 anos, Ens. Fundamental I).

Vale salientar que a recuperação do referente não é tarefa fácil para o pesquisador, pois nem sempre há elementos textuais, antes ou depois das expressões de primeira pessoa do plural, que definem com clareza quem constitui *nós* e *a gente*. Silva e Coelho (2010, p. 43) destacam que

Precisamos, necessariamente, de *âncoras textuais* para identificarmos referencialmente o objeto. Muitas vezes, o contexto pode ir além do texto falado, como, por exemplo, o conhecimento compartilhado, fatores psicológicos, atitudes do falante, complexidade do assunto abordado, entre outros aspectos que podem ser determinantes para a interpretação referencial (MARCUSCHI, 2001, 2003). Dessa forma, os pronomes *nós* e *a gente*, por exemplo, por si só, não são auto-referenciais, são dependentes do contexto para serem interpretados.

Como postulam Mondada e Dubois (2003), concebendo a linguagem como uma atividade sociocognitiva e interativa, o objeto de discurso, ou referente, é construído na interação, sua existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas (situadas) e intersubjetivas. A referenciação não privilegia a relação entre palavras e coisas ou estado de coisas no mundo, ela “não diz respeito a ‘uma relação de representação das coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado’” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20). Dessa forma, seguindo o proposto por Koch (2009, p. 59), a interpretação da expressão pronominal (*nós/a gente*) consiste não em localizar um segmento linguístico “antecedente” ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva.

Feitas essas considerações, fica claro que, para a delimitação do referente, precisamos levar em conta todos esses aspectos contextuais que, de certa forma, dependem também da subjetividade do analista. No trecho da entrevista abaixo, podemos notar, por exemplo, a importância de ir além da delimitação do turno de fala, e de se considerar o assunto, como um dos aspectos a serem observados para a classificação do referente:

(22) E – e como foi sua infância?

Inf – a minha infância foi terrível... trabalhando muito... (a) passamo muita necessidade... é:: aos meus seis anos pra frente até os oito ano... antes de eu começar a estudar eu tive que tomar conta da minha ir/duas irmãs e ainda tive que trabalhar:: nos trabalho doméstico enquanto minha mãe e o meu irmão mais velho trabalhava na roça... aí meu pai muitas vezes consegui um trabalhinho extra pra conseguir botar um alimento dentro de casa... nunca passei fome na vida... mas já (b) passamo extrema necessidade de não saber o que comer no outro dia... então tive uma infância de pouca brincadeira... de muito trabalho... hoje o que eu tenho foi pela educação de tá trabalhando na roça e:: trabalhando muito... então desde pequeno eu conheço o sofrimento da roça... então é digno... é sofrido... mas eu sofro desde criança

E – e as brincadeiras... que como você falou... eram poucos os momentos... mas do que você brincava assim? o que vocês mais faziam?

Inf - a brincadeira mais era tomar banho no rio... é brincar de balanço... nunca (c) **tivemo** a oportunidade de ter uma bicicleta... hoje como (d) **a gente** vê todas as criança tem... mas sempre no natal (e) **a gente** tinha um brinquedinho (f) **da gente** né e (g) **brincava**... bola também (h) **brincava** bastante... quando podia comprar... aí... mas o principal era tomar banho no rio e brincar de balanço (CEL 31: masculino, 26-49 anos, Ens. Fundamental I).

Nas duas primeiras ocorrências do pronome *nós*, (a) e (b), a recuperação do referente apresenta mais de uma possibilidade. *Nós* pode estar designando “eu” ou “eu + minha família”. Como *passamo*, nos dois casos, está antecedido e sucedido pela primeira pessoa do singular (“minha infância”, “aos meus seis anos”, “antes de eu começar a trabalhar”, “eu tive”, etc.), é possível interpretá-lo como referência ao próprio falante, ao “eu”. Porém, como o informante comenta sobre os irmãos e os pais, também podemos pensar que quem constitui o *nós* é ele juntamente com a família. Essa segunda interpretação nos parece mais adequada, já que, ao levarmos em conta o assunto, notamos que os trechos “passamo muita necessidade” e “mas já passamo extrema necessidade de não saber o que comer no outro dia” marcam o início e o fim, respectivamente, do tema¹⁷ que podemos chamar de *trabalho e sustento*. O falante inicia a sua fala, depois da pergunta “e como foi sua infância?” fazendo uma *descrição da infância*: “a minha infância foi terrível... trabalhando muito”, depois passa a discorrer mais especificamente sobre *trabalho e sustento*, e retoma novamente o tema *descrição da infância* quando diz: “então tive uma infância de pouca brincadeira (...)”. No momento em que está descrevendo a infância, ele usa a primeira pessoa do singular, quando passa a falar sobre *trabalho e sustento*, emprega a primeira pessoa do plural e cita também outros personagens (pais e irmãos), ao retornar à *descrição da infância*, volta a fazer uso da primeira pessoa do singular. O uso do *nós* parece marcar essa “quebra” do assunto. Codificamos, então, essas ocorrências como de referência genérica e definida.

¹⁷ Como não delimitamos o tópico discursivo como unidade de análise, preferimos utilizar uma terminologia mais abrangente, sem entrar muito nas noções da área da Linguística Textual.

Em (c), (e), (f) e (g) também não está claro, no contexto, quem são as pessoas que constituem as formas *nós* e *a gente*, mas notamos que o falante ainda está centrado no assunto *histórias da infância*, que, na verdade, foi iniciado no turno de fala anterior ao exemplo que transcrevemos, quando o informante, ao discutir sobre a lei que proíbe que se dê palmadas nas crianças, conta a forma como foi educado pelos pais durante esse período da vida. Essas ocorrências de *nós* e *a gente* estão diretamente relacionadas ao que foi dito anteriormente. Parece coerente considerar a referência como “eu + meus irmãos”, visto que o informante explicita a falta de condições de ter muitos brinquedos, ou brinquedos mais caros, como uma bicicleta; ele enfatiza que as brincadeiras eram tomar banho de rio e brincar de balanço (ambas não envolvem custo nenhum, já que o balanço era feito por eles mesmos) e que somente no Natal tinha um “brinquedinho” (o diminutivo evidencia a simplicidade do brinquedo). Desse modo, se retomarmos o tema *trabalho e sustento*, em que o falante discorre sobre a dificuldade financeira da família, depreende-se que ele e os irmãos não tiveram oportunidade de ter muitos brinquedos. Em (d), por outro lado, parece estar claro que *a gente* tem uma referência mais genérica: o informante, a entrevistadora e os demais moradores daquela comunidade ou qualquer pessoa que passe por ali veem que, hoje em dia, todas as crianças têm bicicleta. É interessante notar também que, em (d), há uma ruptura da “conexão discursiva¹⁸”, pois o tempo verbal usado é o presente, ao passo que nos demais casos o tempo é o pretérito (perfeito e imperfeito).

Portanto, reforçamos, mais uma vez, que é preciso levar em conta os aspectos textuais-discursivos para a recuperação do referente, pois, como vimos, nem sempre há elementos linguísticos que permitem sua identificação.

4.4.1.4 Função sintática

¹⁸ Seria interessante, em um trabalho futuro, incluir como variável a *conexão discursiva*, nos termos de Paredes Silva (1991).

Analisamos, neste trabalho, as formas *nós* e *a gente* em diversas funções sintáticas. Omena (1986) já salientou que as variantes em tela ocorrem mais frequentemente na posição de sujeito do que na de objeto, “o que é uma característica dos pronomes pessoais, em geral, pois, envolvendo pessoas do discurso, os pronomes veiculam informações velhas que aparecem mais comumente na posição de sujeito” (OMENA, 1986, p. 288).

Destarte, esperamos, para o *corpus* de Santa Leopoldina, que tanto a forma *a gente* quanto o pronome *nós* terão maior ocorrência na posição de sujeito, seguindo o verificado em outras comunidades (Omena, 1986; Mendonça, 2010 e Tamanine, 2010).

Vale destacar que a inserção cada vez maior de *a gente* no sistema pronominal resulta um uso significativo em posições antes ocupadas predominantemente pelo pronome *nós*, como é o caso do possessivo na função de adjunto adnominal (nosso/nossa), como no exemplo abaixo, no qual a entrevistada alterna entre as duas formas na mesma sequência.

(23) e se os dente **da gente** são coisas que é muito bom imagina **nossa/nossos** olhos (CEL 37 – feminino, 50 anos ou mais, Ens. Fundamental I).

Nos exemplos seguintes, observamos ocorrências das variantes em diversas posições sintáticas: sujeito (24), objeto direto (25), objeto indireto (26), adjunto adnominal (27), complemento nominal (28) e adjunto adverbial (29).

(24) **nós** ranca as flor (CEL 01: feminino, 7-14 anos, Ens. Fundamental I);

(25) aí a professora deixou **a gente** de castigo no banheiro também (CEL 13: feminino, 15-25 anos, Ens. Fundamental I);

(26) ele trouxe essa tradição **pra nós** (CEL 31: masculino, 26-49 anos, Ens. Fundamental I);

(27) mas na época **nossa** num existia (CEL 32: masculino, 26-49 anos, Ens. Fundamental I);

(28) eles era um tipo de apoio **pra gente** (CEL 25: feminino, 26-49 anos, Ens. Fundamental I);

(29) agora como a vovó tá aqui **com a gente** (CEL 13: feminino, 15-25 anos, Ens. Fundamental I).

Cabe mencionar que, para a análise dos dados, juntamos as ocorrências de adjunto adnominal com as de complemento nominal. A função de predicativo do sujeito, que não é muito frequente em nossa amostra, não foi controlada neste trabalho.

4.4.1.5 Tempo verbal

Para a análise da variável tempo verbal, seguimos o proposto por Mendonça (2010), classificando os tempos em presente (30 e 31), pretérito perfeito (32 e 33), pretérito imperfeito (34) e futuro (35) (do modo indicativo e subjuntivo). Não fizemos a distinção entre futuro e futuro do pretérito por serem poucas as ocorrências nesses tempos verbais. Na verdade, em nossa amostra, só encontramos dados de futuro do subjuntivo, não há nenhuma ocorrência no futuro do presente sintético (*nós falaremos/ a gente falará*). Os casos de futuro do presente analítico (*nós vamos falar / a gente vai falar*) não foram controlados. Como veremos, consideramos apenas os verbos auxiliares das locuções verbais.

(30) **nós leva** pro lixeiro e aí ele leva embora (CEL 08: masculino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental I).

(31) **a gente fica** na expectativa ..né...que um dia eles possa fazer ..uma pracinha... um lugar que pudesse ter uns brinquedo pras criança brincar.... (CEL 15: feminino, 15 a 25 anos, Ensino Fundamental II).

- (32) o nome dele era professor Girafales [referindo-se a um peixinho]... depois **nós botamo** ele sempre aqui pra tomar um arzinho... depois no outro dia ele morreu (CEL 01: feminino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental I).
- (33) eu acho que **a gente falou** um pouquinho de tudo né? [riso] (CEL 16: feminino, 15 a 25 anos, Ens. fundamental II).
- (34) **nós ia** pra Domingos Mantins:: **ia** pra outros lugares que **a gente não conhecia**... (CEL 22: masculino, 15 a 25 anos, Ens. Fundamental II).
- (35) porque **se a gente não tiver** Deus no nosso caminho a gente não tem nada (CEL 31: masculino, 26 a 49 anos, Ens. Fundamental I).

Entre as formas nominais, que não são muito numerosas em nossa amostra, optamos por considerar apenas o infinitivo pessoal, em razão de possuir sujeito próprio e, por isso, poder ser flexionado: “para nós **fazermos**”, “para a gente fazer(Ø)”. No caso das formas verbais no gerúndio e particípio, achamos mais interessante considerá-las conforme o exemplificado abaixo:

Gerúndio

- (36) vai gerar diretamente acidente e morte como **nós tão vendo** (=vemos) aí demais (CEL 43: masculino, 50 anos ou +, Ens. Fundamental I) = presente do indicativo.
- (37) Aí **nós tava jogando**... (=jogava)... nós jogamo futebol... aí de bola... e agora vai ser ginástica (CEL 07: masculino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental I) = pretérito imperfeito.
- (38) nem sei porque **nós fomo caminhando** (=caminhamos) pra depois subir aquele lugar (CEL 37: feminino, 50 anos ou +, Ens. Fundamental I) = pretérito perfeito.

Particípio

(39) Mas muitos **a gente tem visto** (=vê)... aqui tem gente tem esse problema...
a gente vê (CEL 31: masculino, 26 a 49 anos, Ens. Fundamental I) = presente do indicativo.

Se considerássemos (36), (37) e (38) como gerúndio, estaríamos incluindo formas no presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito em um único grupo. O mesmo se aplica ao particípio que, em virtude de escassas ocorrências, só apresentamos um exemplo no tempo presente do indicativo. Acreditamos que seja mais produtivo para a análise do fenômeno em estudo, considerar o valor temporal dessas formas evidenciado pelo verbo auxiliar.

Nossa hipótese para a atuação do fator tempo verbal, com base nos estudos de Omena (1986), Mendonça (2010), Rubio (2012), entre outros, é que a forma *a gente* seja favorecida nos tempos presente e pretérito imperfeito. Neste, como uma estratégia de esquiva das proparoxítonas, que não são o padrão silábico do PB. Naquele, devido à neutralização entre as formas de primeira pessoa do plural expressa pelo pronome *nós* no presente e no pretérito perfeito (*nós falamos*).

4.4.1.6 Saliência fônica

Entende-se aqui por saliência fônica o controle do grau de diferença fonológica entre as formas verbais de 3PS e 1PP. Em Vitória/ES, esta variável não foi controlada, mas, tomando por base alguns outros estudos - Omena (1986) Naro, Görski e Fernandes (1999), Rubio (2012) -, achamos pertinente incluí-la em nossa pesquisa, mesmo não podendo fazer a comparação, neste aspecto, com a capital do estado. Desse modo, temos os seguintes fatores:

- Grau 1: a oposição *vogal/vogal -mos* não é tônica nas duas formas. Com o pronome *nós*, ocorre a proparoxítona. Incluem-se nesse grau somente as formas do pretérito imperfeito. Ex.: *falava/falávamos*;

- Grau 2: a oposição *vogal/vogal -mos* é tônica em uma das formas. A maioria dos verbos desse grau encontra-se no presente e alguns no pretérito perfeito. Ex.: fala/falamos; trouxe/trouxemos;
- Grau 3: a oposição *vogal/vogal -mos* é tônica nas duas formas. São monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos. Este grau contém apenas formas do presente. Ex.: está/estamos/ faz/fazemos.
- Grau 4: a oposição *vogal/vogal -mos* é tônica nas duas formas e a forma de 3PS tem um ditongo que não aparece na forma verbal de 1PP. Este grau engloba formas do pretérito perfeito e algumas poucas formas do presente. Ex.: comeu/comemos; vai/vamos;
- Grau 5: a oposição *vogal/vogal -mos* é tônica nas duas formas e a vogal tônica muda. Também estão incluídas nesse grupo as formas com diferenças fonológicas acentuadas. A maior parte dos verbos está no pretérito perfeito, mas há algumas formas no presente. Ex.: falou/falamos; é/somos;
- Grau 6: a oposição *vogal/vogal -mos* é tônica nas duas formas. Infinitivo com acréscimo da desinência *-mos* ou formas semelhantes. Ex.: falar/falarmos.

Para essa escala de saliência, seguimos basicamente o proposto por Naro, Görski e Fernandes (1999), na direção do menos saliente (Grau 1) para o mais saliente (Grau 5). O Grau 6 não consta no trabalho desses autores, mas achamos interessante separar as formas do infinitivo pessoal e do futuro do subjuntivo, assim como fez Omena (1986), pois elas têm comportamento diferenciado das demais, principalmente no que tange à observação da concordância. Em termos de hierarquia de saliência, acreditamos que o Grau 6 deveria estar encaixado entre o Grau 1 (falava/falávamos) e o Grau 2 (fala/falamos), ou seja, entre as formas menos salientes.

A partir dos resultados verificados nas pesquisas citadas, esperamos que, em nossa amostra, a *gente* seja favorecida nos graus com menores diferenças fonológicas entre as formas verbais de 3PS e 1PP.

4.4.2 Variáveis sociais

4.4.2.1 Gênero/sexo

Um dos aspectos abordados por Labov (2008, p. 281) é que “as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. Ressalta-se, porém, que, no caso da alternância pronominal *nós/a gente* no PB, não há uma polarização explícita entre variante de prestígio e variante não prestigiada. Trabalhos como os de Omena (1986) e Rubio (2012) não demonstram diferenças significativas de uso das formas de expressão de 1PP entre homens e mulheres. Por outro lado, pesquisas como as de Mendonça (2010) e Tamanine (2010) vêm apontando as mulheres como as propagadoras da implementação da forma *a gente*.

Isso posto, tomamos como hipótese, para nossa comunidade de fala, que a forma inovadora será favorecida pelas mulheres, assim como o verificado em Vitória/ES (Mendonça, 2010).

4.4.2.2 Faixa etária

A investigação da atuação da variável social faixa etária se faz imprescindível na medida em que se constitui um importante fator para verificar, por meio da análise em *tempo aparente*, se o fenômeno em estudo se trata de um caso de variação estável ou mudança em progresso.

Estudos em diversas cidades brasileiras – Rio de Janeiro/RJ (Omena, 1986; Lopes, 2003), Vitória/ES (Mendonça, 2010), Curitiba/PR (Tamanine, 2010), Iboruna/SP (Rubio, 2012) – apontam para um maior uso da forma inovadora *a gente* entre os

falantes mais jovens, ao passo que o pronome canônico *nós* é favorecido pelos falantes mais velhos, fato este que, conjugado com outros fatores, se configura em indício de mudança em progresso. Sendo assim, a hipótese levantada para a zona rural de Santa Leopoldina/ES é que também sejam os jovens os propagadores da forma mais nova.

4.4.2.3 Escolaridade

Como afirma Mendes (2003, p. 137), “não é possível prever o peso que a escolaridade tem no uso de uma forma como ‘a gente’ utilizada em lugar de ‘nós’, uma vez que nenhuma das formas é estigmatizada no uso diário”. No entanto, acreditamos que em Santa Leopoldina há uma particularidade quanto a isto devido ao fato de que o acesso aos níveis de escolaridade mais elevados está estreitamente ligado ao afastamento da zona rural. No município, há somente 3 escolas rurais que ofertam o segundo ciclo do ensino fundamental e apenas uma que oferece o ensino médio. Sendo assim, a maior parte dos alunos do interior precisa se deslocar para a sede, por meio do transporte escolar, para ter acesso a um maior nível de escolarização. Desse modo, é possível que haja uma aproximação do comportamento linguístico dos mais escolarizados com o dos moradores da zona urbana.

Estabelecemos, pois, como hipótese, para nossa comunidade de fala, que o uso de *a gente* seja maior entre os mais escolarizados. Hipótese esta baseada também na pesquisa de Tamanine (2010), a qual evidenciou que os falantes de menor escolaridade usam menos *a gente* do que os falantes mais escolarizados da amostra de Curitiba/PR. A autora destaca que a interferência da escolaridade na alternância pronominal *nós/a gente* merece discussão mais aprofundada, visto que a forma inovadora não é objeto de estudo na escola, sendo assim, a variação pode ocorrer livremente, sem que haja pressão relacionada à estigmatização.

4.4.3 Variável estilística

4.4.3.1 Interação com a entrevistadora

Nossa amostra foi coletada por duas pesquisadoras, uma que é natural do município de Santa Leopoldina e outra que é natural da Grande Vitória. Sendo assim, optamos por incluir em nosso estudo a variável estilística *interação com a entrevistadora*. Genericamente, entendemos por estilística a variação que pode ser caracterizada como o quanto de atenção o falante está prestando ao seu discurso, ou como ele deseja adequar o seu discurso às normas percebidas do seu destinatário (MEYERHOFF, 2006, p. 52).

Se a variante *nós*, como supomos, estiver mais associada ao caráter rural da comunidade de fala, acreditamos que os informantes podem se sentir mais à vontade em usar esse pronome, inclusive sem a concordância verbal, com a entrevistadora que, de certa forma, ainda é vista como mais próxima à comunidade.

4.4.4 Quadro sinóptico dos grupos de fatores analisados

No quadro abaixo, apresentamos resumidamente as variáveis linguísticas, sociais e estilística consideradas em nossa pesquisa.

Quadro 02: Resumo dos grupos de fatores analisados na pesquisa da 1PP na zona rural de Santa Leopoldina/ES.

Variáveis linguísticas	
Explicitude do sujeito	<i>Nós/ a gente</i> explícito
	<i>Nós/ a gente</i> implícito
Paralelismo linguístico	Isolado
	Primeiro da série
	Não primeiro da série precedido de <i>nós</i> explícito
	Não primeiro da série precedido de <i>nós</i> implícito
	Não primeiro da série precedido de <i>nós</i> + Ø
	Não primeiro da série precedido de <i>a gente</i> explícito
	Não primeiro da série precedido de <i>a gente</i> implícito
	Não primeiro da série precedido de <i>a gente</i> + -mos

Referencialidade	Referência específica e definida
	Referência genérica e definida
	Referência genérica e indefinida
Função sintática	Sujeito
	Objeto direto
	Objeto indireto
	Complemento nominal/adjunto adnominal
	Adjunto adverbial
Tempo verbal	Presente
	Pretérito perfeito
	Pretérito imperfeito
	Futuro (do subjuntivo)
	Infinitivo pessoal
Saliência fônica	Grau 1: falava/falávamos
	Grau 2: fala/falamos; trouxe/trouxemos
	Grau 3: está/estamos; faz/fazemos
	Grau 4: comeu/comemos; vai/vamos
	Grau 5: falou/falamos; é/somos
	Grau 6: falar/falamos
Variáveis sociais	
Gênero/sexo	Feminino
	Masculino
Faixa etária	07 a 14 anos
	15 a 25 anos
	26 a 49 anos
	50 ou + anos
Escolaridade	Ens. Fundamental I – 1 a 4 anos de escolarização
	Ens. Fundamental II – 5 a 8 anos de escolarização
Variável estilística	
Interação com a entrevistadora	Entrevistadora natural do município de Santa Leopoldina
	Entrevistadora natural da Grande Vitória

5. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Neste capítulo apresentamos os resultados e a interpretação dos dados de Santa Leopoldina/ES, estabelecendo um diálogo, sempre que possível, com os estudos consultados em nossa revisão da literatura, sobretudo com o referente à cidade de Vitória/ES, pois, como salientamos, um dos objetivos desta pesquisa é comparar as variedades rurais e urbanas do português falado no Espírito Santo.

5.1 O FENÔMENO DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL

Analizamos um total de 2109 dados, dos quais 1136 (53,9%) correspondem à forma *a gente* e 973 (46,1%), ao pronome *nós*:

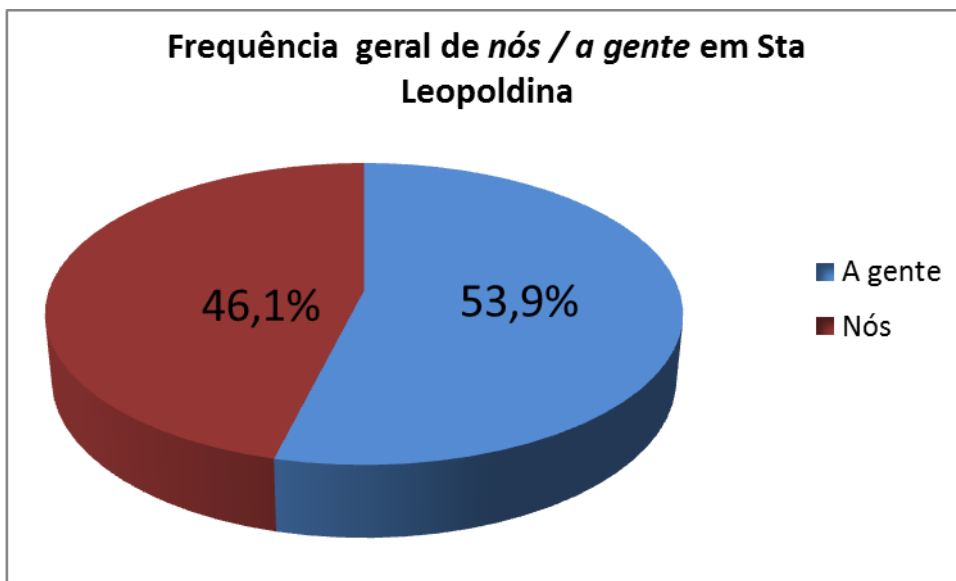


Gráfico 03: Distribuição de *nós* e *a gente* no português falado na zona rural de Santa Leopoldina.

Ao compararmos esses resultados com os de Mendonça (2010), concernentes ao português falado na capital do Espírito Santo, notamos uma diferença de cerca de 17 pontos percentuais :

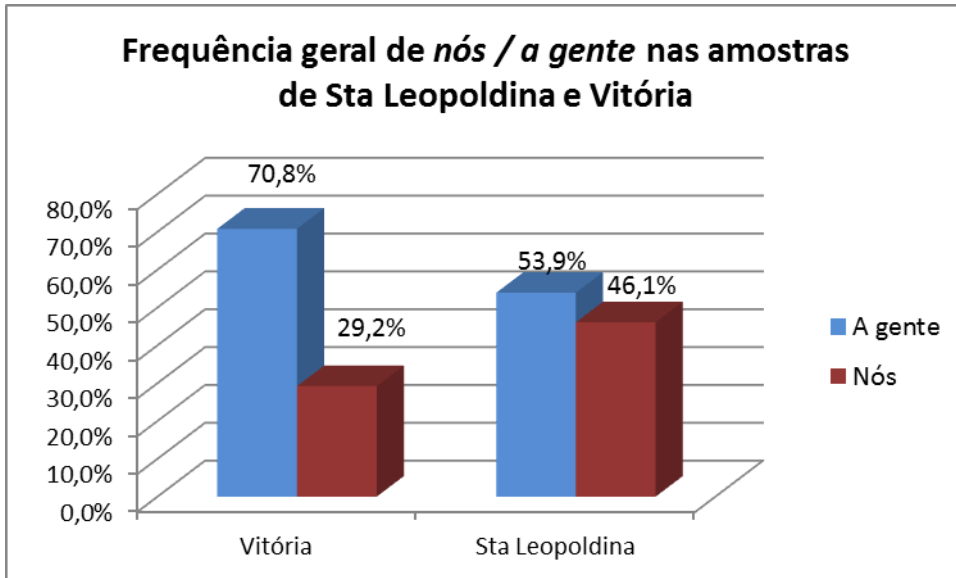


Gráfico 04: Comparação da distribuição de *nós* e *a gente* nas amostras de Santa Leopoldina e Vitória.

Em Vitória/ES a substituição de *nós* por *a gente* parece estar em um estágio mais avançado do que na área rural de Santa Leopoldina. Nesta comunidade de fala há certo equilíbrio na distribuição das variantes, enquanto naquela existe um uso bem mais acentuado da forma inovadora. Isso confirma nossa hipótese de que em Santa Leopoldina a conservação do pronome canônico *nós* seria maior do que na capital do estado.

Acreditamos que a razão para tal diferença entre as comunidades pode estar no fenômeno da concordância verbal. Quando retiramos da nossa análise os casos de *nós* sem concordância, a frequência geral da forma inovadora sobe para 68,6%, índice bem próximo do verificado em Vitória. Como discutiremos nas páginas subsequentes deste trabalho, há contextos em que o *nós* é normalmente substituído por *a gente*, em função de mecanismos da própria língua, a fim de evitar a ausência de concordância, que é estigmatizada, sobretudo nos grandes centros urbanos. Na zona rural de Santa Leopoldina, porém, o uso de *nós* sem o morfema *-mos*, dentro da própria comunidade, parece não carregar o mesmo estigma que na capital, por isso os falantes, entre os seus pares, não fazem essa substituição com a mesma frequência.

Vale destacar também que se trata de amostras com configurações sociais diferentes: nossos informantes são todos do Ensino Fundamental, com 1 a 8 anos de escolarização, enquanto os de Vitória estão estratificados quanto ao nível de escolaridade em Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Universitário, com até mais de 11 anos de escolarização. Porém, se observarmos somente os falantes do Ensino Fundamental de Vitória, notamos que os percentuais se mantêm praticamente os mesmos – 71,0% de *a gente* e 29,0% de *nós*. Em termos de frequência das variantes, os falantes de Vitória que mais se aproximam dos de Santa Leopoldina são os do Ensino Universitário, com 63,3% de *a gente* e 36,7% de *nós*.

Tabela 14: Atuação da variável social *escolaridade* no uso de *a gente* em Vitória/ES (MENDONÇA, 2010, p. 108)

ESCOLARIDADE	APLIC./OCORRÊNCIAS	%
Ensino Fundamental	664/935	71,0%
Ensino Médio	313/401	78,1%
Ensino Universitário	259/409	63,3%
TOTAL	1236/1745	70,8%

Em nossa pesquisa, como dissemos, foram analisadas as variáveis paralelismo linguístico, referencialidade, função sintática, tempo verbal, saliência fônica, gênero/sexo, faixa etária, escolaridade e interação com a entrevistadora.¹⁹

Em nossos primeiros resultados, notamos haver sobreposição dos fatores tempo verbal e saliência fônica. Ao considerarmos essas duas variáveis, a rodada não apresenta convergência, mas ao retirarmos qualquer uma delas, passa a apresentá-la. Contudo, para juntarmos o tempo verbal e a saliência fônica em um único grupo, precisamos desconsiderar todos os dados de *nós* e *a gente* que não estão na posição de sujeito. Sendo assim, optamos, para a análise dos dados, por considerar apenas as ocorrências de sujeito. Essa decisão se justifica tendo em vista que o

¹⁹ Inicialmente, consideramos a concordância apenas como um grupo de fatores a ser observado no fenômeno da alternância pronominal. Depois, diante dos resultados obtidos após algumas rodadas, vimos que o mais adequado seria sua análise como outra variável dependente, não por ser dissociada do fenômeno da variação *nós/a gente*, mas porque, vê-la apenas como uma variável independente, seria reduzir a sua importância para a análise da primeira pessoa do plural. O estudo se mostra muito mais produtivo quando se investiga como os dois fenômenos se inter-relacionam.

maior número de ocorrência das variantes se encontra nessa posição (1857/2109 - 88,1% dos dados) e que seria mais enriquecedor para o nosso estudo amalgamar tempo e saliência do que descartar uma dessas duas variáveis. Além de que, também se constitui como objetivo desta pesquisa investigar a concordância verbal junto a primeira pessoa do plural e, para tanto, os resultados da atuação do tempo + saliência da alternância pronominal são fundamentais, haja vista estarem os dois fenômenos, alternância e concordância, intimamente imbricados. Isso não significa, porém, que excluiremos do nosso estudo a variável posição sintática. Na seção 5.1.9 serão feitas algumas reflexões atinentes a esse grupo de fatores.

Feitas essas considerações, apresentamos, a seguir, na ordem de seleção do programa GoldVarb X, os resultados das variáveis linguísticas, sociais e estilística estatisticamente selecionadas para o fenômeno da alternância pronominal *nós/a gente*: paralelismo linguístico, tempo verbal + saliência fônica, faixa etária, interação com a entrevistadora, referencialidade, explicitude do sujeito e gênero/sexo. Somente a variável escolaridade não foi considerada estatisticamente significativa.

5.1.1 Paralelismo linguístico

Os resultados concernentes à atuação do paralelismo linguístico confirmam a importância dessa variável na alternância pronominal *nós/a gente*.

Tabela 15 – Efeito da variável paralelismo no uso da forma *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

PARALELISMO	APLIC./OCOR.	%	P.R.
Isolado	227/395	57,5%	0.45
Primeiro da série	230/422	54,5%	0.44
Não 1º da série precedido de <i>nós</i> explícito	28/171	16,4%	0.15
Não 1º da série precedido de <i>nós</i> implícito	12/112	10,7%	0.14
Não 1º da série precedido de <i>nós</i> zero	17/198	8,6%	0.08
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> explícito	412/462	89,2%	0.87
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> implícito	86/94	91,5%	0.93
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> + <i>-mos</i>	Não há ocorrências		
TOTAL	1012/1854	54,6%	

A forma inovadora é favorecida nos casos em que é precedida de *a gente* implícito e *a gente* explícito, com pesos relativos de 0,87 e 0,93, respectivamente. Por outro lado, os seguintes contextos, em ordem crescente, desfavorecem o uso da forma mais nova: não primeiro da série precedido de *nós* zero (sem concordância), não primeiro da série precedido de *nós* implícito e não primeiro da série precedido de *nós* explícito. Casos de *nós/a gente* não primeiro da série precedido de *a gente* + *-mos* não foram registrados em nossa amostra, pois, como salientamos, a concordância junto ao pronome *a gente* é praticamente categórica.

Há, portanto, uma clara tendência de manutenção do paralelismo linguístico: *a gente* leva a *a gente*, independentemente da explicitude da variante, pois os pesos relativos apresentam uma diferença ínfima de não primeiro da série precedido de *a gente* explícito para não primeiro da série precedido de *a gente* implícito. O mesmo ocorre com o pronome *nós*.

Tratando-se de referência isolada ou primeira da série, verificamos que os falantes da nossa amostra parecem desfavorecer a forma inovadora, com pesos relativos em 0,45 e 0,44.

Esses resultados confirmam, então, nossa hipótese: a partir do momento que o falante seleciona uma das formas, tende a mantê-la. Comportamento este bem semelhante ao verificado entre os falantes de Vitória: Mendonça (2010) também constatou o desfavorecimento da forma *a gente* isolada (0,38) ou primeira da série (0,34) e seu favorecimento em 0,71 e 0,96, quando precedida de *a gente* explícito ou implícito, respectivamente. De igual modo, o fato de ser precedida de *nós* explícito, implícito e *nós* zero favoreceu a forma conservadora.

5.1.2 Tempo verbal + Saliência fônica

Como salientado, não há convergência ao fazermos uma rodada no GoldVarb X com os fatores tempo verbal e saliência fônica separadamente. Ao excluirmos qualquer um desses dois fatores, a rodada passa a apresentar convergência. E o interessante de se observar é que também nas duas situações são selecionadas as mesmas

variáveis – todas, exceto a escolaridade – sendo o tempo ou saliência a segunda variável na ordem de seleção, logo após o paralelismo. Isso confirma a importância de se considerarem esses dois grupos de fatores conjuntamente.

Dessa maneira, obtemos a seguinte configuração para esse grupo de fatores:

(i) as formas do pretérito imperfeito são todas do que denominamos Grau 1 de saliência fônica – falava/falávamos;

(ii) para o tempo presente, há uma divisão em quatro níveis: uma que contempla o Grau 2 de saliência, que são todos verbos regulares; outra que abarca os verbos com o Grau 3 – está/estamos; faz/fazemos; uma terceira que engloba o Grau 4 – vai/vamos; e, por fim, a que contém as formas mais salientes – é/somos (Grau 5);

(iii) já as formas do pretérito perfeito concentram-se somente em dois níveis: um com o Grau 4 de saliência – comeu/comemos; e outro com o grau 5 – falou/falamos.

(iv) as ocorrências no futuro do subjuntivo são do Grau 6 de saliência – falar/falamos;

(v) os casos de *nós/a gente* no infinitivo pessoal também se enquadram no Grau 6.

Com o Grau 2 de saliência fônica, também encontramos algumas formas do pretérito perfeito. Em nosso corpus, porém, há pouquíssimos dados dessa natureza, apenas três, que são do verbo *trazer*, mas que por apresentarem efeito categórico (só ocorrerem com o pronome *a gente*) foram retiradas da análise de pesos relativos.

Na tabela seguinte, é possível observar o efeito da junção dessas duas variáveis no uso de *a gente*.

Tabela 16: Atuação da variável tempo verbal + saliência fônica no uso da forma *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

TEMPO VERBAL	APLIC./OCOR.	%	P.R.
Pret. imp. + Grau 1: falava/ falávamos	273/556	49,1%	0.43
Pres. + Grau 2: fala/falamos	292/409	71,4%	0.71
Pres. + Grau 3: está/estamos; faz/fazemos	171/235	72,8%	0.57
Pres. + Grau 4: vai/vamos	55/90	61,1%	0.53
Pres. + Grau 5: é/somos	36/65	55,4%	0.40
Pret. perf. + Grau 4: comeu/comemos	49/151	32,5%	0.34
Pret. perf. + Grau 5: falou/falamos	69/256	27,0%	0.23
Futuro do subj.. + Grau 6: falar/falarmos	10/12	83,3%	0.61
Infinitivo + Grau 6: falar/falarmos	57/80	71,2%	0.78
TOTAL	1012/1854	54,6%	

A nossa hipótese quanto à atuação da variável tempo verbal era de que a forma inovadora seria favorecida no presente e no pretérito imperfeito. No entanto, como mostram os resultados expostos na tabela acima, isso não se confirma totalmente.

Notamos que não são todas as formas do presente que favorecem *a gente*, havendo uma hierarquia conforme os graus de saliência. As que se encaixam no Grau 2, ou seja, menos salientes, são as que mais favorecem o pronome inovador, com 0.71 de peso relativo (40).

(40) aí eu gosto.. mas tem vez que ele... que **a gente fica** de aula vaga... num tem nada pra fazer... **nós fica** sempre parado... (CEL 10: masculino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental II).

Isso pode ser explicado pelo fato de, nesse contexto, junto ao pronome *nós*, haver neutralização no presente/pretérito perfeito, visto que existe apenas uma única forma para esses dois tempos verbais (*nós falamos*). Então, para desfazer essa ambiguidade, o falante prefere a forma *a gente* no presente e usa a desinência *-mos* para marcar o pretérito. Voltaremos à discussão desse aspecto ao tratarmos da concordância verbal na seção 5.2 deste trabalho, pois, como podemos notar no exemplo acima, uma estratégia usada pelo falante, quando usa o pronome canônico,

para distinguir o presente do pretérito perfeito, é não fazer a concordância no tempo presente.

As formas verbais do tempo presente que se encaixam nos graus 3 e 4 favorecem levemente a forma inovadora, com 0.57 e 0.53 de peso relativo. Porém, chama-nos a atenção, nesse sentido, as formas com Grau 3 de saliência (está/estamos; faz/fazemos), pois, em termos de frequência de uso, apresentam índices bem aproximados (e até um pouco acima – 72,8%) das formas englobadas no Grau 2 (71,4%), mas o peso relativo se distancia – 0.71 para o Grau 2 e 0.57 para o Grau 3. A explicação para isso parece residir na morfologia verbal: os verbos de Grau 2 de saliência, como destacamos, apresentam neutralização entre o presente e o pretérito perfeito, e isso não ocorre com os verbos dos Graus 3 e 4. Há, também, o fato de nos Graus 3 e 4 haver uma diferença fonológica importante entre a 1PP e a 3PS: a 1PP é paroxítona e a 3PS, oxítona. Dessa forma, retomando o trabalho de Tamanine (2010), pode-se dizer que há uma preferência pela manutenção do padrão acentual da Língua Portuguesa, e essa manutenção das paroxítonas parece ser um fato que impede ou minimiza a entrada da forma inovadora nesses contextos.

Por último, as formas do presente que têm um maior grau de saliência - Grau 5 (é/somos) - desfavorecem o uso da forma inovadora em 0.40.

Quanto ao pretérito imperfeito, nossa expectativa não se valida, haja vista a forma mais nova não ser favorecida nesse tempo verbal. A interpretação para tal resultado também deve ser feita atrelada à questão da concordância. Esperávamos que, para evitar as proparoxítonas, que não são o padrão métrico do PB, os falantes fizessem um maior uso de *a gente* em detrimento do *nós*, como acontece em Vitória, com frequência de 84,2% e peso relativo de 0,64.

Tabela 17: Atuação da variável social faixa etária no uso de *a gente* pelos moradores de Vitória (MENDONÇA, 2010, p. 84)

TEMPO	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	P. R.
Presente	809/1.074	75,3%	0,54
Pret. perfeito	159/348	45,7%	0,26
Pret. imperfeito	235/279	84,2%	0,64
Futuro	33/44	75,0%	0,55
TOTAL	1.236/1.745	70,8%	

Porém, isso não acontece porque, na zona rural de Santa Leopoldina, o uso de *nós* com desinência \emptyset no pretérito imperfeito (*nós era/ nós falava/ nós tinha*) não é passível de estigmatização e é categórico entre praticamente todos os informantes da amostra: em um universo de 283 dados, somente um apresenta concordância verbal. Assim sendo, não há motivo para evitar o uso do pronome canônico nesse contexto.

Já o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal (ambos com Grau 6 de saliência) favorecem a forma inovadora, com 0.61 e 0.78 de peso relativo, respectivamente. Entretanto, há que se destacar que, em nossa amostra, o total de ocorrências das variantes no futuro é bem baixo (12 dados), o que pode ser explicado pela predominância do tipo de texto narrativo nas entrevistas. Desses doze dados, dez são de *a gente* (41) e apenas dois de *nós* (42), mas em todos os casos o verbo fica na 3PS (\emptyset).

(41) ainda tem um bom atendimento... porque **se a gente for** hoje pra Santa Maria de Jetibá ... **se a gente for** pra vitória lá a coisa complica... aqui ainda tá mais ou menos bom... (CEL 31: masculino, 26 a 49 anos, Ens. Fundamental I).

(42) se **nós dois tiver** junto com ele.... e **se nós falar**... para ele é como se não fosse falar nada (CEL 7: masculino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental I).

Concernente ao infinitivo, retomamos a seguinte observação de Omena (1986, p. 298-299):

Ligado à influência do infinitivo sobre o uso de *a gente*, como sujeito, está o condicionamento, dessa vez categórico, para essa forma na construção sintática em que ela aparece como sujeito de uma oração completiva, ou exerce a função de objeto da oração principal e sujeito da subordinada. Ex: “Que é mais gostoso *a gente* se lidar com ela, porque...” (424805). Nessa posição só se encontra *a gente* ou *zero*.

Aqui, como nos casos de gerúndio, a co-ocorrência entre *nós* e *a gente* já não existe [...].

Em Santa Leopoldina, o condicionamento não é categórico como observado no Rio de Janeiro por Omena (1986), pois também há ocorrências do pronome *nós* nesse contexto: 23 dos 80 casos registrados no infinitivo pessoal (28,8%). Entretanto, em todas as ocorrências de *nós*, o verbo não é flexionado, como no exemplo abaixo:

(43) ele reza... fala pra **nós cantar** cântico... (CEL 03: feminino, 07 a 14 anos, ensino fundamental I)

Podemos pensar, então, que no infinitivo pessoal, em Santa Leopoldina, só se encontra a forma verbal de 3PS, independentemente de o sujeito ser expresso pelo pronome *nós* ou *a gente*. O mesmo pode ser afirmado com relação ao futuro do subjuntivo, apesar dos poucos dados, e ao pretérito imperfeito. Entretanto, parece haver uma percepção diferente de estigma entre esses tempos verbais, pois, como vimos, no imperfeito, diferentemente do infinitivo e do futuro, o falante não substitui com muita frequência o *nós* pelo *a gente*.

Se analisarmos somente a saliência fônica, os resultados seguem o esperado: o pronome *a gente* é favorecido nos graus de menor saliência, com exceção dos verbos do Grau 1, que são as formas do pretérito imperfeito. *A gente* é favorecido nos Graus 2 e 3 de saliência (tempo presente) e no Grau 6 que, como ressaltamos, também está entre as formas menos salientes. O Grau 4, quando se trata do tempo presente, apresenta 0.53 de peso relativo, e quando se trata do pretérito perfeito, desfavorece bastante a forma inovadora, com 0.34. O Grau 5 é o que mais desfavorece *a gente*, com peso relativo de 0.23.

Ante os resultados expostos, confirma-se a importância de se analisar essas duas variáveis conjuntamente. O tempo verbal tem um papel significativo, mas dentro do

tempo existe uma escala de saliência que atua na escolha do falante. Considerar apenas a saliência também não é o suficiente para o entendimento do fenômeno em estudo, pois assim seriam misturadas formas do presente (graus 3 e 4 de saliência) com formas do pretérito perfeito que, como vimos, têm comportamento diferenciados.

5.1.3 Faixa etária

Mendonça (2010) notou que a forma *a gente* é favorecida entre as pessoas mais jovens, aproximando Vitória de outros estudos, tais como os de Omena (1986), Lopes (1993) e Seara (2000). Na zona rural de Santa Leopoldina, os resultados parecem apontar para outra direção.

Tabela 18: Atuação da variável social *faixa etária* no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
07 a 14 anos	97/302	32,1%	0.22
15 a 25 anos	155/397	39,0%	0.44
26 a 49 anos	386/514	75,1%	0.73
50 anos ou +	374/641	58,3%	0.48
TOTAL	1012/1854	54,6%	

Em Santa Leopoldina, a primeira faixa etária, de 07 a 14 anos, é a que mais desfavorece a forma inovadora, com frequência de 32,1% e peso relativo em 0,22. A única faixa em que se verifica um favorecimento de *a gente* é a de 26 a 49 anos, com um percentual de uso relativamente alto, 75,1%, e peso em 0,73.

No gráfico abaixo, visualizamos comparativamente o efeito da variável faixa etária na zona rural de Santa Leopoldina e em Vitória:

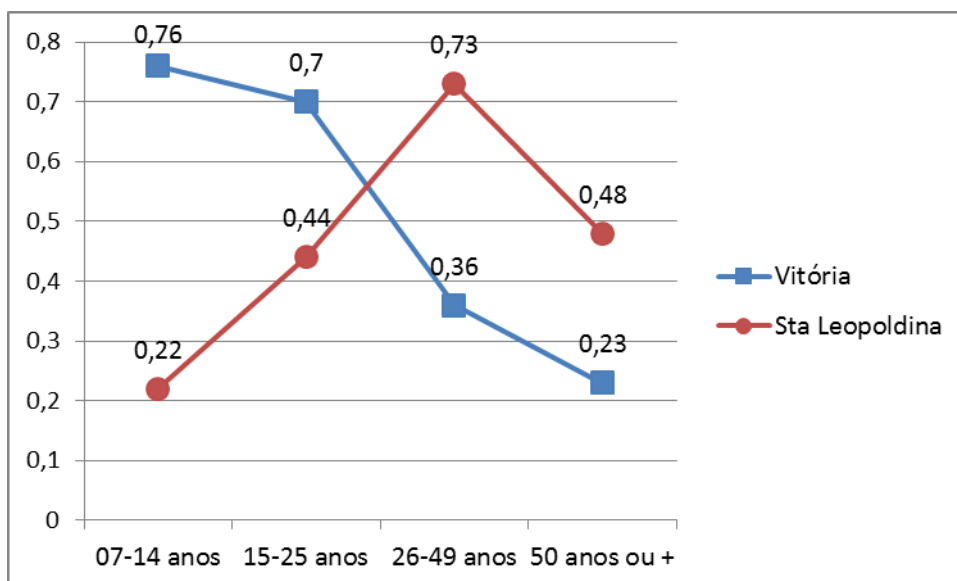


Gráfico 05: Efeito da variável faixa etária no uso de *a gente* em Vitória e Santa Leopoldina.

A linha que representa Vitória é bastante regular, seguindo o observado, conforme já ressaltamos, em vários estudos sobre o fenômeno no Brasil, que apontam em tempo aparente uma mudança em progresso. Nossos resultados, porém, são bem distintos.

Para explicar tal configuração da variável faixa etária na comunidade rural de Santa Leopoldina, temos duas possibilidades: a primeira seria compreender o fenômeno como um caso de gradação etária, mais especificamente relacionada ao mercado ocupacional (*linguistic marketplace*); a segunda via de interpretação consiste em entender o favorecimento do pronome canônico entre as pessoas mais jovens como um caso de afirmação de identidade linguística e social, semelhante ao que Labov (2008, p. 19) observou em seu estudo na comunidade de Martha's Vineyard. Discutimos, no que se segue, os aspectos relacionados a cada uma dessas alternativas.

A gradação etária acontece “quando pessoas de diferentes idades usam a língua de modo distinto simplesmente porque estão em estágios diferentes de suas vidas” (TAGLIAMONTE, 2012, p. 47, *tradução nossa*), nesse caso, o indivíduo muda e a comunidade permanece estável.

A mudança de comportamento, em nossa comunidade de fala, seria mais uma questão relacionada ao mercado de trabalho, o que Sankoff e Laberge (*apud*

MEYERHOFF, 2006), tomando a noção de *linguistic marketplace*, do sociólogo francês Bourdieu, entendem como a compreensão de como o modo de falar está associado à ocupação ou atividade exercida pelo indivíduo. Os autores notaram que, “muitas vezes, há um pico no uso da variante padrão nas pessoas ao atingir seus vinte e poucos anos, e depois um declínio subsequente na frequência da mesma variante entre os falantes que estão acima da meia-idade” (MEYERHOFF, 2006, p 145, *tradução nossa*). No caso da alternância pronominal *nós/ a gente*, não se tem a polarização variante padrão e variante não padrão, mas podemos pensar em *a gente* como uma forma mais associada ao urbano e *nós*, ao rural, partindo do pressuposto de que a variedade rural normalmente possui um caráter mais conservador, por isso a associação ao pronome canônico.

Assim sendo, quando o falante está na faixa etária de maior inserção no mercado de trabalho, significa a ampliação das suas relações sociais, do contato com o que é externo à comunidade rural. Acreditamos que as pessoas que se encaixam na faixa de 26 a 49 anos sejam as que mais saem do local em que moram: vão ao centro da cidade para fazer compras, vão ao banco e saem até mesmo para comercializar seus produtos, e ainda há aquelas, especialmente homens, que vão à Ceasa (Centrais de Abastecimento do Espírito Santo), localizada no município de Cariacica, que faz parte da Grande Vitória.

Outra forma, como dissemos, de interpretar esses resultados é de que se trata de uma afirmação de identidade linguística e social. Pode-se pensar que, na zona rural de Santa Leopoldina, um processo de mudança caminhava em direção ao pronome *a gente* nas faixas etárias mais velhas, no entanto, começa a haver uma reversão na faixa de 15 a 25 anos, e isso aumenta ainda mais na faixa etária que compreende os falantes de 07 a 14 anos.

Questionamos, então, as motivações para tal reversão. Por que os leopoldinenses estariam afirmando o pronome *nós* como marca identitária? As razões para isso talvez estejam na própria história do município: conforme observamos no capítulo sobre a comunidade de fala, em certo momento, Santa Leopoldina foi mais importante, economicamente, do que Vitória. Entretanto, hoje vive uma fase de estagnação e é o município mais rural do Espírito Santo. Há uma nítida

contraposição com a capital que, nos últimos anos, teve a economia alavancada e passou a ser considerada uma das melhores capitais do país. Pode ser que essa oposição à Vitória, mesmo que inconsciente, leve os moradores da área rural de Santa Leopoldina a usarem o *nós* como uma maneira de marcar a importância do local, já que a outra forma – *a gente* – é mais nova e associada à área urbana. Por isso, os que mais usam *a gente* são aqueles que mais saem da comunidade, os que se encaixam na faixa de 26 a 49 anos.

Nesse sentido, é importante buscarmos investigar também a relação dos informantes com o lugar em que vivem. Com os dados que temos, ainda não é possível estabelecermos um critério que nos permita incluir o grau de identificação do informante com a comunidade como um grupo de fatores a ser controlado. Por ora, ficam apenas delineadas algumas observações.

Em nossas entrevistas, sempre perguntamos se o informante gosta de viver naquele lugar e se gostaria de morar em outra região. De um modo bem geral, os falantes de 25 a 49 anos, os que mais desfavorecem o uso de *nós*, apesar de normalmente explicitarem que gostam do lugar onde moram e que não têm a intenção de mudar, são os que mais apontam os problemas da comunidade. Por outro lado, as pessoas que se inserem na faixa de 07 a 14 anos, as que mais favorecem o pronome canônico, são as que parecem demonstrar um maior contentamento em morar na zona rural de Santa Leopoldina, conforme os exemplos abaixo:

(44) E – então [nome da pessoa] você gosta de morar aqui?

Inf – sim.

E – é? e do que você mais gosta aqui assim?

Inf – é... de:: brincar...de/ de:: poder é:: que na rua é... assim na cidade num tem quase espaço pra brincar... aqui tem... aí:: é melhor assim... aqui não tem tanto barulho (...)

E – (...) você pretende sair daqui um dia ou você quer morar sempre aqui?

Inf – é:: ficar aqui... aqui é bom

E – é? você não tem vontade de sair daqui não?

Inf – não (CEL 08: masculino, 07 a 14 anos, Ensino Fundamental I).

(45) E - uhum... então... você gosta de morar aqui em Santa Leopoldina?

Inf – ai... eu tenho de gostar...eu não posso dizer que não né? porque sempre fui daqui né? aí eu não posso dizer “ah não” porque aí fica chato também né?

(...)

E - aham... e se pudesse... cê pretende em sair daqui algum dia ou...?

Inf – Não/ não (...)

E - e você acha que a vida aqui é boa assim?

Inf – bom... eu num posso reclamar não né? porque:: eu acho que sempre tem gente pior... então a gente tem que ver: “não, eu ainda tô bem, num posso reclamar... que se eu tiver reclamando da minha vida aí também fica né...” mas sempre tem algum problema tem né? assim... não tem como não/não dizer que num vai ter... mas sempre alguma coisa tem que complica um pouco a vida de... a parte de saúde... de uma coisa assim você procura um médico e cê não consegue ou um dentista... cê tem que ficar esperando aí/ aí... esse aí... esse problema aí né? (CEL 32: masculino, 26 a 49 anos, Ensino Fundamental I).

O ideal, para afirmar se estamos mesmo diante de um processo de reversão de mudança, é elaborar um teste de reação subjetiva e voltar à comunidade de fala.

Ante o exposto, defendemos, então, que o entendimento da atuação da variável faixa etária merece uma investigação mais detalhada. Com o que dispomos, não há como afirmar qual das duas vias de interpretação apontadas é mais adequada. Por enquanto, ressaltamos apenas que, na zona rural de Santa Leopoldina, a faixa etária tem um papel bem distinto do verificado em outras variedades do PB – Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ, Iboruna/SP, Goiás/GO – contrariando nossa hipótese inicial de que a forma inovadora seria preferida entre os mais jovens da amostra e, por isso, não se pode falar em mudança em progresso.

5.1.4 Interação com a entrevistadora

Devido à configuração atípica, em nossa comunidade de fala, da variável faixa etária para a alternância pronominal *nós/ a gente*, decidimos incluir em nossa análise a

variável estilística interação com a entrevistadora, a fim de verificarmos se existe uma correlação entre a escolha de uma das variantes com o fato de se estar interagindo com alguém mais próximo ou mais distante da comunidade pesquisada.

Tabela 19: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

INTERAÇÃO COM A ENTREVISTADORA	APLIC./OCOR.	%	P.R.
Natural de Santa Leopoldina	703/1384	50,8%	0.43
Natural da Grande Vitória	309/470	65,7%	0.68
TOTAL	1012/1854	54,6%	

Os resultados mostram que a forma inovadora é preferida pelos leopoldinenses quando a interação é com a entrevistadora da Grande Vitória, com uma frequência de uso de 65,7% e peso relativo em 0.68. Isso confirma, de certa forma, nossa hipótese de que o uso desse pronome é mais acentuado na área urbana do que na rural.

É interessante observar também o cruzamento desta variável com a faixa etária.

Tabela 20: Cruzamento do efeito das variáveis interação com a entrevistadora e faixa etária no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

	NATURAL DE STA LEOPOLDINA	NATURAL DA GRANDE VITÓRIA
07 a 14 anos	21% (34/161)	45% (63/141)
15 a 25 anos	39% (155/397)	Não há dados
26 a 49 anos	74% (361/486)	89% (25/28)
50 ou + anos	45% (153/340)	73% (221/301)
TOTAL	51% (703/1384)	66% (309/470)

Apesar de não haver um equilíbrio na distribuição de entrevistas feitas por cada pesquisadora de acordo com as faixas etárias, é possível notar algumas tendências. As faixas das extremidades são as que mais permitem comparações, pois a quantidade de dados não é muito díspar entre as entrevistadoras.

Verificamos que os mais jovens lideram o uso do pronome *nós*, sobretudo quando falam diante de quem é da localidade, com apenas 21% de *a gente*. Quando interagem com quem é de fora, aumentam o uso de *a gente* para 45%. Na faixa dos

mais velhos, essa diferença entre as entrevistadoras é um pouco maior, de 28 pontos percentuais, com 45% de *a gente* na conversa com a entrevistadora natural de Santa Leopoldina e 73% com a entrevistadora da Grande Vitória. Na faixa de plena inserção no mercado de trabalho, 26 a 49 anos, a substituição de nós por *a gente* é feita com mais frequência, independentemente da pessoa com quem se está interagindo, mas ainda assim com um uso maior quando se interage com quem está mais distante da comunidade.

5.1.5 Referencialidade

Para a variável referencialidade, a expectativa era de que o pronome *a gente* seria favorecido com referência mais genérica, devido ao caráter coletivo do substantivo latino do qual essa forma se originou. Os resultados confirmam essa hipótese, pois no tipo de referência genérica e indefinida, como no exemplo abaixo, em que o pronome remete a qualquer pessoa/todo mundo, o uso de *a gente* é preferido em 90,0% das ocorrências, com peso relativo de 0.79.

(46) mas diz elas que quando a gente tem filho é assim... (CEL 15: feminino; 15 a 25 anos, Ens. Fundamental II).

Tabela 21 – Atuação da variável referencialidade no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

TIPO DE REFERÊNCIA	APLIC./OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
Genérica e indefinida	117/130	90,0%	0.79
Genérica e definida	606/1225	49,75	0.44
Específica e definida	286/499	57,3%	0.54
TOTAL	1012/1854	54,6%	

No entanto, o curioso em nossos resultados é que não há uma hierarquia de favorecimento de *a gente* do tipo de referência mais genérica para mais específica. A referência específica e definida - exemplificada em (47), quando a falante faz referência a ela + a mãe da entrevistadora - favorece mais a forma inovadora do que o tipo genérica e definida – ilustrada em (48), quando a informante faz referência a ela + os alunos da escola em que estudava.

(47) viu!? ela sabe... ela foi uma das minhas amigas né... que sabe que **a gente foi** pra escola... muito gente boa... sua tia também a V. era a minha professora de catecismo... ai... que delícia... foi muito bom (CEL 26: feminino, 26 a 49 anos, Ens. Fundamental I).

(48) ano passado quando eu estudava **a gente fez** uma campanha sobre drogas... sobre a pre/preservação do meio ambiente... e sobre o lixo também... bastante coisa... **a gente fazia** paródia com música... **a gente fazia** texto... **inventava** poemas... **fazia** gravações... **postava** na internet... era bacana (CEL 16: feminino, 15 a 25 anos, Ens. Fundamental II).

Uma explicação para isso pode residir na nossa opção metodológica, pois no tipo de referência específica e definida também foram considerados os dados de *a gente* com referência ao *eu* (49). Mendonça (2010) verificou que quando o *nós* ou o *a gente* refere-se ao *eu*, a preferência é pela forma inovadora, com 0.70 de peso relativo.

(49) é por causa que:: ... eu não gosto de estudar de noite porque **a gente** tem que trabalhar ... trabalha/trabalhar quando a gente for trabalhar ... lá pras quatro três hora ... tem que pegar e vo/vim embora pra poder ir pra escola porque chega no outro dia **a gente** acorda cansado aí aquela murrinha... dá uma preguiça acordar cedo de novo ir pro serviço de novo ... aí não dá ... (CEL 22: masculino, 15 a 25 anos, Ensino Fundamental II).

Podemos pensar ainda que, contrariamente ao esperado – que o *a gente* fosse usado de modo mais genérico e o *nós* de modo mais específico, havendo uma especialização das formas – o que se nota, em nossos resultados, é que o processo de gramaticalização não ficou estagnado: a forma inovadora passou a exercer a função específica, como ocorre com a forma canônica.

O modo como consideramos a variável referencialidade não permite uma comparação direta com os resultados de Vitória/ES, mas podemos tecer algumas considerações. Mendonça (2010, p. 82) observou que o tipo de referência que mais

favorece a forma inovadora é o *eu*, com 0.70, seguida do tipo genérica, com 0.53, enquanto *eu + pessoa* desfavorece em 0.43. Nesse caso, há também o tipo de referência mais específica da escala, digamos assim, o *eu*, com um favorecimento de *a gente* maior do que o verificado no grau mais intermediário (*eu + pessoa*), o que aproxima as duas comunidades.

O autor argumenta que “a forma *a gente* vem também se firmando na referência específica, o que, de certa forma, lhe confere ainda mais *status* de pronome pessoal, uma vez que se estabelece como pronome pessoal pleno, sem, contudo, perder seu traço indeterminador, originário da formação substantiva” (MENDONÇA, 2010, p. 82). Podemos afirmar o mesmo quanto aos dados de Santa Leopoldina, mas com a ressalva de haver ainda um uso mais acentuado de *a gente* no tipo de referência mais genérica do que o verificado em Vitória/ES, e isso pode estar relacionado à diferença no estágio de implementação da forma inovadora nessas duas comunidades.

5.1.6 *Explicitude do sujeito*

Conforme os dados apresentados na tabela a seguir, percebemos que os leopoldinenses usam mais forma *a gente* explícita, que é favorecida em 0,56, enquanto a implícita é desfavorecida em 0,29.

Tabela 22 – Atuação da variável explicitude do sujeito no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
Explícito	848/1452	58,4%	0.56
Implícito	164/402	40,8%	0.29
TOTAL	1012/1854	54,6%	

Neste aspecto, Santa Leopoldina também se alia à Vitória, onde Mendonça (2010) encontrou um favorecimento de *a gente* explícito em 0,62 de peso relativo, e um desfavorecimento de 0,19.

Todavia, é preciso ressaltar aqui também que esses resultados da atuação da variável explicitude estão influenciados, de certa maneira, pela nossa opção metodológica ao delimitarmos quais casos seriam considerados como ocorrência da variante implícita. Isso fica bem evidente ao fazermos o cruzamento das variáveis explicitude e paralelismo.

Tabela 23 – Cruzamento das variáveis explicitude do sujeito e paralelismo linguístico no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

	Explícito	Implícito
Isolado	61% (227/374)	-----
Primeiro da série	57% (230/406)	-----
Não 1º da série precedido de <i>nós</i> explícito	20% (27/133)	3% (1/38)
Não 1º da série precedido de <i>nós</i> implícito	36% (12/33)	-----
Não 1º da série precedido de <i>nós</i> zero	13% (17/129)	-----
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> explícito	89% (300/338)	90% (112/124)
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> implícito	90% (35/39)	93% (51/55)
TOTAL	58% (848/1452)	41%(1012/1854)

A *gente* implícito basicamente só ocorre quando precedido de *a gente* (quer explícito, quer implícito). Só há um caso isolado em que é precedido de *nós* explícito, que não pôde ser codificado como *nós* sem concordância devido ao contexto da entrevista.

(50) eu asso no forno a lenha... é ass/ é a tradição ali assar no forno... há quem usa hoje o forno a gás... mas nós não... nós usamos todo o/o requisito do passado é:: **usa** a peneira pra tá colocando o/as bolachinha pronta... (CEL 31: masculino, 26 a 49 anos, Ens. Fundamental I).

Como durante toda a entrevista desse informante não houve ocorrências de *nós* sem concordância no tempo presente, julgamos o verbo na 3PS na fala acima como um dado de *a gente* implícito.

Se considerarmos então apenas o ambiente em que a forma inovadora pode ocorrer tanto de modo explícito como implícito, ou seja, quando de fato pode haver variação,

que são os casos de não primeiro da série precedidos de *a gente*, a explicitude do sujeito não faz diferença, os percentuais de uso permanecem quase inalterados.

Diante disso, questionamos se esta é uma variável significativa na alternância *nós/a gente*, pois o favorecimento de *a gente* explícito ocorre porque há contextos, delimitados pela própria metodologia do nosso trabalho, em que esse pronome só pode ocorrer de modo explícito mesmo.

5.1.7 Gênero/Sexo

Para a variável social gênero/sexo, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 24 – Atuação da variável gênero/sexo no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

GÊNERO/SEXO	APLIC./OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
Masculino	466/920	50,7%	0.46
Feminino	546/934	58,5%	0.53
TOTAL	1012/1854	54,6%	

De um modo geral, notamos que as mulheres leopoldinenses assumem a liderança, mesmo que levemente, na implementação da forma inovadora, assim como verificado em outros estudos – Mendonça (2010), Tamanine (2010) e Mattos (2013).

Adotando a proposta de Scherre e Yacovenco (2011), que incluem o princípio da marcação para a análise do efeito do papel do gênero na variação e na mudança linguística, podemos pensar na forma *a gente* como sendo menos marcada, no sentido de ser mais frequente no português brasileiro falado. As autoras argumentam que “em configurações menos marcadas – e não necessariamente mais prestigiadas – as mulheres estão à frente na variação e na mudança” (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 139). Sabe-se que, no fenômeno da alternância *nós/a gente*, não há uma polarização explícita entre variante padrão e não padrão, por isso a importância de se entender o valor atribuído a essas variantes dentro da comunidade em estudo especificamente. Defendemos que o pronome *nós* está mais vinculado à comunidade rural de Santa Leopoldina,

enquanto *a gente* constitui-se como uma forma linguística de uso externo à comunidade, conforme verificamos na análise da atuação da variável interação com a entrevistadora. Cabe avaliar, então, o valor dado por homens e mulheres ao que vem de fora da comunidade.

Primeiro, vale ressaltar que nos chama a atenção, nesse grupo de fatores gênero/sexo, último selecionado pelo programa GoldVarb X, o fato de não haver aparentemente uma diferença muito grande entre o comportamento linguístico de homens e mulheres na comunidade rural de Santa Leopoldina. Os percentuais de uso ficam na casa dos 50,0%, próximos da média global de *a gente* (54,6%), os pesos também estão relativamente próximos, com um leve favorecimento da forma inovadora entre o gênero/sexo feminino, como destacamos acima.

Desse modo, procurando entender as motivações desta variável ter sido selecionada, mesmo com uma diferença pequena, com um *range* de apenas 7, fizemos a tabulação cruzada com a variável faixa etária, e os resultados são reveladores.

Tabela 25: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

	Masculino	Feminino
07 a 14 anos	13% (17/127)	46% (80/175)
15 a 25 anos	24% (49/208)	56% (106/189)
26 a 49 anos	82% (233/285)	67% (153/229)
50 ou + anos	56% (167/300)	61% (207/341)
TOTAL	51% (466/920)	58% (546/934)

Há um comportamento consideravelmente distinto entre homens e mulheres de acordo com a faixa etária, e isso se relaciona à questão do mercado de trabalho. Notamos que os homens, enquanto estão fora do mercado ocupacional, ou seja, quando saem menos da comunidade em que vivem, têm uma frequência de uso do pronome inovador bem menor do que as mulheres. Porém, quando atingem a idade em que ocorre a inserção de fato no mercado de trabalho, são eles que assumem a liderança do uso de *a gente*, com uma diferença de 15 pontos percentuais com relação às mulheres. Somente na última faixa etária se aproximam das mulheres,

diminuindo o uso da forma inovadora. A queda na frequência de uso, no entanto, da terceira faixa etária para a última, entre os homens, é de 32 pontos percentuais, enquanto entre as mulheres é somente de 6%. No gráfico abaixo, podemos visualizar melhor essa diferença de gênero/sexo.

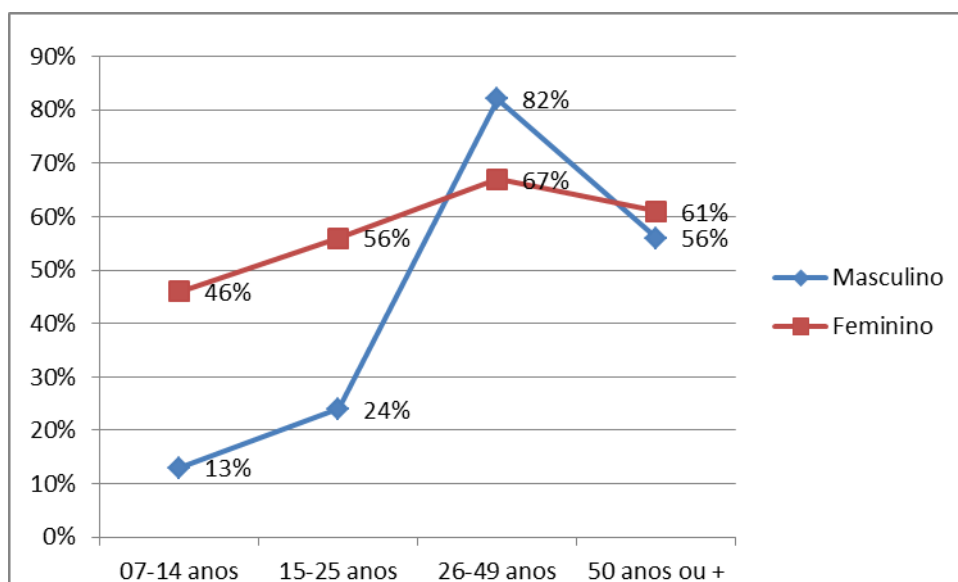


Gráfico 06: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso de *a gente* em Santa Leopoldina.

A linha que representa o gênero/sexo masculino muda bastante, enquanto a que representa o feminino é mais estabilizada.

Precisamos compreender, então, a diferença dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres nessa comunidade. Como argumenta Paiva (2010, p. 35), “a análise da correlação gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala”.

Acreditamos que, de um modo geral, as mulheres da área rural de Santa Leopoldina, normalmente, ficam mais circunscritas à comunidade onde vivem. Por mais que ajudem na agricultura familiar, elas ainda têm um papel mais forte no cuidado com o lar e na educação dos filhos. Os homens, por outro lado, quando atingem a idade adulta, são os maiores responsáveis pelo sustento da família e, dessa forma, são os que mais têm contato com o que é de fora, já que precisam

providenciar a comercialização de seus produtos e administrar suas pequenas propriedades, e mesmo aqueles que são meeiros, caseiros ou diaristas ainda assim têm uma rede de relações sociais mais ampla.

Uma possível conclusão para esses resultados é que, entre as mulheres da área rural de Santa Leopoldina, o fenômeno da alternância pronominal *nós / a gente* se configura como um processo de variação estável, em que comunidade e indivíduo permanecem mais estáveis. Já no caso do gênero/sexo masculino, tem-se um processo de gradação etária no qual a comunidade permanece estável, mas o indivíduo muda em determinada fase, em função do mercado ocupacional.

E o mais interessante é observar também como isso se encaixa com o fenômeno da concordância verbal junto ao sujeito *nós*. Apesar de a variável gênero/sexo não ter sido selecionada pelo programa na análise da concordância no tempo presente - que, como já salientamos, é o contexto em que ocorre de fato a variação -, quando realizamos a tabulação cruzada desse fator com a faixa etária, verificamos um efeito digno de atenção.

Tabela 26: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso da concordância verbal junto ao sujeito *nós* em Santa Leopoldina/ES.

	Masculino	Feminino
07 a 14 anos	23% (11/48)	42% (18/43)
15 a 25 anos	16% (8/50)	32% (8/25)
26 a 49 anos	75% (3/4)	45% (9/20)
50 ou + anos	87% (26/30)	64% (16/25)
TOTAL	36% (48/132)	45% (51/113)

A variação da concordância também é mais evidente entre os homens; entre as mulheres os percentuais não oscilam tanto, conforme podemos visualizar no gráfico a seguir.

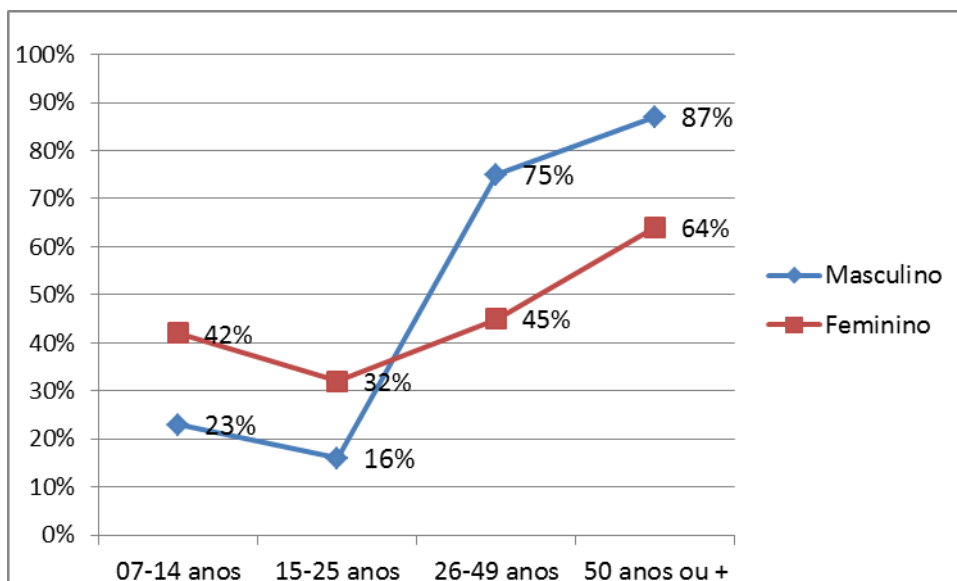


Gráfico 07: Cruzamento do efeito das variáveis gênero/sexo e faixa etária no uso da concordância verbal junto ao sujeito *nós* em Santa Leopoldina.

A diferença da faixa que faz mais uso da concordância para que menos faz, no gênero/sexo masculino, é de 64 pontos percentuais, enquanto no gênero/sexo feminino é de apenas 32. As mulheres, de um modo geral, fazem mais concordância do que os homens, mas, na faixa etária da plena inserção no mercado de trabalho (26-49 anos), os homens passam a realizar mais concordância do que elas, e isso se mantém na faixa de 50 ou + anos. É interessante notar que, nesta faixa de 26 a 49 anos, há pouquíssimas ocorrências do pronome *nós* em posição de sujeito no tempo presente, principalmente entre os homens, pois eles preferem o uso da forma inovadora, com o intuito de evitar a ausência da concordância, que é um fenômeno mais marcado.

Ante o exposto, argumentamos que a forma inovadora *a gente* não é avaliada de modo negativo em Santa Leopoldina, por isso sua implementação ocorre, mesmo que de modo mais lento do que nas comunidades urbanas. Sendo assim, as mulheres, de um modo geral, estão à frente no processo de variação quanto ao uso dessa forma inovadora. Porém, na faixa etária da efetiva inserção no mercado ocupacional, os homens, devido ao papel social que exercem, assumem a liderança no uso de *a gente*, comportamento este que está atrelado à questão da concordância. A não concordância ou a perda da desinência *-mos* no tempo presente tem uma configuração mais marcada, e são os homens que lideram esse

uso. Contudo, também na faixa do mercado ocupacional, ocorre uma mudança de comportamento e eles passam a fazer mais concordância.

As discussões aqui empreendidas pautam-se na afirmação de Paiva (2003, p. 41), de que “qualquer explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social considerado”. A atuação da variável gênero/sexo tem sido amplamente debatida na literatura sociolinguística e ainda há muito o que ser investigado.

5.1.8 Variável não selecionada: escolaridade

A variável escolaridade não foi considerada estatisticamente significativa. Esperávamos que o uso da forma inovadora fosse mais frequente entre os mais escolarizados, mas isso não ocorre. Esses resultados evidenciam que o prestígio está, predominantemente, nas relações sociais entre os falantes, independentemente da escola e/ou da gramática. Como interpreta Votre (2010, p. 55), “para esse tipo de fenômeno, em que não há tratamento sistemático na escola, outras agências sociais, como a igreja, o clube, o partido e os demais espaços sociais de interação exercem papel homogeneizador nada desprezível”.

Tabela 27 – Atuação da variável escolaridade no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

ESCOLARIDADE	APLIC./OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
Ensino Fund. I	438/805	54,4%
Ensino Fund. II	574/1049	54,7%
TOTAL	1012/1854	54,6%

5.1.9 Posição sintática

Para a análise da variável posição sintática, foi feita uma rodada separada, pois, como justificamos anteriormente, para os resultados expostos acima, consideramos apenas as ocorrências de *nós/ a gente* na posição de sujeito.

Os fatores selecionados aqui foram os mesmos e a ordem também permaneceu, mas com a inclusão da posição sintática, que também foi considerada estatisticamente significativa. Desse modo, temos: paralelismo linguístico, tempo verbal (tempo + saliência, no caso da rodada só com a posição de sujeito), faixa etária, explicitude do sujeito, interação com a entrevistadora, posição sintática, referencialidade e gênero/sexo.

Nesta seção, consideramos apenas os resultados concernentes à atuação da variável posição sintática, pois os resultados das outras variáveis seguem praticamente inalterados.

Como era esperado, a maioria das ocorrências de *nós* e *a gente* encontra-se na função de sujeito. Nela o peso relativo é neutro, isto é, o uso de *nós* e *a gente* é bem equilibrado, não há preferência por uma das formas.

Tabela 28: Atuação da variável posição sintática no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES.

POSIÇÃO SINTÁTICA	APLIC./OCOR.	%	P.R.
Sujeito	1015/1857	54,7%	0.51
Objeto direto	32/43	74,4%	0.80
Objeto indireto	17/34	50,0%	0.48
Adjunto adnominal/complemento nominal	51/139	36,7%	0.21
Adjunto adverbial	21/36	58,3%	0.55
TOTAL	1136/2109	53,9%	

Notamos que a posição que mais favorece *a gente* é a de objeto direto (51), com 0.80 de peso relativo.

(51) tinha uma *topic* que vinha... **buscava a gente** até aqui... (CEL 21: masculino, 15 a 25 anos, Ens. Fundamental II).

Nessa função, o uso da forma inovadora é favorecido devido à ocorrência do clítico (nos) junto ao pronome canônico. Em (51), se o falante usasse o pronome *nós*, para estar de acordo com a norma padrão, precisaria dizer que “a *topic* nos buscava”, uso

este pouco comum na variedade falada do PB popular. Em nossa amostra, quando o *nós* ocorre na função objeto direto, normalmente aparece da seguinte forma:

(52) ele criou onze filhos... é oito homem e três mulher...eles num chegaram... nunca chegaram encostar a mão em um... pra bater em filho nenhum....porque **eles educava nós** de uma maneira muito assim.....graças a Deus... (CEL 45: masculino, 50 ou + anos, Ens. Fundamental II).

Como o uso acima é passível de estigmatização, o falante tende a substituir o *nós* por *a gente*.

Depois da função de objeto direto, a posição que também favorece a forma inovadora, ainda que levemente, é a de adjunto adverbial, com 0.55 de peso relativo.

(53) com um monte de arroz pra jogar em cima **da gente**... arroz ou flor::... (CEL 39: feminino, 50 ou + anos, Ens. Fundamental II)

A posição de objeto indireto (54) tem efeito intermediário, com 0.48.

(54) eu presto muita atenção... ela conta **pra gente** e a gente fica só ouvindo... que tem coisa boa também da época dela as história ... (CEL 26: feminino, 26 a 49 anos, Ens. Fundamental I).

Já as funções de adjunto adnominal e complemento nominal (55) desfavorecem a *gente* acentuadamente (0.21 de peso relativo), o que pode ser explicado pelo predomínio que ainda existe do possessivo *nosso(a)* nesse contexto (56).

(55) [inint] a porque mesmo a gente gosta do cantinho **da gente** (CEL 38: feminino, 50 ou + anos, Ens. Fundamental I).

(56) mas também o **nosso** time não fez nem um treinamento nada junto ... (CEL 33: masculino, 26 a 49 anos, Ens. Fundamental II).

Quando comparamos esses resultados com os de Mendonça (2010), verificamos que a atuação da variável posição sintática também segue na mesma direção em Vitória/ES e Santa Leopoldina/ES, com algumas diferenças apenas nos valores dos pesos, o que se justifica pelo fato de termos considerado funções que não foram controladas por Mendonça (2010). O autor observou somente as ocorrências dos pronomes de primeira pessoa do plural em posição de sujeito, objeto direto e objeto indireto. Na função de sujeito, há um leve desfavorecimento de *a gente* em 0,47, ao passo que nas funções de objeto direto e objeto indireto há um favorecimento em 0,88 e 0,76 de peso relativo, respectivamente.

5.2 O FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA VERBAL

Para a análise do fenômeno da variação da concordância com o pronome *nós*, precisamos fazer vários testes, que suscitaram discussões relevantes, por isso esta seção do trabalho está segmentada em subseções que contemplam os resultados obtidos em três rodadas diferentes.

5.2.1 Rodada com os fatores agrupados em concordância e não concordância

Primeiramente, para fazermos a rodada de pesos relativos no GoldVarb X, precisamos agrupar as nossas variantes em somente dois fatores, pois há a necessidade de termos rodadas binárias e não eneárias²⁰. Sendo assim, amalgamamos as ocorrências de concordância não padrão 1 (*nós* + *-emo*) e concordância não padrão 2 (*nós* + 3PP) com os casos de concordância, tendo por critério a presença de marca de plural. Depois, procedemos à eliminação dos fatores com efeito categórico: os dados do infinitivo e do futuro do subjuntivo, que se encaixam no Grau 6 de saliência fônica.

²⁰ Diz-se que a rodada é binária quando há duas variantes; é eneária quando há mais do que duas variantes.

Dessa forma, obtivemos um total de 817 ocorrências do pronome *nós* em posição de sujeito, das quais 388 (47,5%) são de concordância e 429 (52,5%) de não concordância. Nota-se, portanto, um índice significativo de não aplicação da concordância.

Das nove variáveis observadas - interação com a entrevistadora, gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, explicitude do sujeito, referencialidade, paralelismo linguístico, tempo verbal e saliência fônica – quatro foram selecionadas pelo programa: saliência fônica, tempo verbal, faixa etária e referencialidade, respectivamente.

Quanto à saliência fônica, constatamos que são as formas mais salientes as que favorecem a realização da concordância, conforme a tabela a seguir.

Tabela 29: Efeito da variável saliência fônica na realização da concordância junto ao pronome *nós* em Santa Leopoldina/ES.

GRAU DE SALIÊNCIA FÔNICA (de - saliente para + saliente)	APLIC./OCOR.	%	P.R.
1: falava/falávamos	1/283	0,4%	0.10
2: fala/falamos; trouxe/trouxemos	11/117	9,4%	0.21
3: faz/fazemos; está/ estamos	35/64	54,7%	0.60
4: comeu/comemos; vai/vamos	133/137	97,1%	0.96
5: é/somos; falou/falamos	208/216	96,3%	0.79
TOTAL	388/817	47,5%	

A saliência é um fator importante, mas é preciso ressaltar que os verbos menos salientes são os do pretérito imperfeito e os do presente com neutralização (que apresentam a mesma forma para o presente e o pretérito perfeito). Desse modo, diferentemente de Rubio (2012, p. 282), defendemos que a variável que tem efeito determinante na concordância é o tempo verbal.

Sabemos que as formas no infinitivo pessoal (57) e no futuro do subjuntivo (58) não variam, isto é, a não concordância é categórica. No pretérito imperfeito (59), tempo em que ocorrem as proparoxítonas com *-mos*, também podemos dizer que não há variação, pois, em um universo de 283 dados, somente um apresenta concordância (60). Por outro lado, no pretérito perfeito (61), a aplicação da concordância é que é

categorica, com uma frequência de 99,7% e apenas uma ocorrência de não concordância em 289 dados (62).

(57) ah... porque lá tem quadra... tem campo... e lá não tem... pra **nós brincar** (CEL 08; masculino, 7-14 anos, Ens. Fund. I).

(58) se **nós falar**... para ele é como se não fosse falar nada (CEL 07; masculino, 7-14 anos, Ens. Fund. I).

(59) aí **nós ficava** lá embaixo no centro comunitário... depois **nós vinha** (CEL 21; masculino, 15-25 anos, Ens. Fund. II) .

(60) que **nós não tínhamos** campo de grama... era terra com pedras (CEL 43; masculino, 50 anos ou +, Ens. Fund. I).

(61) e uma vez também **nós tomamo** uma carreira minha filha da sussuarana (CEL 26; feminino, 26-49 anos, Ens. Fund. I).

(62) **nós só ganhou** mau hálito (CEL 03; feminino, 7-14 anos, Ens. Fund. I).

Essa configuração do tempo verbal indica que o *-mos*, no PB, pode estar adquirindo função de morfema de pretérito perfeito. Como já haviam proposto Naro, Görski e Fernandes (1999),

[...] o pretérito é marcado na aparente desambiguação para todas as pessoas gramaticais, exceto a primeira pessoa do plural [...]. Nós podemos postular que essa situação leva a uma mudança na análise de *-mos* na geração mais jovem. Uma vez que não há outro elemento para marcar o pretérito na primeira pessoa do plural, e como *-mos* ocorre frequentemente nesse ambiente, *-mos* está aparentemente sendo reanalisado como uma marca de pretérito nesse contexto. É possível prever um período futuro em que *-mos* pode ser categoricamente pretérito e *0* categoricamente não pretérito na primeira pessoa do plural (NARO, GÖRSKI e FERNANDES, 1999, p. 209-210, *tradução nossa*).

Ao fazermos o cruzamento das variáveis tempo verbal e faixa etária, observamos que os mais jovens têm uma frequência de uso de *-mos* no tempo presente

significativamente menor do que os adultos, o que evidencia essa mudança de comportamento constatada por Naro, Görski e Fernandes (1999).

Tabela 30: Cruzamento das variáveis tempo verbal e faixa etária na concordância junto ao pronome *nós* em Santa Leopoldina/ES.

Tempo verbal	07-14 anos	15-25 anos	26-49 anos	50 anos ou +
Presente	32,0% (29/91)	21,0% (16/75)	50,0% (12/24)	76,0% (42/55)
Pretérito perfeito	98,0% (56/57)	100,0%(101/101)	100,0% (54/54)	100,0% (77/77)

Como podemos verificar na tabela abaixo, o único tempo verbal em que a concordância realmente varia é o presente (63 e 64).

(63) **nós gostamo** de brincar... principalmente vôlei (CEL 05; feminino, 7-14 anos, Ens. Fund. II)

(64) **nós brinca** na casa de vovó... **nós ranca** as flor de lá [risos] (CEL 01; feminino, 7-14 anos, Ens. Fund. I)

Tabela 31: Efeito da variável tempo verbal na realização da concordância junto ao pronome *nós* em Santa Leopoldina/ES.

TEMPO VERBAL	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	P.R.
Pretérito perfeito	288/289	99,7%	0.98
Pretérito imperfeito	1/283	0,4%	0.01
Presente	99/245	40,4%	0.38
TOTAL	388/817	47,5%	

Diante do exposto, temos a necessidade de uma rodada somente com os dados do tempo presente, a qual será discutida no próximo subitem.

No que diz respeito à atuação da variável social faixa etária, notamos que somente o grupo dos mais velhos favorece a concordância padrão, com peso relativo de 0.79.

Tabela 32: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome *nós* em Santa Leopoldina/ES.

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA	P.R.
07 a 14 anos	85/193	44,0%	0.39
15 a 25 anos	117/239	49,0%	0.28
26 a 49 anos	66/124	53,2%	0.39
50 anos ou +	120/261	40,0%	0.79
TOTAL	388/817	47,5%	

É importante observarmos aqui que as frequências de uso entre as faixas etárias não oscilam muito, então questionamos porque essa variável foi selecionada pelo programa e apresentou pesos relativos bastante diferenciados. Quando fizemos o cruzamento das variáveis faixa etária e tempo verbal, vimos que no presente, tempo em que de fato há variação de concordância, os percentuais de uso são bem distintos na distribuição das faixas etárias, com os mais jovens desfavorecendo a concordância. Acreditamos que esse seja o motivo de haver pesos relativos tão distintos, apesar da aparente neutralidade evidenciada pelas frequências de uso. Reforçamos, assim, mais uma vez, que para uma análise da variação da concordância com o sujeito *nós* em Santa Leopoldina, devemos considerar apenas o tempo presente. Optamos por expor sumariamente os resultados da rodada com todos os tempos verbais para termos uma visão mais ampla do fenômeno.

Essa configuração da faixa etária pode sugerir uma mudança em progresso em direção a não concordância. Voltaremos a essa discussão ao procedermos às outras rodadas.

Concernente à referencialidade, última variável selecionada pelo programa, temos a seguinte configuração:

Tabela 33: Atuação da variável referencialidade na realização da concordância junto ao pronome *nós* em Santa Leopoldina/ES.

TIPO DE REFERÊNCIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	P.R.
Genérica e indefinida	11/12	91,7%	0.96
Genérica e definida	272/597	45,6%	0.49
Específica e definida	105/208	50,5%	0.46
TOTAL	388/817	47,5%	

Verificamos que o único tipo de referência favorecedor da concordância é a genérica e indefinida, com 0.96 de peso relativo. Há que se ressaltar, porém, que essas ocorrências são pouco numerosas, apenas 12, mas ainda assim podemos pensar que elas favorecem a concordância devido a seu caráter mais coletivo.

5.11.2. Rodada considerando apenas o tempo presente

Depois de constatado que nos demais tempos verbais - infinitivo pessoal, futuro do subjuntivo, pretérito imperfeito e pretérito perfeito – praticamente não existe variação em nossa comunidade de fala, fez-se imprescindível a realização de uma rodada apenas com o tempo presente.

De um total de 245 dados de sujeito *nós* no presente, 99 (40,4%) são de concordância e 146 (59,6%) de não concordância. Para a rodada com pesos relativos, retiramos a variável referencialidade, pois apresentou efeito categórico no tipo de referência genérica e indefinida, com 100% de concordância. Preferimos excluir essa variável a retirar os 11 dados de *nós* com referência genérica, já que não era possível amalgamá-los com os outros tipos de referência. Como os dados do presente não são tão numerosos, é importante observá-los em sua totalidade. Cumpre ressaltar que a variável tipo de referência não parece ser significativa para a análise do fenômeno da concordância.

O morfema *-mos*, como verificamos, aparenta estar se consolidando como marca de pretérito perfeito para desfazer a ambiguidade que há entre os verbos na primeira pessoa do plural nesse tempo e no presente. Porém, como não são todos os verbos que apresentam essa ambiguidade, julgamos pertinente separá-los em dois grupos: os que apresentam neutralização e os que não apresentam. Ressaltamos, entretanto, que, ao realizarmos uma rodada incluindo a neutralização como uma variável, precisamos excluir a saliência fônica, pois há sobreposição de fatores e a rodada não apresenta convergência. Assim sendo, para a análise da concordância no tempo presente, discutiremos os dados de duas rodadas: uma, com a variável que denominamos neutralização e outra, com a saliência fônica.

Feitas essas considerações, analisemos os resultados obtidos. Na rodada com a variável neutralização, foram selecionados três fatores: neutralização, faixa etária e interação com a entrevistadora.

Para a variável neutralização, os resultados confirmam a expectativa: os verbos sem neutralização favorecem a concordância. Como a distinção entre presente e pretérito perfeito é bem nítida, não há necessidade de deixar de fazer a concordância para marcar que se está falando no presente.

Tabela 34: Efeito da variável neutralização na realização da concordância junto ao pronome nós no tempo presente em Santa Leopoldina/ES.

NEUTRALIZAÇÃO	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA	P.R.
Com neutralização	9/116	7,8%	0.16
Sem neutralização	90/129	68,9%	0.81
TOTAL	99/245	40,4%	

Respeitante à atuação da variável faixa etária, notamos que os mais velhos são os que favorecem a concordância, com 0.59 na faixa de 26 a 49 anos e 0.75 na de 50 anos ou mais. A faixa dos jovens de 15 a 25 é a que mais a desfavorece, com peso relativo de 0.36. Já a faixa de 7 a 14 anos desfavorece a concordância em 0.41.

Tabela 35: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome nós no tempo presente em Santa Leopoldina/ES.

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA	P.R.
07 a 14 anos	29/91	31,9%	0.41
15 a 25 anos	16/75	21,3%	0.36
26 a 49 anos	12/24	50,0%	0.59
50 anos ou +	42/55	76,4%	0.75
TOTAL	99/245	40,4%	

Apesar de não haver uma gradação perfeita, visto que a faixa etária mais nova, de 07 a 14 anos, apresenta um índice ligeiramente mais alto do que a faixa dos adolescentes (15 a 25 anos), podemos pensar em uma mudança em progresso em direção à perda da concordância, já que, de modo geral, os mais jovens da amostra fazem menos concordância do que os mais velhos.

No que concerne à atuação da variável estilística interação com a entrevistadora, notamos que, quando a conversa é com a entrevistadora natural da Grande Vitória, a concordância é favorecida. Esse resultado aponta para a ausência de concordância como marca da comunidade local.

Tabela 36: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso da concordância junto ao pronome *nós* no tempo presente em Santa Leopoldina/ES.

INTERAÇÃO COM A ENTREVISTADORA	APLIC./OCOR.	%	P.R.
Natural de Santa Leopoldina	65/188	34,6%	0.43
Natural da Grande Vitória	34/57	59,6%	0.70
TOTAL	99/245	40,4%	

Isso parece ser reforçado no cruzamento dessa variável com a faixa etária. Na interação com a entrevistadora de Santa Leopoldina, há um gradiente perfeito de perda de concordância.

Tabela 37: Cruzamento do efeito das variáveis interação com a entrevistadora e faixa etária na realização da concordância verbal de 1PP em Santa Leopoldina/ES.

	NATURAL DE STA LEOPOLDINA	NATURAL DA GRANDE VITÓRIA
07 a 14 anos	19% (10/52)	49% (19/39)
15 a 25 anos	21% (16/75)	Não há dados
26 a 49 anos	48% (11/23)	100% (1/1)
50 ou + anos	74% (28/38)	82% (14/17)
TOTAL	35% (65/188)	60% (34/57)

Quando comparamos com os resultados de Vitória, verificamos uma tendência oposta: os mais jovens fazem mais concordância dos que os mais velhos.

Tabela 38: Efeito da variável faixa etária na concordância verbal com o pronome *nós* em Vitória/ES. (BENFICA, 2013)

FAIXA ETÁRIA	APLC./OCORRÊNCIAS	%	P.R.
7-14 anos e 15-25 anos	112/114	98,2%	0,773
26-49 anos	128/140	91,4%	0,305
50 anos ou mais	188/220	85,5%	0,472
TOTAL	428/474	90,3%	

Na rodada com a saliência fônica, foram selecionados apenas dois fatores: faixa etária e saliência fônica.

Concernente à faixa etária, a tendência é a mesma da rodada apresentada anteriormente, com algumas diferenças nos pesos relativos.

Tabela 39: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome *nós* no tempo presente (com a variável neutralização) em Santa Leopoldina/ES.

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA	P.R.
07 a 14 anos	29/91	31,9%	0.44
15 a 25 anos	16/75	21,3%	0.29
26 a 49 anos	12/24	50,0%	0.45
50 anos ou +	42/55	76,4%	0.83
TOTAL	99/245	40,4%	

Quanto à saliência fônica, como era de se esperar, os verbos mais salientes são os que mais favorecem a concordância.

Tabela 40: Atuação da variável saliência fônica na realização da concordância junto ao pronome *nós* no tempo presente em Santa Leopoldina/ES.

GRAU DE SALIÊNCIA FÔNICA (de - saliente para + saliente)	APLIC./OCOR.	%	P.R.
2: canta/cantamos	12/120	10,0%	0.19
3: está/estamos	35/65	53,8%	0.56
4: vai/vamos	31/36	86,1%	0.94
5: é/somos	21/24	87,5%	0.91
TOTAL	99/245	40,4%	

O único grau de saliência fônica que desfavorece a concordância verbal é o Grau 2, em que quase todos os verbos apresentam neutralização entre as formas do presente e do pretérito perfeito. Há somente quatro ocorrências, dos verbos *poder* e *saber*, que são sem neutralização, sendo que, dessas quatro, apenas uma não tem concordância.

No Grau 3, o percentual de uso de concordância e o peso relativo não são muito elevados, apesar de nesse grupo só haver verbos sem neutralização, assim como nos graus 4 e 5. É possível afirmar que os verbos com neutralização desfavorecem

a concordância e, entre os verbos sem neutralização, os que são mais salientes, favorecem mais (0.94 e 0.91 de peso relativo) do que os menos salientes (0.56).

Buscando compreender um pouco melhor essa questão, controlamos a ocorrência de cada verbo, a fim de verificarmos se há algum em especial que contribui para esses resultados. O que mais nos chamou a atenção foi o comportamento dos verbos do Grau 3 de saliência fônica, que em nosso *corpus* são: *fazer*, *trazer*, *estar*, *ver* e *ter*. O verbo *fazer* tem 13 ocorrências, com 100% de não concordância (65). O verbo *trazer* também aparece com essa mesma frequência, mas só há um dado (66). O verbo *estar*, por outro lado, tem o comportamento oposto, 100% das 15 ocorrências são de concordância (67). O verbo *ver* também tem 100% de concordância, mas só há uma ocorrência (68). Já o verbo *ter* apresenta resultados mais equilibrados, das 35 ocorrências, 19 (54,3%) são de concordância (69) e 16 (45,7%) de não concordância (70).

(65) café **nós faz** aqui mesmo... aqui nós tem:: toca o café nosso mesmo... nós pega e:: boa qualidade demais ... aí nós:: planta/planta e colhe [inint] nós pega e **faz** o pó de café aqui mesmo... não compra não (CEL 22: masculino, 15-25 anos, Ens. Fund. II).

(66) não... nós pila e **traz** sempre um tanto pro nosso consumo... pilado (CEL 19; masculino, 15-25 anos, Ens. Fund. I)

(67) aí como eu falei ... nosso terreno é pequeno... **nós tamo** com três hectare quase quatro... ai num dá pra cê trabalhar o ano inteiro (CEL 28: feminino, 26-49 anos, Ens. Fund. II).

(68) tá agora a segurança dentro do país em geral se você pegar a globalização... tá difícil! o que **nós vemos** hoje já perdeu-se o controle... (CEL 43: masculino, 50 ou + anos, Ens. Fund. I).

(69) eu passei... quando meu pai morreu nós passemos fome tá... e::: agora não... agora a vida é boa... que graças a Deus o que nós num tinha, **nós temos** agora. (CEL 38: feminino, 50 ou + anos, Ens. Fund. I).

(70) minha mãe assim ela não gosta de cachorro não... por causa de nós... que **nós tem** alergia a pelo... poeira ... aí nós não podemos [inint] mas nós são teimosos... [inint] eu gosto muito de cachorro (CEL 5: feminino, 7-14 anos, Ens. Fund. II).

Vemos então que verbos como *fazer* e *estar*, ambos sem neutralização e com o mesmo grau de saliência fônica, apresentam resultados opostos no que concerne à concordância com o sujeito *nós*. Parece haver outro fator, além da neutralização e da saliência, que condiciona o uso da concordância no tempo presente. Faz-se necessário um estudo mais aprofundado para investigar esse fenômeno. Por ora, registramos apenas mais algumas observações.

No Grau 4 de saliência fônica, temos dois verbos: *vir* e *ir*. O primeiro só tem um registro, que não apresenta concordância (71). Já o verbo *ir* tem 35 ocorrências, das quais apenas 4 são de não concordância (72) e 31 de concordância (73).

(71) **nós vem** andando... quando nós vamos em Santa Leopoldina (CEL 38: feminino, 50 ou + anos, Ens. Fund. I).

(72) Ah..lá nós/nós passeia... **nós vamos** no shopping... nós anda pela na rua... descansa um pouco... (CEL 05: feminino, 7-14 anos, Ens. Fund. II)

(73) toda vez que **nós vai** [inint] quase toda vez acontece ele quebrar alguma coisa , derrubar a moto do pai dele [...] (CEL 07: masculino, 7-14 anos, Ens. Fund. I)

Já no Grau 5, todos os 24 dados são do verbo *ser*, sendo 21 de concordância (74) e apenas 3 de não concordância (75). Ressalta-se que todas essas 3 ocorrências de não concordância se referem a sujeitos pospostos ao verbo.

(74) ah! evangélico... **nós somos** também... evangélico luteranos né? (CEL 40: feminino, 50 ou + anos, Ens. Fund. II).

(75) [...] quem vai pra igreja católica lá **é nós** de fora... (CEL 28: feminino, 26-49 anos, Ens. Fund. II).

Verifica-se, portanto, que os verbos *ser*, *estar* e *ir* condicionam o uso da concordância verbal junto ao sujeito *nós*. Em contrapartida, os verbos com neutralização (*cantar*, *brincar*, *comer*, *queimar*, etc) e o verbo *fazer* desfavorecem a concordância. Já o verbo *ter* apresenta uma variação mais equilibrada em nossa comunidade de fala.

Vale ressaltar, entretanto, que com os verbos *ser* (76), *estar* (77) e *ir* (78) ocorre o que denominamos concordância não padrão 2, que se refere ao uso da desinência de 3PP junto ao *nós*. Por apresentarem a marca de plural, consideramos essas ocorrências como concordância, pois acreditamos que o uso de *são*, *(es)tão* e *vão* no lugar de *somo(s)*, *(es)tamo(s)* e *vamo(s)* seja muito mais uma questão fonética (*somos*>*samus*>*samu*>*sãw*).

(76) na conversa... num foi... num foi com violência... sempre tratei meus filho com muito amor... com muito carinho... assim eu trato os outro também... não é só meus filho... os outro também... que **nós são** tudo irmão... **são** tudo filho de Deus... **nós são** tudo igual... com preto... branco... **nós são** tudo ... é rico ...é pobre... é tudo irmão né?! (CEL 26: feminino, 26-49 anos, Ens. Fund. I)

(77) tem tipo víru... não sei... que não dá pra entrar no computador... aí a prefeitura não vai lá... **nós tão** sem (CEL 08: masculino, 7-14 anos, Ens. Fund. I).

(78) não... time assim não... nós só brinca por brincar... do jeito que vai aparecendo gente **nós vão** brincando (CEL 19: masculino, 15-25 anos, Ens. Fund. II).

Das 21 ocorrências do verbo *ser* analisadas como casos de concordância, 12 são de concordância não padrão com desinência de 3PP. Do verbo *estar*, são 8 dados de 34. E do verbo *ir* são 16 ocorrências de 30. São números expressivos, mas esse fenômeno é muito menos marcado e estigmatizado do que a ausência de concordância. Quando observamos a diferenciação fônica, notamos que os pares *é/somos*, *(es)tá/(es)tamo(s)* e *vai/vamo(s)* são muito mais salientes do que *somo(s)/são*, *(es)tamo(s)/(es)tão* e *vamo(s)/vão*, e conseqüentemente são muito mais perceptíveis para os falantes como “erros”. Na subseção 5.2.4, faremos mais algumas observações acerca desse tipo de concordância não padrão (*nós* + 3PP).

Por fim, vale tecer algumas considerações conjugando a análise dos dois fatores selecionados: faixa etária e saliência fônica. Apesar da pequena quantidade de dados, é possível notar uma tendência para a não concordância entre os mais jovens da amostra, sobretudo no Grau 2 de saliência. Isso talvez se constitua como um indício de que a não concordância pode ser vista como uma marca identitária, assim como o uso do pronome canônico *que*, como notamos, também é favorecido entre os mais jovens, principalmente do gênero/sexo masculino.

Analisemos, então, a tabela com o cruzamento dos dados. Vale assinalar que tomamos como referência a não concordância, para facilitar a visualização da perda da desinência *-mos* no tempo presente.

Tabela 41: Cruzamento do efeito das variáveis faixa etária e saliência fônica no da não concordância com o sujeito *nós*.

	Grau2 (fala/falamos)	Grau3 (faz/fazemos)	Grau4 (vai/vamos)	Grau5 (é/somos)
07 a 14 anos	91% (51/56)	62% (8/13)	7% (1/14)	25% (2/8)
15 a 25 anos	96% (45/47)	80% (12/15)	17% (2/12)	0% (0/1)
26 a 49 anos	88% (7/8)	60% (3/5)	25% (1/4)	14% (1/7)
50 ou + anos	56% (5/9)	22% (7/32)	17% (1/6)	0% (0/8)
TOTAL	90% (108/120)	46% (30/65)	14% (5/36)	12% (3/24)

Se nos atentarmos ao Grau 2, que tem um maior número de dados, veremos que as faixas dos mais velhos tendem a fazer um pouco mais de concordância. Porém, há que se destacar que as ocorrências do pronome canônico nessas faixas são muito

baixas, ainda mais se comparadas com as duas primeiras. Estas têm, juntas, 103 dados, enquanto aquelas possuem apenas 17. Essa diferença na quantidade de ocorrências aponta que os falantes mais velhos, em vez de usarem o *nós* + Ø para marcar que estão falando no tempo presente, e não no pretérito perfeito, preferem usar o pronome *a gente* nesse contexto, evitando, dessa forma, a não concordância. Isso fica claro quando realizamos a tabulação cruzada dos fatores faixa etária e tempo verbal + saliência fônica na análise da alternância pronominal *nós* / *a gente*:

Tabela 42: Cruzamento do efeito das variáveis faixa etária e tempo presente + Grau 2 de saliência fônica no uso de *a gente*.

	Tempo presente + Grau 2 de saliência (fala/falamos)
07 a 14 anos	35% (30/86)
15 a 25 anos	58% (64/111)
26 a 29 anos	94% (117/125)
50 ou + anos	90% (78/87)
TOTAL	71% (289/409)

As faixas de 26 a 49 anos e de 50 ou + anos têm um percentual de uso da forma inovadora no presente com Grau 2 de saliência bem acima do verificado nas faixas dos mais jovens.

Desse modo, podemos concluir que parece haver uma mudança em progresso em direção à perda do morfema *-mos* no tempo presente, com os verbos com neutralização, confirmando o já observado por Naro, Görski e Fernandes (1999), de que o *-mos* estaria se especializando como marca de pretérito. Porém, em Santa Leopoldina, essa perda se processa de modo bem distinto entre os mais jovens e os mais velhos da amostra, visto que os jovens mantêm o *nós* e deixam de fazer a concordância verbal, enquanto entre os mais velhos a estratégia adotada é a substituição de *nós* por *a gente*.

Por fim, salientamos ainda que poderíamos ter cruzado as variáveis neutralização e saliência fônica em um único grupo, com os fatores: presente com neutralização + Grau 2 de saliência, presente sem neutralização + Grau 2 de saliência, presente sem neutralização + Grau 3 de saliência, presente sem neutralização + Grau 4 de saliência e presente sem neutralização + Grau 5 de saliência. Argumentamos,

porém, que a diferença nos resultados seria mínima, pois a única modificação relativa à análise que fizemos acima seria a separação dos 4 dados de Grau 2 de saliência que não apresentam neutralização entre o presente e o pretérito perfeito.

Observar a saliência fônica é de extrema importância, na medida em que podemos analisar o comportamento dos verbos mais minuciosamente. Entretanto, acreditamos que a variável mais determinante para a concordância seja a neutralização, mesmo sabendo que, entre os verbos sem neutralização, há algumas diferenças de comportamentos de acordo com os graus de saliência fônica e talvez com aspectos morfológicos, já que só a saliência, como vimos, também não é suficiente para explicar algumas questões.

5.2.3 Concordância não padrão 1: mudança de vogal temática - marca da variedade rural da Língua Portuguesa?

No pretérito perfeito, há um tipo de concordância não padrão, em nossa comunidade de fala, que suscita alguns questionamentos. Como vimos, a concordância nesse tempo verbal é praticamente categórica: apenas um dado de 288 é de não concordância. Ressaltamos, porém, que entre esses 288 dados de concordância, temos alguns casos (27,1%) do que designamos concordância não padrão 1, quando há mudança da vogal temática (*falamo(s)*>*falemo*). A frequência não é alta e não são todos os falantes que fazem essa elevação, mas é algo significativo para o entendimento do português falado na zona rural de Santa Leopoldina.

Assim sendo, fizemos uma rodada com o intuito de investigar quais são os contextos que favorecem a elevação da vogal temática. Os únicos fatores selecionados foram faixa etária e saliência fônica.

Tabela 43: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância padrão junto ao pronome *nós* no pretérito perfeito em Santa Leopoldina/ES.

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA	P.R.
07 a 14 anos	53/56	94,6%	0.83
15 a 25 anos	53/101	52,5%	0.21
26 a 49 anos	35/54	64,8%	0.35
50 anos ou +	69/77	89,6%	0.72
TOTAL	210/288	72,9%	

A faixa etária dos mais jovens, 7 a 14 anos, e a dos mais velhos, 50 ou mais anos, são as que favorecem o uso da concordância padrão. É nas faixas intermediárias que encontramos mais ocorrências de concordância não padrão com elevação de vogal temática, sobretudo na faixa de 15 a 25 anos.

Quanto à saliência fônica, as formas do pretérito perfeito se enquadram nos graus 4 (comeu/comemos) e 5 (falou/falamos). No Grau 5 encontramos um maior número de dados, que são de verbos de primeira conjugação, com os quais ocorre a troca da vogal –a por –e (79). No Grau 4, em que encontramos verbos da segunda (80) e terceira conjugação (81), a troca da vogal temática é mais difícil de ocorrer, mas ainda assim temos 12 dados dessa natureza em nosso *corpus*, que são dos verbos *ir (fumo)*, *descer (descimo)*, *beber (bebimo)*, *aprender (aprendimo)*, *morrer (morrimo)* e *correr (corrimento)*.

(79) um ano **nós estudemo** no posto de saúde... porque eles tavam reformando a escola (CEL14: feminino, 15-25 anos. Ens. Fund. I)

(80) Uhum... aquela professora nin/... oh nós ia pra escola... **nós não aprendimo** muita coisa nessa escola justamente porque nós ia com medo pra escola (CEL 45: masculino, 50 ou + anos, Ens. Fund. II).

(81) cheguemo... tomemo banho e **fumo** dormir (CEL 21: masculino, 15-25 anos, Ens. Fund. II)

Em Vitória/ES não foram registradas ocorrências análogas a “falemo” ou “bebimo”, assim como também não encontramos referência a esse fenômeno nos trabalhos de

Omena (2003), Lopes (2003), Tamanine (2010) Rubio (2012) e Mattos (2013). Isso nos faz acreditar que esse traço pode ser mais característico de variedades rurais. Como nota Bortoni-Ricardo (2011, p. 235), “na variedade caipira, a variante /mu/ geralmente coocorre com a mudança da vogal temática (/a/ > /e/) nos pretéritos da primeira conjugação”.

É interessante observarmos que esse é um traço verificado na variedade popular do PE, como notado por Naro e Scherre (2007). Os autores localizam em terras lusitanas “a origem de estruturas linguísticas portuguesas não padrão, que em função de uma confluência de motivações, se ampliaram e se tornaram visíveis em terras hoje brasileiras” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 23). Partindo desse pressuposto, podemos pensar na elevação da vogal temática em verbos de primeira conjugação na 1PP como uma herança do português popular europeu que ainda se conserva na área rural do Brasil. Scherre (2007, p. 17) salienta que essas raízes linguísticas lusitanas “com mais intensidade, se revelam nas falas e nas bocas dos brasileiros que tiveram pouco acesso aos bancos escolares ou que habitam as áreas rurais e as periferias das grandes cidades”, como é o caso dos falantes da nossa amostra de Santa Leopoldina. “Quem conhece a fala da área rural brasileira pode vê-la consistentemente nos registros da dialetologia europeia”. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 130).

A elevação da vogal temática pode ser encontrada em vários trabalhos dialetológicos²¹ do PE, entre os quais citamos o de Braga (1971), sobre a comunidade de Quadrazais – centro leste de Portugal: aldeia do concelho de Sabugal:

[...] Nos verbos da 1ª conjugação, a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo termina em -êmos em vez de -amos: andemos, falêmos. Esta terminação é explicada por Leite de Vasconcelos “como resultante da influência do vocalismo de temos e havemos”.

A mesma terminação -êmos aparece no pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1ª conjugação, devido à influência analógica da 1ª pessoa do singular: e da 1ª pessoa do plural dos verbos da 2ª conjugação (BRAGA, 1971, p. 145).

²¹ As obras da dialetologia europeia foram gentilmente cedidas para consulta pela professora Maria Marta Pereira Scherre.

Em nossos dados, a elevação da vogal temática só ocorre no pretérito perfeito, não encontramos nenhuma ocorrência de presente do indicativo com terminação *-emo*. É bom ressaltar também, que, em nossa comunidade de fala, nesse tipo de construção, o “s” é sempre suprimido.

5.2.4 Concordância não padrão 2: nós + 3PP – algumas ponderações

Para a rodada da concordância não padrão com a 3PP, foram selecionados apenas os fatores sociais faixa etária e gênero/sexo. Esse tipo de concordância só ocorre com alguns verbos específicos no tempo presente: *ser*, *ir* e *estar*.

Foram registradas 85 ocorrências dessa natureza, sendo 50 (58,8%) de concordância padrão (82) e 35 (41,2%) de concordância não padrão (83).

(82) [...] **nós somo** lutera::no né? e cada quinze dias a gente tem culto (CEL 40: feminino, 50 ou + anos, Ens. Fundamental II).

(83) [...] aí nós não podemo [inint] mas **nós são** teimoso... [inint] eu gosto muito de cachorro (CEL 5: feminino, 07 a 14 anos, Ens. Fundamental II).

Quanto à variável faixa etária, temos a seguinte configuração: a concordância só é favorecida na faixa de 50 ou + anos e os mais jovens da amostra são os que mais fazem uso da construção *nós + 3PP*.

Tabela 44: Efeito da variável faixa etária na realização da concordância junto ao pronome *nós* no tempo presente com os verbos *ser*, *ir* e *estar* em Santa Leopoldina/ES.

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA	P.R.
07 a 14 anos	8/24	33,3%	0.18
15 a 25 anos	5/13	38,5%	0.26
26 a 49 anos	3/10	30,0%	0.12
50 anos ou +	34/38	89,5%	0.85
TOTAL	50/85	58,8%	

Não é possível fazer generalizações acerca desse tipo de concordância, haja vista o baixo número de dados, mas ainda assim julgamos pertinente apresentar os resultados dessa rodada e apontar algumas direções.

Respeitante ao gênero/sexo, verificamos que as mulheres lideram o uso concordância padrão, com 0.66 de peso relativo, evidenciando que a concordância não padrão *nós + 3PP* é mais marcada e também mais estigmatizada.

Tabela 45 – Atuação da variável gênero/sexo no uso concordância junto ao pronome *nós* no tempo presente com os verbos *ser, ir e estar* em Santa Leopoldina/ES.

GÊNERO/SEXO	APLIC./OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
Masculino	24/44	54,5%	0.34
Feminino	26/41	63,4%	0.66
TOTAL	50/85	58,8%	

Entretanto, como já observado, trata-se antes de uma questão fonética e muito menos perceptível do que a ausência de concordância com esses verbos (*nós é, nós vai e nós (es)tá*).

6. CONCLUSÕES

Investigamos, neste trabalho, a primeira pessoa do plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina, abordando tanto a variação *nós/ a gente* quanto a concordância verbal junto ao pronome *nós*. Procuramos estabelecer também uma comparação dos nossos resultados com os de Mendonça (2010) a fim de evidenciar a distribuição geográfica (urbano *versus* rural) na análise do fenômeno em estudo no Espírito Santo. Nossa hipótese de que no interior a frequência de uso do pronome canônico seria maior do que na capital do estado se confirma em nossos resultados: em Santa Leopoldina *nós* é favorecido em 46,1% das ocorrências de pronome de primeira pessoa do plural, ao passo que em Vitória a frequência de uso deste pronome cai para 29,2%.

A atuação do fator social faixa etária é o que mais diferencia o comportamento linguístico dos leopoldinenses e dos capixabas moradores de Vitória. Na capital do estado, assim como em várias outras regiões brasileiras, os jovens são os que mais favorecem o uso da forma inovadora, apontando, em tempo aparente, uma mudança em progresso. Entretanto, na zona rural de Santa Leopoldina os resultados não nos permitem falar em mudança, visto que os jovens favorecem acentuadamente o pronome canônico (0,78 de peso relativo na faixa etária de 07 a 14 anos) e a única faixa etária que favorece *a gente* é a que compreende os falantes entre 26 a 49 anos. Para essa configuração da faixa etária, temos duas possibilidades de interpretação: trata-se de gradação etária, mais especificamente relacionada ao mercado ocupacional (*linguistic marketplace*) ou de um modo de afirmação de identidade linguística e social. Um estudo de redes sociais seria importante para discutir essa questão.

A variável gênero/sexo, quando associada à faixa etária, também se mostra muito importante na análise da alternância pronominal *nós/ a gente* em Santa Leopoldina. As mulheres, de um modo geral, são as que mais favorecem a forma inovadora, entretanto, na idade de plena inserção no mercado de trabalho (26 a 49 anos), são os homens que assumem a liderança no uso de *a gente*. Comportamento semelhante também ocorre para o fenômeno da concordância verbal com o sujeito *nós*: apesar de a variável gênero/sexo não ter sido selecionada pelo GoldVarb X,

observamos que as mulheres têm uma índice de concordância maior do que os homens, mas os homens, na faixa de 26 a 49, passam a fazer mais concordância do que elas e isso se mantém na faixa de 50 ou mais anos. Os papéis sociais assumidos por homens e mulheres na organização da comunidade rural de Santa Leopoldina são fundamentais para a compreensão dos fenômenos em estudo e isso, de certa forma, também é algo que distingue Santa Leopoldina de Vitória.

Assim como ocorre em Vitória, a variável escolaridade não é estatisticamente significativa, mostrando que o prestígio está, predominantemente, nas relações sociais entre os falantes, independentemente da escola e/ou da gramática.

A variável estilística interação com a entrevistadora mostra um uso maior do pronome *nós* quando a entrevistadora é mais próxima à comunidade (0.68), o que corrobora a hipótese de que o *nós* pode ser entendido como marca de identidade local.

Quanto aos fatores linguísticos, os resultados de Santa Leopoldina seguem a tendência de Vitória e de outras regiões brasileiras (Curitiba/PB, Rio de Janeiro/RJ, Iboruna/SP, Goiás/GO). Para a variável paralelismo linguístico, há um favorecimento da forma inovadora quando é precedida de *a gente* explícito ou implícito. Concernente à referencialidade, vemos que *a gente* é preferido no tipo de referência mais genérica, mas está assumindo também contextos de referência mais específica. No que diz respeito à explicitude, notamos que a forma mais nova é favorecida nos casos de sujeito explícito. Já para a atuação da função sintática, observamos que, na posição de sujeito, o peso relativo é neutro (0.51), e as posições que favorecem *a gente* são as de objeto direto (0.80) e adjunto adverbial (0.55).

Destaca-se, porém, entre os fatores linguísticos, a variável tempo verbal associada à saliência fônica. A variável tempo verbal é de extrema importância, mas dentro do tempo existe uma escala de saliência que atua na escolha do falantes, sobretudo no caso do presente. Na verdade, como discutido na análise da concordância, o fator preponderante é a neutralização: os verbos que apresentam neutralização entre presente e pretérito perfeito favorecem o uso de *a gente*; entre os verbos que não

têm neutralização, há uma hierarquia conforme o nível de saliência, sendo que os mais salientes da escala (é/somos) desfavorecem a forma inovadora em 0.40.

O pretérito perfeito, independentemente da saliência (Grau 4 ou 5), sempre desfavorece *a gente* (0.34 e 0.23). Já o pretérito imperfeito (Grau 1 de saliência), tempo em que ocorrem as proparoxítonas, ao contrário do que esperávamos, não favorece a forma inovadora (0.43), fato este que se relaciona ao uso praticamente categórico de *nós* sem concordância nesse tempo verbal. Parece que os falantes não avaliam a não concordância nesse contexto como fonte de estigma: se todos da comunidade fazem esse uso e isso não é visto de modo negativo, não há razões para a substituição de *nós* por *a gente* no pretérito imperfeito.

O futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal, ambos com Grau 6 de saliência, favorecem a forma *a gente* (0.61 e 0.78).

No caso da análise do fenômeno da concordância junto ao sujeito *nós*, notamos que o fator preponderante é o tempo verbal. Em Santa Leopoldina, só há variação de concordância no tempo presente. No pretérito perfeito, a concordância é quase categórica (99,7%), corroborando a afirmação de Naro, Gosrki e Fernandes (1999) de que a desinência *-mos* está se especializando como marca de pretérito (perfeito), para desfazer a ambiguidade que há com o tempo presente. No pretérito imperfeito, a não concordância é que é praticamente categórica (99,6%), estratégia utilizada pelo falante para evitar as proparoxítonas. No futuro do subjuntivo e no infinitivo pessoal, apesar de haver poucos dados, também existe um efeito categórico de não concordância.

Para as rodadas da concordância com o tempo presente, contexto em que de fato há variação, os fatores faixa etária, saliência fônica e/ou neutralização e interação com a entrevistadora foram considerados significativos.

A atuação da faixa etária demonstrou que os dois grupos mais jovens da amostra desfavorecem a concordância. Saliência fônica e neutralização foram variáveis controladas em rodadas diferentes para que obtivéssemos convergência. Quanto à neutralização, os resultados seguem o esperado, o presente com neutralização

desfavorece a concordância (0.16). Já a saliência demonstra que são os verbos mais salientes os favorecedores da concordância, ao passo que os menos salientes da escala, que são em sua maioria verbos com neutralização, desfavorecem esse uso. Na verdade, defendemos que o fator determinante na análise da concordância no tempo presente é a neutralização, mas observar a saliência também é importante, pois no grupo de verbos sem neutralização há comportamentos diferentes de acordo com os graus de saliência e talvez com as características morfológicas. Essa é uma questão que merece um aprofundamento. A variável interação com a entrevistadora só foi selecionada na rodada com o controle da neutralização, ou seja, quando segmentamos os verbos em mais grupos, ela não se mostra significativa. Os resultados indicaram que na interação com a entrevistadora que é da Grande Vitória o uso da concordância é favorecido (0.70). A não aplicação da concordância padrão de 1PP parece mesmo estar associada a falantes do interior ou da zona rural e carregar bastante estigma. Por isso os leopoldinenses, quando estão diante de alguém da cidade, para evitar a não concordância, substituem com mais frequência o *nós* por *a gente* e, nos contextos em que ainda usam a forma mais conservadora (*nós*), não deixam de realizar a concordância padrão na mesma proporção que o fazem quando estão interagindo com os seus pares.

No pretérito perfeito, temos a ocorrência do que denominamos concordância não padrão 1, que são os casos em que há elevação da vogal temática. Em nossa comunidade de fala isso ocorre não só com os verbos de primeira conjugação (*falemo*), mas também há alguns registros de verbos de segunda e terceira conjugação com elevação de vogal temática (*corrimo, bebimo, fumo, descimo*). Acreditamos que esse tipo de concordância se constitua também em um modo de marcar que se está falando no passado, e não no presente. E essa parece ser uma marca da variedade rural do PB. Os fatores faixa etária e saliência fônica foram os únicos selecionados na análise desse fenômeno. As faixas etárias intermediárias são as que desfavorecem a concordância padrão (0.21 e 0.35) e o uso mais acentuado da concordância não padrão com a troca da vogal temática ocorre com o Grau 4 de saliência, no qual se encaixam os verbos da primeira conjugação.

Por fim, destacamos também os casos de concordância não padrão 2, que ocorrem com os verbos *ser*, *estar* e *ir* na 3PP (*nós são/(es)tão/vão*). São poucos os dados dessa natureza (35 de 85), mas que apontam algumas direções. São as três faixas etárias mais jovens que lideram esse uso, a concordância padrão só é favorecida na faixa de 50 ou mais anos; e também são os homens os que mais usam esse tipo de concordância não padrão.

Então, por ora, podemos apontar como marcas da comunidade rural em estudo, em contraposição à variedade urbana capixaba representada pela capital Vitória: um maior uso do pronome *nós*, a ausência de concordância de 1PP e a elevação da vogal temática em verbos no pretérito perfeito.

Esta pesquisa não se esgota aqui e evidencia a importância de se estudarem comunidades rurais do PB, que são de grande relevância para o entendimento da mudança linguística. Nossos resultados confirmam que a implementação da forma inovadora se processa de modo diferente na capital do estado e na comunidade rural em estudo, e há uma atuação muito forte dos fatores sociais, reflexo da diferença de organização dessas comunidades. Os dois fenômenos estudados, alternância pronominal e concordância, estão intimamente imbricados e há um encaixamento linguístico e social muito grande.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, V. de A. *Geolinguística e conhecimento da sócio-história do português do Brasil*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n.10/2, p. 285-297, dez. 2007.
- ARANHA, Graça. *Canaã*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. – São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BENFICA, Samine de Almeida. *Os “nós” da concordância verbal na fala capixaba*. Artigo apresentado como requisito parcial de nota para conclusão de disciplina de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo. 2013.
- BENFICA, S.; SCHERRE, M. M. P. *Os “nós” da concordância verbal na fala capixaba*. Comunicação apresentada no II Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, realizado em Vitória/ES, em outubro de 2013.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.
- BORGES, P. R. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico- social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese de doutorado. UFRS: Porto Alegre, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRAGA, F. C. *Quadrazais – Etnografia e linguagem*. Licenciatura em Filologia Românica – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1971.
- CALMON, E. N. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória*. Dissertação de mestrado. Ufes: 2010.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. rev.. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEZÁRIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

- COELHO, R. F. *É nós na fita!* Duas variáveis linguísticas na periferia de São Paulo. (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo). Dissertação de mestrado. USP: 2006.
- COSERIU, E. *La geografía lingüística*. Facultad de Humanidades y Ciencias – Revista Universidad de la Republica Montevideo – Uruguay, n. 14, diciembre, 1955.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DISTRIBUIÇÃO populacional no Espírito Santo: resultados do censo demográfico de 2010. Resenha de conjuntura. IJSN, Vitória, ano IV, n. 27, maio 2011.
- FERNANDES, E. A. *Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa*. Dissertação de mestrado. UFPB, 1996. Bernadete M. Abaurre e Angela C. S. Rodrigues (Orgs.). *Gramática do Português Falado*.
- FERNANDES, E.; GORSKI, E. *A concordância verbal com sujeitos nós e a gente: um mecanismo do discurso em mudança*. UFBA, 1986, p. 175-183.
- GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras: Espírito Santo 1874 – 1900*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HISTÓRIA do município. Disponível em: <http://www.santaleopoldina.es.gov.br/>. Acesso em 25/02/2013.
- IBGE – Cidades – Santa Leopoldina-ES. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450#>. Acesso em: 25/02/2013.
- ÍNDICE de desenvolvimento humano: municipal, 1991 e 2000 – todos os municípios do Brasil. Disponível em: [http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20\(pelos%20dados%20de%202000\).htm](http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20(pelos%20dados%20de%202000).htm). Acesso em 25/02/2013.
- KOCH, I. G. V. Referenciação. In:_____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 49-79.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LOPES, C. R. S. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana, 2003.
- MAIA, F. P. S. *A variação nós a gente no dialeto mineiro: investigando a transição*. Revista da Abralín, v. 8, n. 2, p. 45-70, jul/dez. 2009.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Tese de doutorado. UnB: 2013.

MENDES, R. B. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 121-140.

MENDONÇA, A. K. de. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. Dissertação de mestrado. Ufes: 2010.

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. New York: Routledge, 2006.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTI, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-51.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-25.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. *Change without change*. Language variation and change, Cambridge, v.11, n.2, p.197-211, 1999.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEVES, M. H. de M.. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OMENA, N. P. *Projeto subsídios sociolinguísticos do projeto censo à educação*. Vol. II. Relatório final apresentado ao FINEP, out/1986.

_____. *Referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?* In.: PAIVA, M. C.; DUARTE, E. L. (Orgs.). *Mudança em tempo real*. Rio de Janeiro: Capa Livraria, 2003, p. 63-80.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

PAREDES SILVA, V. L. Por trás das freqüências. *Organon*. Porto Alegre, v. 5, n 18, UFGRS, 1991.

PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Geográfica, 1998.

_____. *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

PROGRAMA de assistência técnica e extensão rural PROATER 2011-2013. Santa Leopoldina. Planejamento e programação de ações (2011). Disponível em: http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Centro_cerrano/Santa_Leopoldina.pdf. Acesso em 25/02/2013.

ROSS, T.; ESHIUS, M; *Os capixabas holandeses: uma história holandesa no Brasil*. Tradução: Ruth Stefanie Berger, 2008.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. Tese de doutorado. UNESP: 2012.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: variable rule application for Macintosh and Windows*. Torontonto: University of Toronto, 2005.

SCHERRE, M. M. P. *Paralelismo linguístico*. Revista de estudos da linguagem. Faculdade de Letras da UFMG. Vol. 7, nº 2, 1998, p. 29-59.

SCHERRE, M. M. P. Introdução In: NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCHWARZ, F. *O município de Santa Leopoldina*. Vitória: [s.n.], 1992.

SILVA, I; COELHO, I. *Nós e a gente – camaleões referenciais no desenrolar do discurso*. Gláuks – Revista de Letras e Artes. Estudos Literários / Universidade Federal de Viçosa; Departamento de Letras. v. 10, n. 1, 2010, p. 39-57.

SEARA, I. C. *A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana*. Organon, Porto Alegre, 2000, p. 179-194.

TAGLIAMONTE, S. *Variationist Sociolinguistics: change, observation, interpretation*. While-Blackwell, 2012

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal NÓS / A GENTE e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba-PR*. Tese de doutorado. UFPR: 2010.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. *Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos*. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

_____. *Normalização de referências: NBR 6023:2002*. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

VIANNA, J. B. de S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. (Tradução Marcos Bagno) *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. São Paulo: Parábola, 2006.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa L; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. PROJETO PORTVIX: A FALA DE VITÓRIA/ES EM CENA. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.

ZILLES, Ana Maria S. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* Letras de Hoje. Porto Alegre: 2007, p. 27-44.

ANEXO A - Roteiro base para a realização das entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA INFORMANTES DE 7 - 14 ANOS

- Quais as atividades que você mais gosta de fazer?
- O que você acha da cidade de Santa Leopoldina?
- Você gostaria de morar em outro lugar? Onde? Por quê?
- Qual é o país que você mais gostaria de conhecer? Por quê?
- O que você acha do nosso país?
- Você gostaria de viajar sozinho? Por quê?
- Você costuma viajar com sua família? Pra onde você já foi?
- Pra que lugar você gostaria de viajar se tivesse dinheiro pra gastar? Por quê?
- Qual foi a maior travessura que você fez na escola?
- O que você acha dos seus professores? Qual é o seu preferido? Por quê?
- Qual foi seu pior professor? Como ele era?
- Em qual matéria você é melhor e em qual tem mais dificuldade?
- Você gosta da sua escola? Como é a coordenadora?
- Você já fez algum passeio com a sua escola? Pra onde? Como foi?
- Conte uma coisa engraçada que você fez ou viu alguém fazer.
- O que você costuma merendar na escola ou levar lanche de casa? Por quê?
- Quais são suas brincadeiras preferidas?
- Você já colocou alguma vez? Conte como foi.
- Quem são seus melhores amigos na escola? E fora da escola?
- Você já foi traído por algum amigo? Como foi?
- Você já estudou em outras escolas? Qual a diferença entre elas?
- Você costuma estudar em casa? Seus pais ajudam a fazer o dever de casa?
- Que programa de televisão você mais gosta? Você já assistiu Big Brother? Pra quem você torcia?
- Se a Globo te chamasse pra participar do novo Big Brother, você aceitaria? Por quê?
- Que tipo de filme você gosta? Qual foi o ultimo que você viu?
- Que tipo de livro ou revista você costuma ler?
- Você gosta de novelas? Qual novela você assiste?
- Você tem ideia de qual profissão gostaria de ter? por quê?

- Qual seu ator/atriz favorito? Qual novela ou filme que ele/a fez?
- Aqui em Santa Leopoldina há alguma área de lazer? Você usa essa área? Como?
- O que você gosta de comer? Sua mãe obriga você a comer alguma coisa? Do que você não gosta ou não come de jeito nenhum?
- Você sabe fazer alguma comida? Como você faz?
- Você faz alguma atividade fora da escola?
- Os meninos e as meninas da sua turma já ficaram com alguém? Como é isso pra você?
- Qual o tipo de menino/a que você gosta? Como você acha que seria a pessoa ideal pra você?
- Você acha que algumas coisas só meninos/as podem fazer? por quê?
- Você pretende ter filhos? O que você acha que vai deixar eles fazerem? O que acha que vai proibir?
- Você conhece alguém que usa drogas? Como é isso na sua turma?
- O que você quer pra você no futuro?

SEGURANÇA PÚBLICA

- Você acha Santa Leopoldina uma cidade segura?
- Você acha que a vida no campo é mais tranquila (no sentido da segurança) do que na cidade?
- Sua casa ou a de algum vizinho já foi assaltada? Como foi?
- O que você faz para se proteger da violência?
- O que você acha do porte de arma? Você teria uma arma?
- E a questão do tráfico de drogas, como é em Santa Leopoldina? E na zona rural?
- Como você vê a violência do trânsito? O que você acha que deve ser feito com pessoas que cometem crimes de trânsito?
- O que você acha da Justiça brasileira?

QUESTÕES LOCAIS

- Você gosta de morar em Santa Leopoldina? Por quê? Pretende sair daqui em alguma época? Por quê?
- O que você sabe sobre a história do município?
- Você acha que o desmembramento de Santa Maria de Jetibá foi bom para o município?
- Conhece alguma lenda, algum fato que as pessoas contam que aconteceu aqui?
- A vida aqui é boa? Quais as dificuldades que vocês enfrentam aqui? O que está faltando?
- Você trabalha na roça? Seus filhos e esposa/marido também trabalham?
- O que vocês plantam aqui? Como é o cultivo?
- Você acha que os rios e as matas aqui em Santa Leopoldina são bem preservados?
- Você gosta de trabalhar na roça ou gostaria de ter outro emprego?
- Você começou a trabalhar na roça com quantos anos?
- O que você acha das crianças ajudarem os pais com o trabalho? Você acha que a criança deve trabalhar?
- E sobre a lei para proibir as palmadas? Você concorda com isso ou acha que a criança pode sim levar uma palmadinhas?
- Como foi sua infância? Do que vocês brincavam?
- Você acha que as brincadeiras de hoje ou de antigamente eram mais saudáveis?
- Qual era a sua brincadeira preferida?
- Você já passou por alguma situação em que você teve muito medo? Pode contar o que aconteceu?

S A Ú D E

- Você já teve alguma doença grave? E algum parente ou amigo seu? Como foi passar por isso?
- Você tem problemas de colesterol, hipertensão, diabetes?
- Você tem alergia a alguma coisa? O que acontece quando você tem essa alergia?

- Você acha que as pessoas tomam remédios demais e por conta própria?
- Você confia nos medicamentos genéricos?
- Você usa o SUS? O que você acha do atendimento?
- Você tem plano de saúde? Você acha que é bom? Você acha as mensalidades muito altas?
- Você usa o posto de saúde e o hospital aqui do município? Como é o atendimento?
- Você já passou por alguma situação constrangedora em algum hospital?
- Quando se fala em hospital, o que vem à sua cabeça?
- Aqui no tem coleta seletiva de lixo? O que você acha dessa coleta?
- Você considera Santa Leopoldina uma cidade limpa? E o rios, como são?
- Você acha que a população contribui com a limpeza da cidade?
- O que você acha das campanhas contra o fumo? E as campanhas de prevenção à AIDS?
- Você já passou por alguma cirurgia? Conhece alguém que já passou por uma cirurgia de urgência? Como foi?
- Você possui animais de estimação? Você acha que eles podem transmitir doenças? Você acha que os cachorros são perigosos para a população?
- Você acha que a medicina evoluiu tanto que quase pode levar o homem à imortalidade?
- Qual sua opinião sobre clonagem humana?
- Você doa sangue? Por quê?
- Você acha que as pessoas hoje têm uma vida mais saudável do que antigamente?
- Quais cuidados você toma com sua saúde?

RELIGIÃO

- Qual é a sua religião? Como você se tornou dessa religião?
- Qual é a religião dos seus pais? Eles sempre foram dessa religião?
- Seus filhos também são dessa religião?
- O que você faria se seus filhos não fossem da mesma religião que você?
- Qual a importância da religião na vida das pessoas? E na vida dos jovens?

- Você acha que os jovens de hoje são mais ou menos religiosos do que os de antigamente? Por quê?
- Você sempre vai à igreja? Como você participa da sua igreja?
- Você já levou alguém pra sua igreja? Como foi isso?
- Qual é a história da Bíblia que você mais gosta? Por quê? Como é essa história?
- Como você acha que as pessoas e o mundo são atualmente? Quais são suas crenças?
- Qual sua opinião sobre o dízimo?
- Você acha que uma criança deve ser batizada com qual idade?
- Você já fez ou conhece alguém que fez alguma promessa? Qual?
- Você acha que as festas juninas têm ainda alguma relação com os santos?
- Você acha que as mulheres também poderiam ser sacerdotisas? Por quê?
- Você acha que os padres podem casar? Por quê?

ALIMENTAÇÃO

- Você acha que o brasileiro se alimenta bem? E você também se alimenta bem?
- Você acha que as pessoas da zona rural se alimentam melhor do que as pessoas da cidade? Por quê?
- Qual seu prato preferido? Você sabe prepará-lo? Como é que você faz?
- Você cozinha? Qual sua especialidade? Você pode dar a receita pra gente?
- Quais são os pratos típicos daqui da região? Sabe preparar algum? Como é que faz?
- O que normalmente você come no café da manhã? E no almoço? E no jantar?
- Você acha que a mulher tem de saber cozinhar? Por quê?
- Que tipo de comida faz mal a você?
- Você gosta de doces? Sabe fazer alguma sobremesa?
- Quais são os pratos que sua família costuma preparar para o Natal? E pra Semana Santa?
- Você deixa seus filhos comerem de tudo? O que é proibido por você?

- Você obriga seus filhos a comerem determinados alimentos?
- Alguma comida te dá nojo ou você diz “isso eu não como de jeito nenhum”?
- Você acha que hoje ou antigamente a alimentação é mais saudável?
- Sua família se reúne aos domingos para o almoço? Que comidas vocês comem nessa ocasião?
- Você faz feira! Você acha que os alimentos da feira são melhores ou piores do que os do supermercado!
- Você faz supermercado com ou sem lista?
- Você procura os melhores preços ou os melhores produtos?
- Você é fiel a determinadas marcas de produtos?

EDUCAÇÃO

- Você estudou até que ano? Se você pudesse você teria estudado mais?
- Em que escola você estudou?
- Como era a sua escola? E seus professores? Você gostava de ir para a escola?
- Como você fazia para chegar até a escola?
- Por que você não continuou a estudar? Por que você largou os estudos?
- Se você tivesse estudado mais, que curso você faria?
- Seu marido/filho estudou até que ano?
- Você acha que é importante completar os estudos?
- A escola dos seus filhos é perto da sua casa?
- O que você acha da escola dos seus filhos? E os professores?
- O que você acha do ensino de hoje? Você acha melhor ou pior do que o ensino da sua época?
- Você acha que seus filhos aproveitam de alguma forma o que eles aprendem na escola?
- Você gosta(va) de estudar ou só estuda(va) por obrigação?
- Você acha que a escola modifica de alguma forma o comportamento das crianças? Como?
- Você vai às reuniões na escola do seu filho? O que você acha dessas reuniões?

- Você ajuda seu filho nas tarefas de casa? Como você acha que os pais podem ajudar o filho na escola?
- Você acha que os professores de hoje são melhores ou piores do que os do seu tempo?
- Você tem boas lembranças da escola? Você se lembra de algum caso engraçado ou de alguma confusão muito grande?
- Você acha que o professor influencia muito o aluno, até mesmo na escolha de uma profissão?
- Você acha que a escola contribui pra que seu filho seja uma pessoa melhor? Como?
- Você acha que os alunos têm de fazer prova desde pequenos? E a não-reprovação nos dois primeiros anos, você concorda com isso?

ESPORTE S/LAZER

- Qual é seu esporte preferido? Você o pratica?
- Você acha que a cidade possui bons lugares para a prática de esportes? Você acha que a infra-estrutura é adequada?
- Você torce por algum time?
- O que você acha da atual seleção brasileira? Que mudanças você faria se fosse o técnico?
- Você acha que o Brasil vai ser campeão da próxima copa?
- Quais são as opções de lazer aqui no município?
- Você acha que há necessidade de mais áreas de lazer na cidade? O que você sugeriria para ser construído?
- Você vai aos shows gratuitos que acontecem na cidade? Qual foi o ultimo que você foi?
- E o carnaval da cidade, você gosta? Acha que é importante para o município?
- E quais são as outras festas da região?
- Você acha que Santa Leopoldina tem potencial turístico? Quais são os lugares que você levaria um turista?

ANEXO B – Modelo do termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG nº _____, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre o município de Santa Leopoldina, Espírito Santo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer dado que possa, de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado(a) que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. A pesquisa será realizada pelas alunas-pesquisadoras Camila Candeias Foeger, RG nº XXXXXX, sob a orientação da professora Dra. Lilian Coutinho Yacovenco, e Lays de Oliveira Joel Lopes, RG nº XXXXX, sob a orientação da professora Dra. Maria Marta Pereira Scherre, filiadas à da Universidade Federal do Espírito Santo.

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

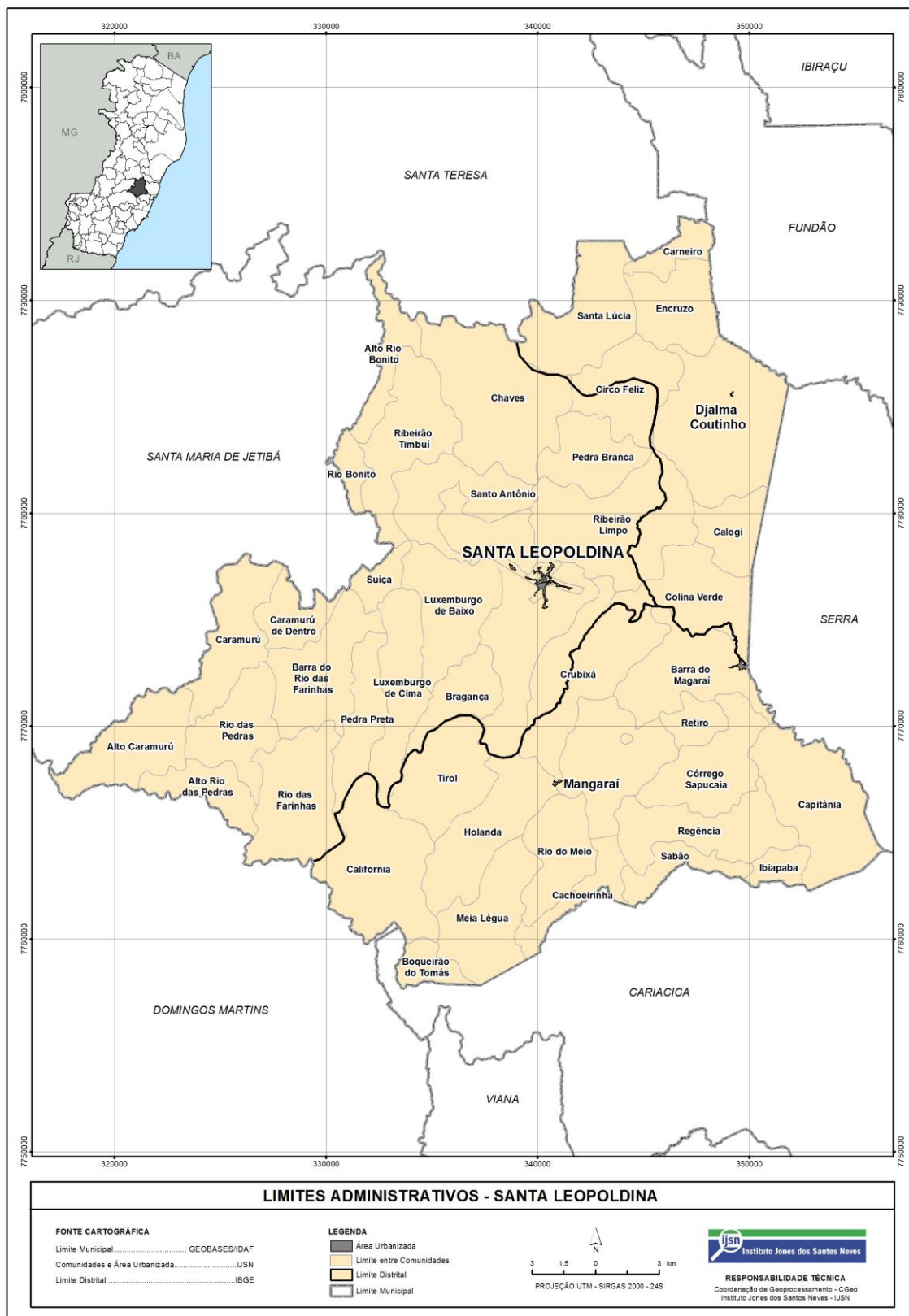
Santa Leopoldina, _____ de _____ de 20____.

(Assinatura)

Obs.: _____

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com Camila Candeias Foeger. Telefones: XXXXXXXX. E-mail milafogger@gmail.com.

ANEXO C – Mapa da divisão territorial do município de Santa Leopoldina/ES



Fonte:

<http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/custom/mapas/municipios/listamapas.php?id=62&nome=Santa+Leopoldina&catid=205>

ANEXO D - Detalhamento das características sociais dos informantes

QUADRO DE INFORMANTES PARA A FORMAÇÃO DE BANCO DE DADOS DA FALA NA ÁREA RURAL DE SANTA LEOPOLDINA/ES

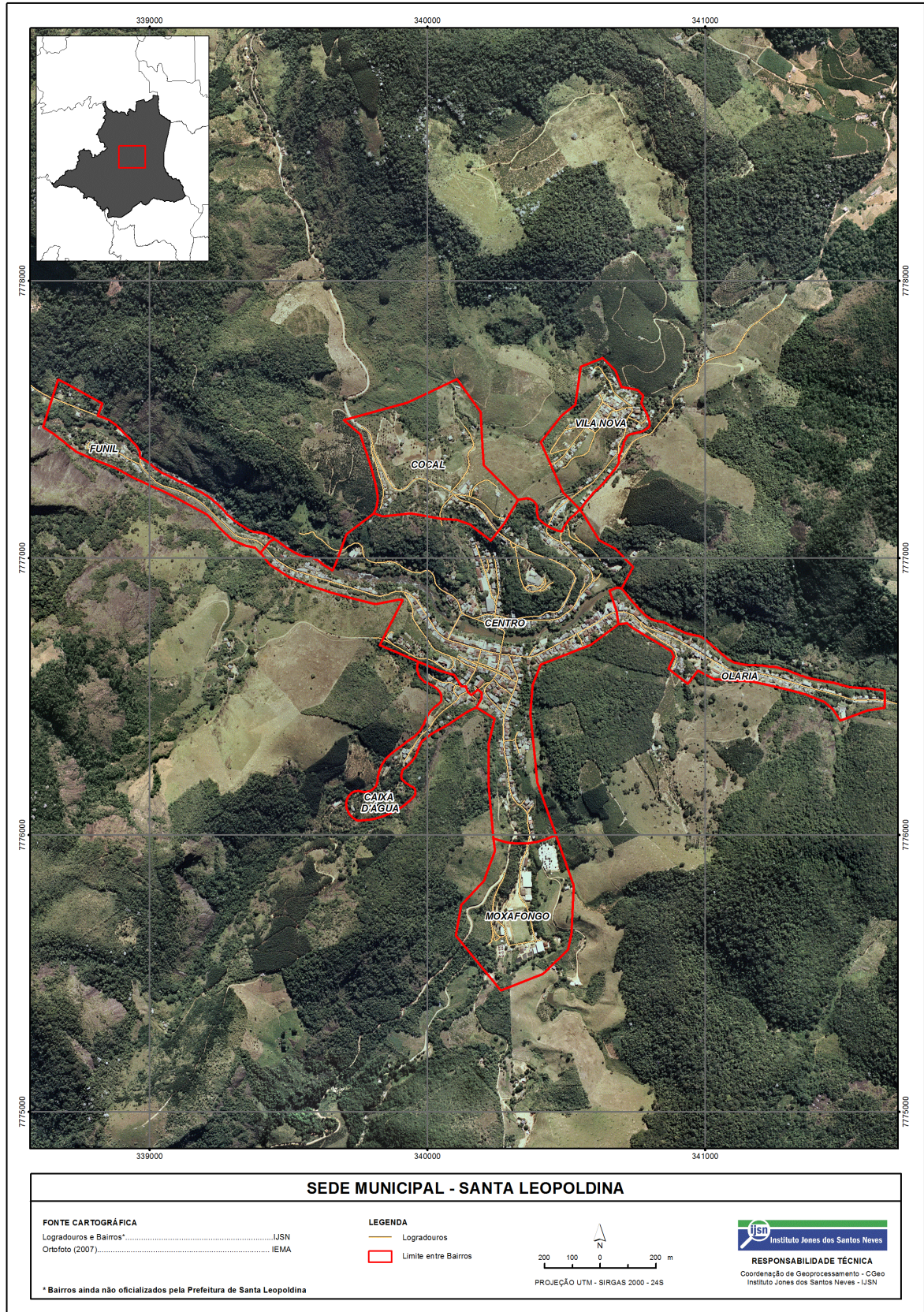
Cel.	Faixa Etária	Gênero	Escolaridade	Localidade	Idade/série
1	07-14	Feminino	Ens. Fund. I	Luxemburgo	8 anos – 3ª série (2º ano)
3	07-14	Feminino	Ens. Fund. I	Santo Antônio	8 anos – 3ª série (2º ano)
5	07-14	Feminino	Ens. Fund. II	Meia Légua	12 anos – 6ª série (7º ano)
6	07-14	Feminino	Ens. Fund. II	Meia Légua	11 anos – 5ª série (6º ano)
7	07-14	Masculino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	4ª série
8	07-14	Masculino	Ens. Fund. I	Santo Antônio	4ª série (5º ano)
10	07-14	Masculino	Ens. Fund. II	Ribeirão dos Pardos	5ª série (6º ano)
11	07-14	Masculino	Ens. Fund. II	Retiro	6ª série (7º ano)
13	15-25	Feminino	Ens. Fund. I	Luxemburgo	23 anos – 4ª série
14	15-25	Feminino	Ens. Fund. I	Cabeceira de Santa Lúcia	15 anos - 4ª série
15	15-25	Feminino	Ens. Fund. II	Retiro	22 anos - 7ª série
16	15-25	Feminino	Ens. Fund. II	Fumaça	16 anos – 8ª série
19	15-25	Masculino	Ens. Fund. I	Luxemburgo	21 anos – 4ª série
20	15-25	Masculino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	22 anos – 5ª série ²²
21	15-25	Masculino	Ens. Fund. II	Rio do Meio	19 anos – 7ª série
22	15-25	Masculino	Ens. Fund. II	Rio do Meio	16 anos – 6ª série

²² Esse informante concluiu a 5ª série, portanto, deveria se classificado com nível de escolarização do Ensino Fundamental II. Porém, para a análise do fenômeno em estudo, considerando que o seu comportamento linguístico está muito próximo do evidenciado pelo falante masculino dessa mesma faixa etária do Ensino Fundamental I e também que ele já está fora da escola há um bom tempo, decidimos considerá-lo como falante do Ensino Fundamental I. Mesmo na área rural, nessa faixa etária, não é muito fácil encontrarmos informantes que não tenham iniciado o segundo ciclo do Ensino Fundamental, pois, na atualidade, as condições de acesso à escola estão bem mais facilitadas.

25	26-49	Feminino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	39 anos- 4ª série
26	26-49	Feminino	Ens. Fund. I	Suíça	48 anos – 1ª série
27	26-49	Feminino	Ens. Fund. II	Santo Antônio	33 anos – 6ª série
28	26-49	Feminino	Ens. Fund. II	Fumaça	45 anos – 8ª série
31	26-49	Masculino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	40 anos – 4ª série incompleta
32	26-49	Masculino	Ens. Fund. I	Suíça	40 anos – 4ª série
33	26-49	Masculino	Ens. Fund. II	Suíça	28 anos – 7ª série
34	26-49	Masculino	Ens. Fund. II	Ribeirão dos Pardos	27 anos – 7ª série
37	50...	Feminino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	72 anos – 1ª série
38	50...	Feminino	Ens. Fund. I	Suíça	76 anos – 1ª série
39	50...	Feminino	Ens. Fund. II	Holandinha	72 anos – projeto Apronte ²³
40	50...	Feminino	Ens. Fund. II	Holandinha	54 anos- 5ª série
43	50...	Masculino	Ens. Fund. I	Suíça	53 anos – 4ª série
44	50...	Masculino	Ens. Fund. I	Suíça	73 anos – 1ª série primário incompleto
45	50...	Masculino	Ens. Fund. II	Ribeirão dos Pardos	55 anos – 8ª série
46	50...	Masculino	Ens. Fund. II	Meia Léguas	53 anos – 7ª série

²³ Não é tarefa fácil encontrar informantes com esse perfil na área rural, normalmente as pessoas acima de 50 anos só tiveram acesso ao nível mais básico (ensino primário) de escolaridade. Essa informante concluiu o primeiro ciclo do ensino fundamental e disse que participou de um denominado Projeto Apronte (não encontramos referência a esse projeto), o qual preparava as pessoas para lecionar. Considerando, então, que a informante estudou um pouco além da quarta série e atuou como professora na comunidade em que vive, decidimos considerá-la como pertencente ao Ensino Fundamental II.

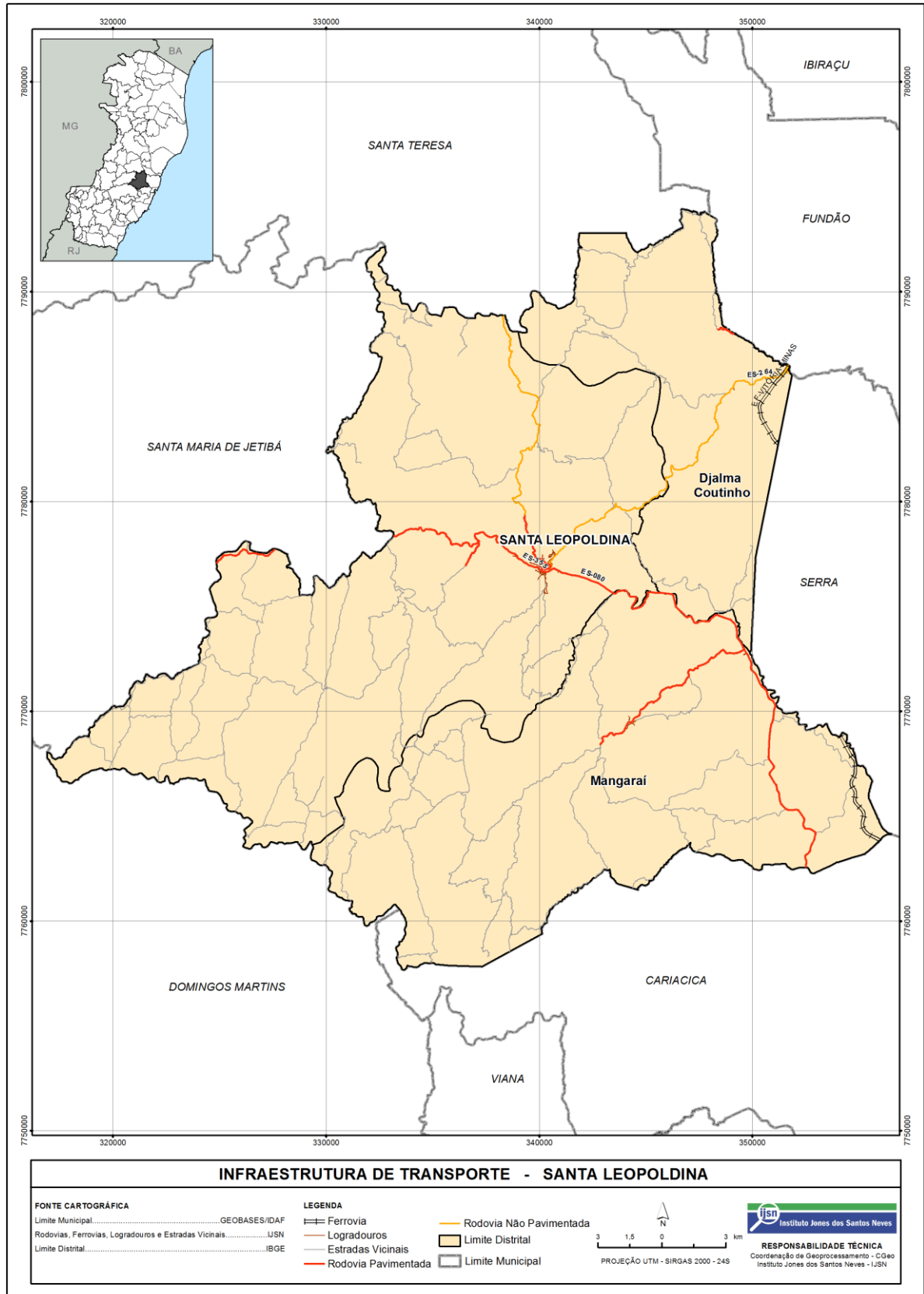
ANEXO E – Mapa panorâmico do centro da cidade de Santa Leopoldina/ES.



Fonte:

<http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/custom/mapas/municipios/listamapas.php?id=62&nome=Santa+Leopoldina&catid=205>

ANEXO F – Mapa da malha rodoviária do município de Santa Leopoldina/ES.



Fonte:

<http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/custom/mapas/municipios/listamapas.php?id=62&nome=Santa+Leopoldina&catid=205>